

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

VERA DAILCE PAIVA MONTEIRO

PAISAGEM E MEMÓRIA: O MANGUEZAL DO JEQUIÁ NA CONSTRUÇÃO DA
MEMÓRIA DE UMA COLÔNIA DE PESCADORES NA ILHA DO GOVERNADOR

Rio de Janeiro

2005

VERA DAILCE PAIVA MONTEIRO

PAISAGEM E MEMÓRIA: O MANGUEZAL DO JEQUIÁ NA CONSTRUÇÃO DA
MEMÓRIA DE UMA COLÔNIA DE PESCADORES NA ILHA DO GOVERNADOR

Dissertação apresentada à Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Memória
Social e Documento.

Orientadora: Professora Doutora Vera Lucia Doyle Dodebei

Rio de Janeiro

2005

VERA DAILCE PAIVA MONTEIRO

PAISAGEM E MEMÓRIA: O MANGUEZAL DO JEQUIÁ NA CONSTRUÇÃO DA
MEMÓRIA DE UMA COLÔNIA DE PESCADORES NA ILHA DO GOVERNADOR

Dissertação apresentada à Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Memória Social e Documento.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Vera Lucia Doyle Dodebei
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIRIO

Prof^a Dr^a Regina Abreu
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIRIO

Prof^a Dr^a Myriam Sepúlveda dos Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UERJ

A Cely de Oliveira Paiva, mulher que lutou contra as adversidades que a vida lhe impôs para atingir suas metas como profissional, cuja trajetória me serviu como exemplo e de quem tenho a honra de ser filha.

A todos os moradores da Colônia Z-10, que junto comigo, construíram esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos Espíritos de Luz, que me guiaram e me deram a oportunidade de realizar esse trabalho, sonho profissional idealizado por tanto tempo, e tantas vezes adiado. Não caminhei sozinha. Ao longo do trajeto tive a companhia de pessoas, sem as quais eu não teria conseguido chegar ao fim.

Meus mais profundos agradecimentos a meu pai, que me ensinou valores fundamentais como disciplina, humildade e responsabilidade, que norteiam minha vida pessoal e profissional e a minha mãe, que nunca me deixou desistir do sonho do Mestrado. A Débora e Denise, minhas filhas queridas, pelo estímulo e compreensão nos momentos de desgaste físico e emocional e pelas ausências; a Tuninho, pela inestimável colaboração técnica e pelo carinho com que me acolheu e confortou nos momentos difíceis da caminhada e ao Dudu, pelas fotografias tiradas da colônia. À Cilene, pela infra-estrutura doméstica e pelos cafezinhos “salvadores” servidos enquanto eu trabalhava e a Íris Vitória, que me alegrou com suas gracinhas, amenizando a sisudez da tarefa.

Sou profundamente grata à direção do Colégio Andrews, que reduziu a minha carga horária, para que eu pudesse cursar algumas disciplinas; ao Prof. Lauro, que me substituiu, muito obrigada.

A todos os professores e colegas do curso, especialmente à minha orientadora Professora Vera Lucia Doyle Dodebei, presente em todos os momentos

da elaboração dessa dissertação, às Professoras Regina Abreu e Myriam Sepúlveda, pelas valiosas contribuições dadas à construção do meu objeto no Exame de Qualificação e à Blanca, colega de turma, a quem eu devo a sugestão da leitura que inspirou e norteou os rumos da pesquisa.

Meu carinho e minha gratidão à amiga Cleide, com quem estudei para as provas de ingresso no curso, mas que, infelizmente, não esteve comigo nas etapas seguintes, à Virgínia e Ilza, colegas de trabalho, pelas trocas de idéias e pelo sonho sonhado juntas. Finalmente, quero externar meu carinho à colega Solange, por facilitar a impressão do texto final, e a Sheila e Paulo, pela tradução

Sou muito grata também a todos os meus alunos, pois com eles e munida da bagagem que o Mestrado me propiciou, pude me tornar uma professora melhor.

Agradeço também a toda a população da Colônia Z-10, especialmente ao Zé Luís, que colocou a serviço da pesquisa todo o seu acervo, sempre me recebendo da forma mais gentil possível.

Finalmente, quero agradecer a todos aqueles que, mesmo sem saber, representando obstáculos a serem superados, me serviram como estímulo para seguir adiante.

“[...] se toda a história da paisagem no Ocidente de fato não passa de uma corrida insensata rumo a um universo movido à máquina, sem a complexidade de mitos, metáforas e alegorias, no qual o árbitro absoluto do valor é a mediação e não a memória, no qual nossa inventividade constitui nossa tragédia, então estamos presos no mecanismo de nossa autodestruição”
(SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 24).

RESUMO

Esta dissertação analisa a dimensão simbólica da paisagem natural representada pelo Manguezal do Jequiá na construção da memória coletiva da Colônia de Pescadores Z-10 localizada na Ilha do Governador, Estado do Rio de Janeiro. A poluição da Baía de Guanabara, dentro da qual a colônia e o manguezal estão inseridos provocou a diminuição das espécies animais, da atividade pesqueira e a alteração da atividade que caracterizava o grupo. Mudou o espaço, mudaram os homens, mudou a sua memória. Utilizando as técnicas etnográficas da observação participante, procurou-se apreender o significado do manguezal para os pescadores, seus descendentes e pessoas não ligadas à pesca, tomando por hipótese o fato de que as práticas inadequadas da população local em relação àquele ecossistema derivam da sua representação simbólica. Concluiu-se com a apresentação das sugestões, síntese das narrativas da população local, sobre a necessidade do estabelecimento de política de conscientização da população sobre o valor mítico e sagrado que ela atribui ao ecossistema, bem como da certeza de que a descaracterização dos traços originais da Colônia Z-10, causada pela globalização, produz um efeito contrário, alterando constantemente a memória e a identidade do grupo, apoiadas sobre novas relações homem-natureza.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the symbolic dimension of the natural landscape represented by the Jequiá Mangrove (“Manguezal do Jequiá”) in the building-up of the collective memory, pertaining the Z-10 fishery community, situated at Ilha do Governador, Rio de Janeiro State. The Baía de Guanabara pollution as a community and mangrove background, caused animal species and fishery shortages, besides the changes of the characteristic group activity. The space, the men, the memory, all changed. Through the utilization of ethnographic technics of the participative observation, it was sought to apprehend the real meaning of the mangrove to the fishermen, their offspring and the people unrelated to fishery, using as hypothesis the fact that unsuitable practices performed in that ecosystem by the local community arise from its symbolic representation. In the conclusion, hints are made, synthesis of the local community’s narrative talks, about the need of establishment of a conscience policy with emphasis in the mythic and holy values attributed to the ecosystem by the population, as well as about the certainty that a deep alteration of the original characteristics of Z-10, stimulated by globalization, has an inverse outcome, often altering the memory of the group and its identity, having as basis new man-nature interactions.

SUMÁRIO

1 DA LEITURA DO MANGUEZAL DO JEQUIÁ À CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM E MEMÓRIA NA COLÔNIA Z-10	11
1.1 A ESCOLHA DA COLÔNIA Z-10 COMO OBJETO DE PESQUISA	12
1.2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	17
2 A COLÔNIA Z-10: ORIGEM, PROCESSO DE OCUPAÇÃO E MEIO AMBIENTE	37
2.1 A BAÍA DE GUANABARA E A ILHA DO GOVERNADOR: BERÇOS DA COLÔNIA Z-10	38
2.1.1 A ILHA DO GOVERNADOR: CARACTERÍSTICAS NATURAIS E PROCESSO DE OCUPAÇÃO	40
2.1.2 A COLÔNIA Z-10: ORIGEM E PANORAMA SÓCIO-ECONÔMICO	53
2.1.3 CARACTERÍSTICAS NATURAIS E PROCESSO DE OCUPAÇÃO DOS MANGUEZAIS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	61
3 MEMÓRIA COLETIVA, IDENTIDADE E PAISAGEM NATURAL DA COLÔNIA Z-10	70
3.1 AS VISITAS EXPLORATÓRIAS	71
3.2 “MERGULHANDO” NO MANGUEZAL: DESAFIOS E DESCOBERTAS	76
3.2.1 CONSTRUINDO A MEMÓRIA DA COLÔNIA	78
3.2.2 AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DO MANGUEZAL	84
3.2.2.1 OS PESCADORES E SEUS DESCENDENTES	84
3.2.2.2 OS NÃO-PESCADORES	99

4 A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO MANGUEZAL DO JEQUIÁ	
.....	103
REFERÊNCIAS	114
ANEXO 1 Termo de doação da Colônia Z-10	119
ANEXO 2 Entrevistas com os moradores da Colônia Z-10	120
ANEXO 3 Guias de controle da Marinha	220

1 DA LEITURA DO MANGUEZAL DO JEQUIÁ À CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM E MEMÓRIA NA COLÔNIA Z-10



Foto aérea do Manguezal do Jequiá, aparecendo, na parte central , à esquerda, a Colônia Z-10 (foto cedida por Zé Luís)

1.1 ESCOLHA DA COLÔNIA COMO OBJETO DE PESQUISA

Esse trabalho tem como tema a paisagem natural na formação da memória coletiva. Um dos elementos constituintes da memória, juntamente com as pessoas e os acontecimentos (POLLAK, 1992, p.201), os espaços são formados por elementos naturais e sociais, cuja interação se mostra através das paisagens, que, assim, refletem a ação dos homens sobre um estrato físico. As ações humanas, por sua vez, são realizadas tendo por base suas práticas culturais (suas crenças, seus valores, suas inserções em variados grupos sociais). As paisagens constituiriam, então, textos culturais, que poderiam ser lidos de diferentes formas, todas igualmente válidas. Uma dessas formas seria aquela ligada à sua dimensão simbólica para um determinado grupo social. Para desenvolver esse tema escolhemos a Colônia Z-10, na Ilha do Governador, como o objeto a partir do qual as relações entre paisagem e memória serão investigadas.

A escolha da Colônia Z-10 como o objeto da pesquisa se deveu a uma conjugação de fatores ligados à minha vivência enquanto moradora da Ilha do Governador e à minha formação em Geografia, que desenvolveu minhas preocupações com as relações homem-meio; a escassez de trabalhos sobre a Ilha do Governador também pesou nessa decisão.

A idéia inicial do anteprojeto de pesquisa foi sendo melhor delineada, à medida em que foram efetuadas as leituras propostas pelas disciplinas do curso e travadas as ricas discussões ao longo das aulas, durante as quais o objeto da pesquisa foi sendo coletivamente construído. Foram fundamentais as contribuições de todos os professores e colegas de turma nesse processo, sem os quais o trabalho não teria chegado a essa forma.

Dois momentos foram particularmente importantes na construção do objeto: o primeiro deles ocorreu durante o curso da disciplina Instituição e Documento, ministrado pela professora Icléia Thiesen, com a leitura de Canclini (1994). Nesse trabalho o conceito de patrimônio cultural é ampliado com a incorporação dos espaços físicos aos outros elementos. Os conceitos de patrimônio histórico e de identidade nacional deveriam, segundo o autor, ser repensados, assim como as políticas de conservação e de administração dos mesmos, em função das atuais forças da globalização¹, que atuam alterando valores e comportamentos sociais.

A possibilidade de olhar o manguezal do Jequiá como patrimônio cultural da colônia Z-10 e analisá-lo como um campo em que atuam diferentes e conflitantes forças emergiu a partir daí, uma vez que, durante as visitas exploratórias à colônia, ficaram evidentes fortes divergências entre os agentes citados por Canclini (1994) - Estado, corporações econômicas e movimentos sociais - que atuam ali. Entretanto, em função dos resultados do trabalho de campo realizado posteriormente, do tempo limitado para a realização desse trabalho e, principalmente, em função de um segundo momento – descrito a seguir - a trajetória da pesquisa foi alterada e a questão da análise do manguezal do Jequiá como patrimônio cultural ficou fora do âmbito dessa dissertação, tendo sido apenas tocada de maneira superficial.

A pretensão de analisar o papel de uma paisagem natural na construção da memória de uma colônia de pescadores, inicialmente difusa, ganhou contornos mais definidos nas aulas da disciplina Memória Social – ministrada pelas professoras Regina

¹ Como globalização entendemos como sendo um conjunto de processos que, “atuantes numa escala global, [...] atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, apud MCGREW, 2002, p 67).

Abreu e Josaida Gondar - quando foi sugerida por uma colega de turma, a leitura do livro de Simon Schama (1986), que discute a representação simbólica das paisagens na memória coletiva, a partir de três elementos da natureza - mata, água e rocha - e faz um convite à reflexão acerca do desastre ecológico, que tanto tem preocupado os defensores da natureza e que tem sido pano de fundo para barganhas e acordos políticos.

Segundo Schama (1986), a memória poderia ajudar a restabelecer o equilíbrio dos hábitos da humanidade em relação à natureza, se forem restabelecidos os elos entre esses dois elementos, a partir da apreensão do caráter mítico e sagrado das paisagens naturais. Essa obra, que passa a possibilidade de se vislumbrar um futuro melhor para a vida nesse planeta, foi o ponto de partida para o desenvolvimento das idéias que serão apresentadas a seguir.

A Ilha do Governador é a maior ilha da Baía de Guanabara, que possui 140 km de litoral e diferentes paisagens. Com cerca de 32 km² de área, atualmente densamente ocupada e com sérios problemas de ordem social e ambiental, a Ilha do Governador constitui-se num campo de investigações rico e diversificado para as ciências sociais. Sua imagem, anteriormente associada à de um lugar aprazível, sossegado, seguro, foi sendo modificada à medida que ali se foi deteriorando a qualidade de vida da população residente como consequência do aumento da favelização, da violência, da degradação de seu ambiente natural, enfim, dos processos que atingem o país como um todo, mas que se apresentam de modo mais acentuado nas metrópoles.

Existe na Ilha do Governador uma diversidade de paisagens, resultantes de diferentes formas de apropriação dos espaços pelos homens; dentre elas destaca-se uma colônia de pescadores – a Colônia Z-10 – pelo caráter singular de sua organização. Essa

comunidade (a primeira fundada no Brasil), existente há 84 anos, localiza-se junto a uma área de manguezal e vivia originalmente da pesca praticada na Baía de Guanabara e em alto mar; esse ecossistema, que possui forte participação na manutenção da vida marinha, vem sendo degradado de maneira brutal ao longo do tempo, diminuindo, assim, sua característica de “berçário” de inúmeras espécies e de “supermercado” de recursos utilizados para a alimentação de homens e de animais marinhos e terrestres. Atualmente a Colônia é muito populosa e o que se verifica é que a maior parte dos moradores não se constitui mais de pescadores.

A área de manguezal ao redor da colônia apresenta-se degradada, contribuindo para isso o lançamento de dejetos industriais e domésticos; são visíveis diversos tipos de materiais jogados por moradores da comunidade, fato esse que nos levou a pensar sobre o significado do manguezal para aquelas pessoas, e a partir daí, a relação entre a população e o manguezal foi problematizada, originando a hipótese sobre a qual esse trabalho se baseia: a de que o modo pelo qual a população da colônia representa simbolicamente o manguezal contribuiu para a sua degradação e, conseqüentemente, para a redução do pescado, obrigando-a a alterar suas práticas sociais, seu cotidiano e, também, os traços formadores de sua identidade.

Em 31 de agosto de 1993, através do Decreto Municipal nº 12250 conforme apontado por Rabello (1991), foi criada a APARU (Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana) do Jequiá, com o objetivo de reduzir o processo de poluição da baía, que recebe lixo e esgotos químicos em quantidades diárias muito grandes: os efluentes industriais são responsáveis por 25% da matéria orgânica e 100% das substâncias tóxicas e metais pesados como cobre, mercúrio, chumbo, zinco e cromo. Às margens da baía são

depositadas, diariamente, 8000 toneladas de lixo e derramadas 3,5 toneladas de óleo, provocando a contaminação da fauna, tornando a água imprópria para o banho e reduzindo a taxa de oxigênio das águas (AMADOR, apud CRIBB, 2001, p.5).

Além dessa iniciativa oficial, há movimentos sociais oriundos da colônia e de fora dela que se preocupam com a preservação daquele ambiente, mas há entre eles e a Prefeitura, ao contrário do que se gostaria, discordâncias e conflitos, que demonstram haver por parte daqueles atores diferentes interesses em relação ao manguezal, e que talvez, as diferentes significações que eles lhe atribuem sejam uma das causas dos embates. De qualquer modo, o ecossistema manguezal é alvo de disputa entre aqueles sujeitos (CRIBB, 2001).

Algumas questões surgiram à medida que as idéias foram-se sedimentando: de que forma o manguezal se configurava simbolicamente e como ele é representado hoje, pelos moradores da colônia? Que elementos, além do manguezal, entram na constituição da memória coletiva daquele grupo? O manguezal é o “lugar-de-memória” da colônia, ou haveria outro(s)? A memória não é natural, espontânea; ela é processual, resultado de conflitos: existem memórias que são soterradas pelos discursos e práticas oficiais; quem “fala” pelos moradores da colônia representa verdadeiramente seus interesses?

A partir do que foi exposto, esse trabalho tem como objetivo geral verificar de que modo o manguezal se constitui como um elemento simbólico formador da memória dos moradores da Colônia Z-10. A partir dele foram extraídos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Verificar as ações dos agentes responsáveis pela configuração daquele espaço, entendido como um lugar de disputa pelo poder político-econômico-simbólico entre Estado, corporações econômicas e movimentos sociais;

- 2) Contribuir para uma atitude crítica entre os moradores da colônia, a partir de uma nova leitura do manguezal, considerando as mudanças que vêm ocorrendo em sua paisagem;
- 3) Identificar se o manguezal pode ser considerado como patrimônio cultural da colônia, uma vez que naquele espaço se configurou e se desenvolveu um grupo social cujas práticas a ele se associavam.

1.2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Os conceitos de memória e paisagem que serão discutidos neste trabalho foram, ao longo do tempo, analisados a partir de diversas abordagens teóricas, por inúmeros autores que se debruçaram sobre esses temas. No que se refere à memória, de acordo com Santos (2003, p. 25-26), isso se deve ao fato da memória estar presente em todos os momentos de nossas vidas e em tudo o que nos rodeia. Segundo suas próprias palavras:

Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela é também o resultado de si mesma; ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações.

Dentre os teóricos que se dedicaram à análise da memória, Halbwachs foi o autor em que serão fundamentadas nossas discussões. Apesar das limitações apontadas por

Santos (2003)², Halbwachs deve ser destacado, na medida em que foi um dos pioneiros a mostrar a importância das estruturas coletivas nas lembranças individuais.

A memória é um fenômeno individual: é o indivíduo que pensa; no entanto, a memória individual não se sustenta sem relação com o grupo no qual o sujeito se insere. Todas as nossas lembranças se referem a depoimentos, testemunhos, vivências que dividimos com outras pessoas. Segundo Halbwachs (1990, p.23):

[...] não é o indivíduo em si nem nenhuma entidade social que se recorda; mas que ninguém pode lembrar-se efetivamente, senão da sociedade, pela preservação ou a evocação e, portanto, pela assistência dos outros ou de suas obras [...]. Um homem que se lembra sozinho daquilo que os outros não se lembram assemelha-se a alguém que vê o que os outros não vêem.

É comum considerarmos a memória como uma faculdade individual, capaz de ser evocada voluntária ou involuntariamente; na verdade não há uma memória que não seja reintegrada em um espaço e um tempo comum aos elementos do grupo de que fazemos parte.

Percebemos, assim, que mesmo quando lembramos de fatos nos quais só nós estivemos envolvidos, ainda assim, essas lembranças permanecem coletivas: não nos lembramos de nossa primeira infância porque nesse período não somos ainda um ser social, e aquelas lembranças a que atribuímos um caráter individual, ocorrem porque a ausência de algum grupo – família, por exemplo – nos provocou sentimentos de medo, insegurança, etc, como ocorre quando uma criança se perde no meio de uma multidão e a lembrança desse

² As limitações se referem a duas constatações: Halbwachs não relaciona satisfatoriamente passado e presente, uma vez que “o passado só se torna compreensível a partir de sua realização em práticas e construções sociais do presente”, além de não levar em conta que indivíduo e sociedade interagem, mas que, em muitas circunstâncias, as ações individuais podem sobrepujar as determinações sociais. Para ele apenas foram priorizadas apenas “as estruturas coletivas da lembrança” (SANTOS, 2003, p. 22).

fato remete-nos a sentimentos que aparentemente não se relacionam com ninguém, senão a nós mesmos.

Ainda de acordo com aquele autor, a memória de um grupo tem por suporte os indivíduos, que se lembram enquanto elementos de um grupo, “numa combinação de influências que são, todas, de natureza social” (HALBWACHS,1990, p.51) e que não depende de nós fazê-las reaparecer. É preciso confiar no acaso, quando muitos sistemas de ondas se cruzam de novo, fazendo vibrar da mesma maneira que dantes o aparelho registrador que é a nossa memória individual.

Aquilo que nos parece sob a forma de uma unidade, como é o caso de nossas lembranças mais pessoais, na verdade é resultado da fusão de muitos elementos diferentes, conferindo-lhes um caráter de multiplicidade. Sua aparente unidade deriva do fato de que a lembrança surge pelo efeito de várias séries de pensamentos emaranhados; não sendo possível atribuí-la a nenhum deles, “[...] supomos que ela seja independente, e opomos sua unidade à sua multiplicidade” (HALBWACHS, 1990 , p.52).

As lembranças podem se agrupar de duas maneiras: em torno de uma pessoa ou no interior de um grupo; haveria, então, memórias individuais e memórias coletivas nas quais os indivíduos participariam e atuariam de modos diferentes.

Apesar de se interpenetrarem, essas duas memórias não se confundem; a memória coletiva evolui segundo suas próprias leis, seus limites são mais amplos que os da individual, apesar de ambas serem limitadas no tempo e no espaço. A primeira se apóia na segunda, pois o coletivo é composto pelo conjunto de individuais, ao longo da vivência em grupo. Se o grupo do qual o indivíduo participa se desfaz, a memória coletiva também vai, aos poucos, se enfraquecendo, pois os pontos de vista sobre os quais se apoiavam as lembranças, se perderam no tempo. O autor sugere que quando isso ocorre:

[...] é preciso, então, que à medida que estou mais engajado nesses grupos e que participo mais estreitamente em suas memórias, suas lembranças se renovem e se completem [...], pois é na sociedade que estão as indicações necessárias para reconstruir as partes de nosso passado (HALBWACHS, 1990, p. 75 e 77).

Os depoimentos, testemunhos daqueles que viveram conosco aquele período preencherão a lacuna até então existente, levando-nos a reconstruir nossas lembranças, delineadas por nós e pelas lembranças dos outros.

A memória coletiva da Colônia Z-10 foi profundamente afetada pela ação de agentes externos ao grupo, pois os agentes poluidores da Baía de Guanabara obrigaram as pessoas a se organizarem sobre outras bases econômico-sociais: mudou a principal atividade econômica, os contatos sociais se ampliaram, pois muitas das novas atividades se desenvolveram fora da comunidade, enfim, surgiu um novo grupo, uma nova natureza e dessa outra ordem, outro espaço; nesse processo, a memória do grupo se constrói sobre novos elementos, caracterizando o que Halbwachs (1990, p.88) afirma:

[...] se as circunstâncias exteriores introduzissem na vida do grupo um novo elemento, incompatível com seu passado, um outro grupo nasceria, com uma memória própria, onde subsistiria apenas uma lembrança incompleta e confusa daquilo que precedeu esta crise.

À medida que os membros individuais, sobretudo os mais velhos desaparecem, a memória de um grupo se esgota, e o grupo muda sem cessar. Mas basta que se conserve uma parte limitada do corpo social, para que possamos encontrá-la sempre ali. A memória coletiva se estende até onde chega a memória dos grupos que a compõem; se fatos e

peças são esquecidas, é porque aqueles que deles guardavam as lembranças desapareceram.

Se a memória é construída socialmente, entendemos que há forte vinculação entre memória e identidade, uma vez que o termo se refere ao sentido da imagem que se faz de si para si e para os outros, com quem é negociada a partir de critérios pré-estabelecidos de aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade, no interior do grupo e, muitas vezes, envolvendo tensões e conflitos. De acordo com Woodward (2003, p. 9), a identidade adquire sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas; a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior (HALL, Apud WOODWARD, 2002).

A identidade é relacional, sustentada pela exclusão e marcada por meio de símbolos e em sua construção entram elementos de ordem não material e material (HALL, 2002), que no caso do tema em tela seria representado pelo manguezal do Jequiá e seu significado para os moradores da colônia.

Ao fundamentarmos a discussão teórica sobre o conceito de paisagem dialogamos com vários autores da Geografia que o entendem como sendo uma construção cultural e como um conceito-chave daquela disciplina, isto é, que lhe dá unidade e identidade.

A Geografia Cultural se baseia na análise de objetos ligados ao dia-a-dia, de paisagens naturais e não-naturais, de sua representação nas artes e na literatura e na construção de identidades baseadas em lugares; inclui, enfim, em suas investigações, desde a cultura material até os significados simbólicos e costumes sociais. Sua ênfase, a partir de 1970, diminuiu a força que anteriormente outros conceitos gozavam como o de região, espaço, território e lugar.

A retomada do conceito, após aquela data, ocorre sobre novas matrizes epistemológicas que privilegiam, cada qual, diferentes concepções e dimensões da paisagem: a morfológica (que a considera como um conjunto de formas naturais e humanas), a funcional (a paisagem apresenta relações entre suas diversas partes), a histórica (a paisagem é um produto da ação do homem ao longo do tempo), a espacial (a paisagem ocorre numa porção limitada da superfície terrestre) e, finalmente, a dimensão simbólica, que a considera como sendo portadora de significados, representativa da cultura e dos valores, crenças, mitos e utopias nela envolvidos.

Essas diferentes visões sobre a paisagem ampliam e humanizam o campo de estudos da Geografia e permite que a ele sejam incorporadas categorias antes não consideradas como as de memória, identidade e cultura.

O termo paisagem surge no Renascimento caracterizando uma nova relação entre o homem e seu ambiente; ressurge nos anos 70, com a emergência de movimentos sociais ligados às questões ambientais, aos movimentos feministas, ao fracasso do consenso social e político pós-guerra, aos planejamentos em megaescala e às paisagens anônimas do desenvolvimento urbano.

A emergência de uma sociedade globalizada, integrada por redes globais de telecomunicação, veio quebrar a antiga ordem das sociedades tradicionais, onde a barreira representada pelas dificuldades em se vencer as distâncias funcionava como mantenedora dos laços de coesão social.

Nos dias de hoje somos cidadãos planetários submetidos a influências culturais e econômicas cada vez mais intensas por parte das corporações e dos organismos financeiros transnacionais; milhões de indivíduos migram de suas pátrias, assistimos, todos, aos mesmos programas transmitidos pela televisão e consumimos os mesmos produtos.

Esses processos diluem o cimento social que caracterizava as antigas sociedades e colocam em evidência as questões ligadas à cultura, conceito que conta com muitas definições, dentre as quais elegemos a de Mc Dowell (1996) que a considera como sendo:

[...] um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que as articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço.

Os estudos de Geografia Cultural têm origem nas pesquisas realizadas pela obra de Sauer (apud CORRÊA; ROSENDAHL, 1998) e seus discípulos, em Berkeley, a partir dos anos 20. Para ele a paisagem é uma “associação peculiarmente geográfica de fatos” físicos e culturais; tem uma qualidade orgânica, isto é, interage com outras formas criando, assim, um sistema. É considerada como sendo uma generalização derivada da observação de cenas individuais. Resulta da ação dos homens, mediada pela cultura, ao longo do tempo, sobre uma paisagem natural originando, assim, a paisagem cultural. A cultura, então, seria o agente, a área natural o meio e a paisagem cultural o resultado dessa ação.

As críticas que se fazem a Sauer se baseiam no fato de que, para ele, a cultura é considerada como superorgânica, dotada de poderes causais, como se agisse através dos homens e não de acordo com suas decisões, negociações e limitações; é vista como sendo uma entidade totalitária e não como o resultado de um conjunto pluralístico de práticas sociais que são produzidas e reproduzidas pelos, e não através dos homens.

Dentre os méritos creditados àquele autor destacam-se o fato dele ter antecipado o enfoque cultural na Geografia e de ter combatido o determinismo geográfico nos Estados

Unidos. Além disso, deve ser considerado, ao se ler Sauer, que como todo indivíduo, ele e seu trabalho são frutos de seu tempo, quando perspectivas críticas a respeito de questões culturais como as que se faz hoje, não eram comuns. O outro aspecto a ser destacado em relação àquele autor é o fato de que suas pesquisas se caracterizaram pelo caráter etnográfico e qualitativo que só nos dias atuais vem adquirindo importância em Geografia.

Sauer aponta que o conteúdo da paisagem é encontrado, simultaneamente, em suas qualidades físicas (somatório de todos os recursos naturais disponíveis, que ele chama de “sítio”) e nas formas pelas quais os homens a usam, isto é, em suas qualidades culturais produzidas por associações de homens através de laços de descendência e tradições grupais. Nas paisagens naturais a intervenção do homem, ainda que com certa limitação, apresenta várias possibilidades de ação. As paisagens culturais se modificam com o desenvolvimento ou com a substituição de uma cultura por outra; são a expressão do homem na natureza, que as modela, destruindo ou alterando as formas naturais.

Para Bobeck e Schmithüsen (apud CORRÊA; ROSENDAHL, 1998) as paisagens são formadas pela associação, pela integração entre homens e natureza; são unidades da superfície terrestre definidas com base em sua aparência fenomênica, em sua trama de relações e em seu desenvolvimento histórico. Abarcariam o conteúdo total de um setor da superfície terrestre que poderia ser estudada sob o enfoque fisionômico, o ecológico (funcional) e o histórico ou genético; a abordagem espiritual, que consideraria os aspectos culturais da paisagem, estaria compreendida nos demais e comandaria seu modelado.

Eliminar dos estudos científicos a cultura e o simbolismo das paisagens é, de acordo com Cosgrove (apud CORRÊA; ROSENDAHL, 1998), eliminar o rico mosaico da vida humana e suas expressões na superfície terrestre, além de serem desconsideradas as

paixões que as motivaram e que impulsionam nosso comportamento diário. Para ele, aplicar à paisagem humana “as habilidades interpretativas de que dispomos ao estudar um poema, um filme ou um quadro, de tratá-la como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados [...]” é uma prática pouco usual que se apóia nos discursos que defendem a praticabilidade e a relevância realista dos trabalhos científicos.

Para Cosgrove, a paisagem está intimamente ligada à cultura material e não-material, por sua vez “determinada e determinante da consciência e das práticas humanas”, ainda que, muitas vezes, não percebidas no dia-a-dia; está ligada a uma maneira de ver o mundo, é uma obra ordenada, acessível ao homem, guiando suas ações sobre o meio ambiente.

As paisagens são locais de forte valor simbólico, formados e disputados por várias culturas; as paisagens naturais não fogem a essa caracterização, como fica claro nas palavras do autor:

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes. Mas pode ser lida nas [...] mais aparentemente não-humanizadas paisagens do meio ambiente natural. Estas últimas são, freqüentemente, símbolos poderosos em si mesmas (COSGROVE apud CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 108).

As paisagens, ao mesmo tempo em que são frutos das ações humanas, exercem também uma influência sobre os homens, como fica claro nas palavras de Berque (apud CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 84-85):

A paisagem é uma marca [...], mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza [...]. É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. e, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina [...] esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política, etc.

A paisagem, assim como o sujeito³, são plurimodais, isto é, são ao mesmo tempo passivos-ativos-potenciais e formam um conjunto que se produz e se auto-reproduz através do jogo impregnado de sentido, que é a cultura.

Ainda sobre a dimensão simbólica das paisagens naturais, nos reportamos às idéias de Schama (1996), que considera que natureza e percepção humana são indissociáveis, pois a simples identificação de um lugar já está carregada de uma bagagem cultural. Este autor reforça o que foi exposto por aqueles já citados ao mencionar que há um elo que une cultura e natureza, através de uma força que “se esconde sob camadas e camadas de lugar-comum” (1996, p.24) . É preciso resgatar dessa visão cotidiana “os veios de mito e memória existentes sob a superfície” (SCHAMA,1996, p. 27) da cultura ocidental. Os mitos e lembranças da paisagem têm significado diferente em relação ao espaço e ao tempo, mas permanecem e moldam as instituições com as quais ainda convivemos. Este autor ressalta que precisamos de novos “mitos da criação” para reparar os abusos que cometemos na natureza; é preciso “redescobrir o que já possuímos, mas que de alguma forma escapa-nos ao reconhecimento e à apreciação” (SCHAMA, 1996, p.24).

O manguezal, paisagem natural ao redor da qual a colônia se formou, participa da memória do grupo junto com as pessoas e com os acontecimentos; assim, as

³ Sujeito, nesse caso, deve ser entendido como coletivo, isto é, uma sociedade histórica e espacialmente localizada.

modificações nele implementadas afetam os homens e suas relações, como fica claro nas palavras de Halbwachs (1990, p. 133-134).

[...] as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva [...]; [...] o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. [...] todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos; [...] cada detalhe desse lugar [...] tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo [...]. Porém, um acontecimento grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar, seja porque modifique o grupo [...], seja porque modifique o lugar [...]. a partir desse momento, não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva [...]; ao mesmo tempo, o ambiente material não será mais o mesmo.

Na maneira pela qual os homens constroem suas histórias de vida estão embutidas relações sociais que se estabelecem sobre um espaço físico, que, por sua vez, refletirá essas relações em sua configuração. As paisagens, então, refletiriam a conjugação dos processos físicos e culturais que interagem na construção dos espaços. Percebe-se, então, que “[...] o espaço é condição sine qua non da memória” (WEHLING; WEHLING, 1997, p.19). Alterando-se as práticas sociais, o espaço será reorganizado, imprimindo na paisagem a nova organização entre os homens.

Existem diversas definições de espaço, categoria que pode ser enfocada sob variadas dimensões; conforme nos esclarece Santos (1990, p.119-120), espaço é:

[...] uma categoria cujo significado pode abranger diferentes aspectos, que vão desde nossos utensílios domésticos, até o espaço sideral, passando pelo espaço terrestre sobre o qual os homens desenvolvem suas atividades, estabelecendo relações com o meio físico e com outros homens.

À medida que essas relações vão-se processando, o espaço vai sendo marcado pela ação social. As diferentes paisagens terrestres resultam, então, da ação de diferentes

culturas sobre ambientes naturais diversos; a maneira pela qual os homens se apropriam da natureza e a transformam está ligada diretamente à sua visão de mundo e aos recursos naturais disponíveis. O espaço não deve ser pensado como um “quadro neutro, vazio, imenso, em que o vivente pode produzir-se” (MOZARÉ apud SANTOS, p. 120-121), mas a ele deve ser atribuída a noção de relatividade, segundo a qual:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1990, p. 122).

O espaço adquire, então, um caráter subjetivo que compreende as relações sociais complexas entre as culturas, estruturas psicológicas e as tecnologias mediadas pelos seres humanos. Não há sociedade organizada sem uma base espacial, e o entendimento dos processos sociais que interferem na construção do espaço é, assim, imprescindível para a gestão do território que a sociedade ocupa.

Toda cultura transforma o espaço físico em “território” ou “lar”. Ruas, caminhos, praças, campos e montanhas, rios, praias e o mar são apropriados pelos grupos humanos de acordo com concepções que são próprias de seus modos de vida. Diferentes tipos de relações sociais configuram determinados espaços, ao mesmo tempo em que são configurados por eles; é no espaço vivido, através de uma rede de significados, que diferentes espaços se contrapõem (DA MATA, 1987, p 21-33) e se complementam.

Certeau (1994, p. 201-202) nos ajuda a entender a diferença entre os conceitos de lugar e de espaço, ao afirmar que:

Um lugar é a ordem [...] segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um num lugar “próprio” e distinto que define. [...] é uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. [...] O espaço é um cruzamento de móveis. [...] Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado.

Constatamos, então, que é através das práticas cotidianas que as sociedades transformam os lugares em espaços ou os espaços em lugares e que essas articulações podem ser apreendidas a partir das diferentes narrativas. O espaço, assim como o tempo, é uma construção social, historicamente situada, e, por sua vez, também constrói a sociedade.

O conceito de espaço é construído por aqueles que o ocupam e não pode ser analisado fora do contexto em que se vive; para que possamos “senti-lo”, é preciso que nos situemos e que o olhemos segundo determinada perspectiva. É preciso, então, entender de que forma os homens reconhecem e legitimam o espaço, de acordo com suas práticas diárias.

Diferentes sociedades possuem formas distintas de percepções espaciais; essa idéia se torna mais clara com Da Matta (1987, p. 39), ao colocar que:

Cada sociedade tem uma gramática de espaços [...] para poder existir enquanto um todo articulado e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenem [...] em posições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização.

Os diferentes grupos sociais elegem determinados espaços nos quais são desenvolvidas as práticas que merecem, segundo seus próprios critérios, ser lembradas, em detrimento de outras que não serão rememoradas, mas que nem por isso deixam de estar presentes, às vezes de modo implícito ou inconsciente, mas que interferem no sistema. Os rituais, mitos e narrativas se inserem no primeiro grupo e, quando são apropriadas pelo poder, ordenam e delimitam os espaços simbólicos. Ao longo do tempo, no entanto, os espaços “mágicos” podem deixar de ser assim considerados por aqueles que o vivenciam, pois sua configuração não é vivenciada cotidianamente da maneira pela qual foram originalmente concebidos.

Assim é que surgem, paralelamente aos espaços “eternos” e “legais”, os espaços transitórios e marginais, ligados às contradições e aos conflitos travados entre os diversos grupos que compõem a sociedade; essas áreas são sempre vistas como locais de transição: “zonas”, “brejos”, “mangues” e “alagados” e representam a heterogeneidade cultural muitas vezes não contemplada pelas práticas culturais hegemônicas.

Os espaços adquirem sentido, significação social e são capazes de direcionar comportamentos diferentes, de acordo com suas esferas de significação. Da Matta (1987) reconhece na sociedade brasileira três perspectivas diferenciadas e complementares que orientam suas práticas e seus discursos: a “casa”, a “rua” e o “outro mundo”.

Os discursos orientados pela linguagem da “casa” se caracterizam pela “naturalização das relações sociais que raramente são percebidas e faladas como históricas e arbitrárias” (DA MATTA, 1987, p. 53); as camadas dominadas e os populistas são os que utilizam esse tipo de visão de mundo. Nos grupos que falam segundo uma visão da “rua”, ocorre o oposto: leis, e não pessoas, são os focos e “em vez de uma naturalização, ocorre uma reificação abusiva de conceitos e relações, numa visão onde ninguém rigorosamente

poderá modificar o seu lugar” (DA MATTA, 1987, p. 54); à rua estariam associados os grupos dominantes, que produzem uma fala apoiada em mecanismos impessoais. O “outro mundo” seria caracterizado por uma síntese, por uma zona neutra, que “abre as portas para a renúncia ritualizada deste mundo com seus sofrimentos e suas contradições, lutas, falsidades e injustiças” (DA MATTA, 1987, p.54).

Os conceitos de espaço e lugar mudaram ao longo do tempo e a separação entre esses dois conceitos é uma das conseqüências da modernidade: na pré-modernidade – antes da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, da consolidação dos Estados Nacionais – espaço e lugar se confundiam, uma vez que ambos eram pensados vinculados à atividade social, à presença, à interação. A partir da modernidade é que surge a noção de “espaço vazio” e daí uma diferença conceitual entre espaço e lugar. A idéia de lugar vai se relacionar à atividade social situada geograficamente e a de espaço a uma unidade que pode ser trocada por outra, sem qualificações, se autonomizando em relação às comunidades locais e à constituição histórica. Giddens (1991, p.27) nos auxilia a entender o significado dos “espaços vazios”:

Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.

O esvaziamento do espaço é precedido pelo esvaziamento do tempo, sua pré-condição. Nas sociedades pré-modernas, tempo e lugar eram vinculados; o cálculo do tempo era impreciso, variava de grupo para grupo, mas se associava sempre a fatores ou fenômenos espaciais. A separação entre tempo e espaço ocorre no final do século XVIII,

com a invenção do relógio mecânico e à uniformidade na organização social do tempo, criando, assim, as bases para o controle do espaço. Com essa separação os espaços passam a ser configurados a partir da fomentação de relações com elementos ausentes, isto é, “localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face” (GIDDENS, p. 27).

As paisagens naturais estão integradas em modos de vida diversos e ganham, por isso, significações particulares; são percebidas e representadas de diferentes modos por aqueles que as constroem, seja através da literatura, das artes, da cartografia, dos textos acadêmicos, enfim por todo e qualquer tipo de discurso, que expressa, define ou limita a maneira pela qual pensamos a respeito de um determinado assunto. Não há realidade material, relações de poder e exploração ou privilégios cujos significados possam ser compreendidos fora de um quadro explanatório. Utilizando, como o fez Mc Dowell (1996, p.177), as palavras de Derrida, “não há nada fora do texto” e para que consigamos decifrar as muitas maneiras de se ler a paisagem natural que é alvo dessa pesquisa, teremos que investigar os “múltiplos discursos acerca de lugar e identidade, revelando os antes ignorados sentidos de lugar e visões de paisagem construídas mais pelos destituídos do que pelos poderosos” (MCDOWELL, 1996, p.177), possibilitando, assim, que se dê voz àqueles, até agora, mantidos em silêncio.

O manguezal, às margens do qual a Colônia se originou, é um dos elementos a partir dos quais a população residente identificaria a sua “casa”, ou quem sabe, a sua “rua”; a maneira pela qual esse elemento se configura no imaginário do grupo poderia esclarecer o tipo de relação existente entre eles.

Foram realizadas algumas visitas exploratórias à colônia, com o objetivo de se ter um conhecimento mais detalhado do espaço que ela ocupa, das modificações ocorridas

ali e estabelecer um contato inicial com algumas pessoas que, segundo a visão que já possuíamos, ocupavam um papel de liderança na comunidade. Dentre elas destacamos um ambientalista – o Zé Luís do manguezal – que já era conhecido anteriormente em eventos ligados à preservação do Manguezal do Jequiá e em matérias de jornais locais, que tratavam do mesmo tema; conversamos também com D. Marilene, secretária da Associação de Moradores e com Seu Dionides, o pescador mais antigo da colônia. Posteriormente essas pessoas foram novamente procuradas para serem entrevistadas. A partir dessas visitas pudemos traçar um perfil mais nítido da colônia, que já era conhecida, porém, de maneira muito superficial.

Essas conversas iniciais serviram como ponto de partida para sedimentar algumas idéias que já existiam, para introduzir outras e para definir melhor os objetivos e a metodologia da pesquisa.

Desse modo, para atingir os objetivos propostos, foram realizados trabalhos de campo, utilizando-se técnicas etnográficas da observação participante, a partir das quais seria feito aquilo que Geertz (1978) chama de “descrição densa”, isto é, ver além do que é visível – o não visível - só seria possível se conseguíssemos entender o olhar do “outro”.

Para conseguirmos atingir esse fim, precisávamos dialogar com aquelas pessoas e através dos “ditos” e “não-ditos”, dos fragmentos discursivos, poderíamos “apreender a rede de relações sociais e de conflitos de interesse, [...], captar os conflitos e contradições que lhe imprimem um dinamismo permanente, explorar as brechas e contradições que abrem caminho para as rupturas e mudanças (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1983, p. 25).

Essa não foi uma tarefa fácil, pois o pesquisador, ao mergulhar no trabalho de campo, o faz com toda uma carga de significados, de valores, enfim, com seus traços

culturais. Todo o processo de produção científica “irá variar conforme os interesses objetivos das classes envolvidas na formação e na acumulação de conhecimento [...]” (FREIRE, 1983, p. 44). Ao aplicar regras, métodos e técnicas racionais aceitas pela comunidade científica, a pesquisadora o faz a partir da sua visão de mundo, de seus interesses e de suas motivações.

Procuramos interpretar a realidade, não a partir das leis gerais das ciências sociais, e tentar aplicá-las ao real, e sim, partir do real e interpretá-lo, buscando suas articulações com aquelas leis, percorrendo as fases apontadas por Da Matta (1981, p.24-25): da teórico-intelectual (caracterizada pelo divórcio entre o pesquisador e o campo da pesquisa, quando o conhecimento teórico não é mediatizado pelo vivenciado, e sim pelo abstrato), passando por uma fase intermediária denominada por ele como período prático (quando as preocupações passam das teorias para os problemas concretos do objeto), até a fase pessoal ou existencial (aquela em que são integrados conhecimento acadêmico e realidade, num momento em que nos deparamos com pessoas que portam valores diferentes dos nossos).

Alem da observação participante, foram feitas entrevistas abertas, onde o pesquisador falou livremente sobre o tema proposto, com respostas livres, não-dirigidas pelo pesquisador e com perguntas fechadas no que se refere à coleta dos dados de identificação do pesquisado. Cada entrevistado pôde discorrer livremente sobre o que pensava, porém, não perdemos de vista a necessidade de manter um fio condutor que direcionou as colocações em torno dele, para que as falas não tomassem um rumo totalmente fora do tema proposto.

Foi pedido que cada entrevistado falasse livremente sobre sua vida na colônia, sua origem, que aspectos considerava como positivo e como negativo no fato de viver ali, o

tipo de atividade que desempenhava, e, dessa forma, procuramos detectar de que forma o manguezal estava configurado no sistema de classificação daquelas pessoas.

Foram realizadas vinte e seis entrevistas e a escolha dos entrevistados foi feita com a preocupação de que fosse ouvido um número expressivo de vozes. Assim, pescadores e não pescadores, pessoas idosas e jovens foram abordadas durante as incursões ao campo. Não delimitamos a amostragem por idade, origem ou domicílio; procuramos estabelecer as diferenciações internas do grupo, a partir de suas próprias representações, conforme nos inspirou o trabalho de Lima (1978).

Conforme nos alerta Goldenberg (2002), as entrevistas com perguntas abertas apresentam maior dificuldade de análise que as entrevistas que utilizam respostas fechadas, mas, por outro lado, permitem uma visão mais ampla sobre o assunto, uma vez que dão margem a que emoções, paixões e todos os sentimentos envolvidos entre sujeito e objeto aflorem; além disso muitos moradores, especialmente os pescadores mais idosos, não são alfabetizados, o que dificultaria a aplicação de questionários preenchidos por eles. Em consonância com as idéias daquela autora, Oliveira e Oliveira (1983, p. 29) afirma que as entrevistas abertas, além de estimularem a livre expressão, ampliam o campo do discurso, pois nele são incluídos “devaneios, projetos, impressões, reticências, etc”.

Os questionários com perguntas fechadas, formatados unilateralmente pelo pesquisador, limitam a participação dos pesquisados, bloqueiam a emergência de novos dados e não permitem a elaboração de outras hipóteses. A validade desse tipo de instrumento de pesquisa não atende, pois, aos objetivos desse trabalho.

Este trabalho apresenta-se estruturado em 4 capítulos: no capítulo 1 foram destacados o tema, o objeto da pesquisa, o objetivo geral e os específicos, a relevância do tema, e o quadro teórico-metodológico. No capítulo 2 apresentou-se origem da colônia,

relacionando-a ao processo de ocupação da Ilha do Governador e da cidade do Rio de Janeiro, assim como a formação e as características do meio ambiente em que ela se situa; nessa parte descreveu-se o processo de poluição da Baía de Guanabara, no qual o manguezal se insere. O terceiro capítulo representa as relações entre a construção da memória coletiva da Colônia Z-10 e a paisagem natural do Manguezal do Jequiá. As análises das entrevistas e a leitura efetuada da construção do conceito de “paisagem e memória” do Manguezal do Jequiá são objetos do quarto capítulo.

2 A COLÔNIA Z- 10: ORIGEM, PROCESSO DE OCUPAÇÃO E MEIO AMBIENTE



Manguezal do Jequiá (Fev. 2005; foto da autora)

A Colônia Z-10 tem sua história ligada à da Ilha do Governador que, por sua vez, tem em sua origem e evolução histórica fatos que ocorreram, não de forma isolada, mas, inseridos no contexto local, nacional e internacional. Por isso, não podemos nos reportar à primeira sem antes nos referirmos à segunda.

A Ilha do Governador está localizada na região conhecida como Bacia da Guanabara, dentro da qual situa-se a Baía de Guanabara. Todo o processo de degradação ambiental sofrido pelo manguezal do Jequiá, ao redor do qual localiza-se a Colônia Z-10, se inclui num conjunto de práticas exploratórias do meio ambiente e do homem da região em estudo que remonta ao início de nossa colonização pelos europeus e que podem ter sido responsáveis pelas diferentes representações atribuídas pelos moradores àquele ecossistema.

2.1 A BAÍA DE GUANABARA E A ILHA DO GOVERNADOR: BERÇOS DA COLÔNIA Z-10

A Baía de Guanabara, que possui uma área total de 377 km², está inserida na Bacia da Guanabara, que engloba toda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, abrangendo uma superfície de aproximadamente 4.600 km². A Baía de Guanabara, que possuía uma área de 468 km² em 1500, teve essa dimensão diminuída ao longo do tempo: são 60 km² de área assoreada, 90 km² de aterros, cerca de 15 mil litros de esgoto por segundo e toneladas de resíduos industriais. Segundo O Globo (p.16,30 jan 2005), a Baía de Guanabara deverá morrer em 200 anos, quando sua área terá sido reduzida em dois terços.

Esse ecossistema, fruto de um longo processo de esculpimento geológico, vem se ajustando às diversas modificações ambientais do planeta e atualmente se configura

como um ambiente frágil mas, ao mesmo tempo, produtivo e complexo, composto por diversas paisagens: praias, restingas, ilhas, pontões, falésias, enseadas, estuários, lagunas, sistemas fluviais, brejos e manguezais.

Da mesma forma que o meio ambiente, os povos primitivos da região - coletores, caçadores, pescadores e agricultores - que ali habitam há mais de 8000 anos, também acompanharam e se ajustaram às alterações sofridas ao longo do tempo geológico. A Baía de Guanabara e seus ecossistemas foram usufruídos pelos Tupinambás e seus ancestrais de forma harmoniosa, que dela retiravam seu sustento, garantindo, assim, a auto-sustentabilidade do ecossistema.

A partir da colonização européia esse processo assumiu graves proporções e se intensificou com a emergência de uma economia urbano-industrial e sua versão neoliberal globalizada que ameaça agora o planeta como um todo, na medida em que os processos de concentração e centralização do capital adquirem maior força, invadindo cidades, nações, etnias, culturas e diversidades, principalmente as do Terceiro Mundo. Boff, citado por Amador (1997, p.1), retrata de forma clara a situação relatada:

“A Baía de Guanabara, incluindo sua bacia contribuinte, localizadas no Estado do Rio de Janeiro, apesar da importância histórica, econômica, cultural, científica, social e ambiental é um dos ambientes costeiros mais degradados do país, tanto do ponto de vista ambiental quanto social, em razão de um processo de destruição, que tendo início com a colonização a partir do século XVI, se acentuou drasticamente com o modelo de “desenvolvimento” urbano-industrial, atualmente com sua roupagem neoliberal.” (p.xxv).

A Ilha do Governador situa-se na Baía de Guanabara e dentro de seus limites está inserida a Colônia de Pescadores Z-10. Esse lugar, assim como as demais colônias de

pescadores que existem na baía,⁴ sofreu brutalmente os efeitos do fenômeno descrito, tanto no que diz respeito às suas paisagens naturais quanto às condições sociais dos que dela sobreviviam. No caso da pesca houve, em toda a baía, uma redução de 40% do pescado nos últimos dez anos; a produção de camarão, por exemplo, vem caindo a uma taxa de 20% ao ano.

2.1.1 A ILHA DO GOVERNADOR: CARACTERÍSTICAS NATURAIS E PROCESSO DE OCUPAÇÃO

A Ilha do Governador é a maior das ilhas situadas na Baía de Guanabara; faz parte de uma série de maciços montanhosos que antecedem a Serra do Mar. De relevo predominantemente elevado, possui poucas áreas planas, nas quais se instalaram as primeiras trilhas abertas pelos indígenas e hoje constituem os grandes eixos viários como a Estrada do Galeão, a Avenida Paranaíba, a Rua Cambaúba, entre outros. Os aterros foram responsáveis pela ampliação dos terrenos planos, às custas da destruição da natureza. Seu litoral apresenta-se com variadas feições destacando-se as praias e os manguezais, como o que margeia a colônia alvo desse trabalho.

A Ilha já possuiu vários cursos d'água que davam origem a importantes nascentes: o rio Jequiá, em cujo estuário se localiza o manguezal de mesmo nome, localiza-se na parte oriental, está canalizado, em grande parte subterrâneo e, ao correr a céu aberto, apresenta-se como uma vala negra. Na porção oeste, todos os córregos desapareceram.

A vegetação coincide com a do Recôncavo da Guanabara e encostas da Serra do Mar, ou seja, de exuberante mata tropical, nas quais se desenvolviam importantes madeiras-

⁴ Segundo o presidente da Federação dos Pescadores, José Maria Pugas, na Baía de Guanabara, existem 5 colônias, com um total de 21800 pescadores cadastrados, a maioria praticando a pesca artesanal, isto é, com canoas e caíques, usando redes, linhas ou pequenos arrastos (O GLOBO, p.12, 2 fev.2005).

de-lei. Hoje, apenas nas áreas ligadas à Aeronáutica e à Marinha há reservas florestais. Nas regiões litorâneas as vegetações de restinga e de mangue abundavam; os últimos desapareceram em grande parte, permanecendo, ainda que profundamente poluídos, no Saco do Jequiá, à margem do qual a população da colônia se instalou e na Praia da Rosa.

A fauna, abundante no passado, reunia inúmeras aves e animais de médio porte como gambás, onças, jaguatiricas, tatus, pacas, macacos, etc. O clima é do tipo tropical com estação seca e os rigores dos verões são amenizados pela presença do mar.

A história oficial da Ilha do Governador inicia-se a partir do século XVI quando seu território passa a ser alvo de interesse dos colonizadores europeus. A história da ação capitalista sobre o meio ambiente pode ser retratada na análise da evolução do processo degradação da Baía de Guanabara e da região ao seu redor – a Bacia da Guanabara – que se inicia em 1º de janeiro de 1502, quando 3 naus, comandadas por Gonçalo Coelho, representando os interesses do mercantilismo europeu, aqui chegaram com o objetivo de conquistar novas terras, novos mercados e para produzirem produtos valorizados na Europa.

Ao longo do tempo, e cada vez mais, a região foi sendo apropriada de acordo com os usos determinados, primeiramente, pela política mercantilista, e depois pelo sistema capitalista internacional que, explorando os povos indígenas, escravos, assalariados e os recursos naturais, foram responsáveis pela grave situação sócio-ambiental em que se encontra hoje a Baía de Guanabara e a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, como tão bem nos mostra Amador (1997):

“[...] as agressões ambientais produzidas pelo atual modelo de desenvolvimento urbano-industrial, baseado na reprodução e acumulação do capital, através da expropriação da natureza, do espaço e do trabalho assalariado, pouco diferem daquelas

praticadas pelos colonizadores conduzidos pelo mercantilismo, baseados na rapinagem dos recursos naturais. A Baía de Guanabara e sua região foram vítimas dos dois sistemas de produção, entre os quais não houve descontinuidade, mas apenas um reajustamento às conjunturas do capitalismo internacional.” (p. xxvi)

Antes de ser iniciado esse processo, porém, a terra já era ocupada pelos indígenas que ali habitavam há muito tempo. Integrando a capitania de São Vicente, da qual fazia parte a cidade do Rio de Janeiro e a Baía de Guanabara, a Ilha do Governador foi doada a Martim Afonso de Sousa, em 1534. As capitanias resultaram da necessidade de Portugal ocupar o litoral brasileiro, alvo de inúmeras incursões estrangeiras que exploravam o pau-brasil. A Colônia foi, então, dividida em 15 capitanias doadas a 12 donatários que delas deveriam cuidar e explorar às suas próprias custas. A Martim Afonso foram dados 2 lotes, sendo um deles o de São Vicente.

Para coordenar a colonização foi criado um governo geral, com sede na capitania da Bahia de Todos os Santos. O 1º governador geral, Tomé de Sousa (1549-1553) funda a cidade de Salvador, sede do governo, em 1549 e, em fins de 1552, objetivando inspecionar as capitanias do sul, chega à Baía de Guanabara, dela se encantando e deparando, segundo registros históricos, com índios amistosos – os Maracajá – localizados numa grande ilha – a atual Ilha do Governador. Esse grupo integrava a grande família lingüística Tupi-Guarani da qual faziam parte inúmeros grupos conhecidos por vários nomes, de onde decorrem, muitas vezes, confusões na classificação dos mesmos, tema cuja discussão não será aprofundada, uma vez que não cabe no âmbito desse trabalho. Utilizaremos a divisão adotada por Jean de Léry⁵, que considerava que os Tupinambá e

⁵ Jean de Léry foi um missionário calvinista francês que escreveu a Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América ... de 1578, segundo cita Ipanema (1991).

Tupiniquim eram os Tamoio que se ligaram aos franceses e os Temiminó ou Maracajá eram os Tupi, que habitavam a ilha de mesmo nome e que se aliaram aos portugueses. Maracajá é uma denominação dada a um grande felino de porte cerca de 3 vezes o tamanho de um gato doméstico e à Ilha do Governador.

Das narrativas dos cronistas quinhentistas⁶ temos a descrição da vida daqueles índios: vivam da pesca e da caça e cultivavam o milho e o caju para a fabricação de cauim – bebida fermentada – e a mandioca. Cobriam suas casas com sapê, confeccionavam cerâmicas e praticavam a antropofagia na guerra.

Pela abundância de recursos existentes na ilha os Maracajá eram, freqüentemente, apossados pelos Tamoio, que disputavam a Grande Ilha ou Ilha dos Maracajá⁷. A presença indígena na Ilha é atribuída desde cerca de 1300 anos, de acordo com Beltrão, citada por Ipanema (1991, p.55).

Durante o 2º governo geral, de Duarte da Costa (1553-1557), a Baía de Guanabara foi perdida para os franceses, que ali instalaram a França Antártica, liderados por Nicolau Durand de Villegagnon. Esse fato gerou preocupação em Portugal e, ao assumir no Brasil, em 1557, o novo governador – Mem de Sá –, foi tentada uma negociação com os franceses, mas a iniciativa fracassou; a ilha onde eles se localizaram teve seu suprimento de água cortado, foi bombardeada e índios e franceses fugiram, para mais tarde retornarem para a Ilha de Paranaçu (atual Ilha do Governador). É, então, enviada ao Brasil uma frota chefiada por Estácio de Sá, sobrinho do governador geral, para expulsar os invasores, feito para o qual contou com a ajuda de Araribóia.

⁶ Dentre os quais Ipanema destaca André Thevet, francês que desembarcou na Baía de Guanabara com Villegagnon em 1555 e que escreveu cosmografia universal e As singularidades da França Antártica, Hans Staden, prisioneiro alemão dos Tupinambá que escreveu as Viagens em 1557, os jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, além de Fernão Cardim, Pedro de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Sousa e Simão de Vasconcelos, portugueses.

⁷ O primeiro nome foi atribuído à atual Ilha do Governador por Léry e o segundo por Thevet.

No dia 1º de março de 1565, junto aos morros do Pão de Açúcar e Cara de Cão, do lado da Praia Vermelha, Estácio de Sá fundou a cidade do Rio de Janeiro. Estácio de Sá e seus aliados Maracajá ainda lutaram durante 2 anos contra os franceses, que foram ajudados pelos Tamoio, mas foram finalmente vencidos em 1567 na batalha de Uruçumirim (atual praia do Flamengo) na qual Estácio de Sá morreu com uma flecha envenenada no rosto. Na Ilha do Governador foi construída uma fortaleza – a de Parnapocu – e travados combates liderados por Cristóvão de Barros que duraram três dias, mas que consolidaram a ocupação portuguesa no Brasil, tendo os Maracajá da Ilha do Governador participado efetivamente desse processo de vitória portuguesa. Definitivamente expulsos, os franceses retiraram-se para Cabo Frio, mas durante todo o século XVI foram protagonistas de inúmeros combates ao longo do litoral brasileiro.

Após a derrota dos franceses, Mem de Sá procedeu à distribuição de sesmarias⁸, tendo recebido a da Ilha do Gato o funcionário régio Rui Gonçalves e Salvador Correia de Sá⁹ – o “Velho”- nomeado governador e capitão da cidade e de toda a capitania por seu tio, a quem acompanhara na luta contra os invasores. A partir de então, a Ilha do Gato, do Maracajá, a Grande Ilha, a Ilha de Paranapuã, de Paranapicuí¹⁰, passou a ser conhecida como Ilha do Governador.

Não há registro algum que comprove a ocupação da Ilha do Governador por Rui Gonçalves, mas no que se refere ao outro sesmeiro, ao contrário, sua presença se fez notar na ocupação da porção centro-leste da Ilha, mais especificamente na Praia do

⁸ Sesmarias correspondiam a grandes porções de terras que eram doadas àqueles que tivessem prestado serviços à Coroa Portuguesa.

⁹ Salvador Correia de Sá governa o Rio de Janeiro de 1568 a 1571 e de 1577 a 1598; seu filho, Martim Correia de Sá, exerce o governo por três períodos, assim como seu neto, Salvador Correia de Sá e Benevides, totalizando uma gestão que durou 48 anos não sucessivos.

¹⁰ Os termos enumerados se referem às diversas denominações que recebeu a Ilha do Governador ao longo do tempo.

Engenho Velho, atual Jardim Guanabara, com um engenho de produção de açúcar. A outra parte da Ilha permaneceu desocupada e até hoje percebe-se no espaço insulano essa bipartição entre o lado oriental densamente ocupado e o ocidental, menos retalhado, constituindo hoje uma grande área, predominantemente ocupada pela Aeronáutica.

A produção de açúcar da Ilha do Governador vai ser de grande importância num período em que, no século XVII, a região nordeste esteve ocupada pelos holandeses, exigindo, assim, novas fontes de abastecimento do produto.

Salvador Correia de Sá morreu, com quase noventa anos, em 1631. O décimo-sétimo governador, que repetiu sua administração como o vigésimo terceiro e o trigésimo governante, foi seu neto, Salvador Correia da Sá e Benevides, que aparece ligado à história da Ilha do Governador, porque fez um contrato com a Coroa para a construção de galeões naquela localidade. O mais famoso deles foi o Padre Eterno, construído na região batizada mais tarde como Galeão.

Esse segundo Salvador, também teve forte participação na administração das minas brasileiras e na reconquista de Angola aos holandeses para os portugueses; governou no Brasil em três períodos. Até hoje, em grande parte das representações iconográficas sobre a Ilha do Governador, aparece a figura do neto em lugar do avô, que teve efetivamente importante papel na história da ilha. Comete-se, assim, uma injustiça com aquele que teve relevância na inserção da Ilha no cenário nacional e mundial.

A partir do século XVI a ocupação da Ilha vai se basear em 2 tipos de atividades econômicas: na parte que deve ter cabido a Rui Gonçalves surge o cultivo de cana de açúcar com objetivo comercial e uma lavoura de subsistência, onde se incluiria a plantação de vegetais e a criação de animais, complementada pela caça, além da pesca. Alguns pequenos lavradores também instalaram engenhocas para o fabrico de aguardente.

As plantações de verduras, legumes, frutas, mandioca, inhame, milho e a criação de aves, porcos também se destinavam ao abastecimento da cidade do Rio de Janeiro, o que era feito através de embarcações.

A parte nordeste da Ilha será ocupada igualmente por engenhos; onde hoje conhecemos como Freguesia, Jorge de Sousa, dono de um deles, mandou construir uma igreja – a de N. Sra da Ajuda – onde se reuniam os “fregueses”, isto é, os fiéis, daí, a origem do nome do lugar. A paróquia, que foi a primeira da Ilha, surgiu em 1702, para favorecer às pessoas, que, até então, tinham que ir a Magé, de barco, para cumprir seus deveres religiosos. Esse bairro, além da Ponta da Conceição - onde se instalaram a fazenda e o engenho dos Sás e a igreja de N. Sra da Conceição - e onde hoje é a área da Aeronáutica, propriedade de Manuel Fernandes Franco, eram as áreas mais povoadas da Ilha.

Esse grande proprietário, em 4 de maio de 1695, doa imensa gleba de terras aos frades beneditinos em troca de missas por sua alma, de sua falecida esposa e de seus sogros, aumentando, assim as posses dos religiosos, que já se estendiam à região de Guaratiba a oeste e Campos ao norte da capitania. A ocupação dos frades trará grandes conseqüências para a Ilha do Governador durante o século XVIII, como veremos a seguir.

Os beneditinos ocuparam a parte oeste da Ilha do Governador, correspondendo ao Galeão, Frecheiras (Flexeiras), Itacolomi, Tubiacanga e São Bento; grande parte dessa área hoje é ocupada por instalações da Aeronáutica. Com uma administração eficiente, eles ocuparam e arrendaram partes de suas terras, que contaram com uma escravaria de peso.

Um intenso fluxo comercial com a já capital do Brasil¹¹ inicia-se então, com o abastecimento de inúmeros produtos para a mesma.

Durante o século XVIII a Ilha do Governador, que contava com cerca de 1000 habitantes, também se destacou como elemento de contribuição da cultura portuguesa: com o caulim da ilha, José Manso Pereira, professor e químico que publicou 5 obras em Lisboa, fabricou louça para a Corte e para Portugal e fez os bustos do casal real, além de aparelho e caixa para sabão de barba para D. João.

Nos primeiros anos do século XIX, com a chegada da família real ao Brasil, a Ilha do Governador vai se transformar num verdadeiro centro de fornecimento do Rio de Janeiro.

Em 7 de maio de 1808, D. João, príncipe regente, sua esposa Carlota Joaquina, seus filhos D. Pedro e D. Manuel, suas filhas e seus agregados, totalizando 15.000 pessoas, desembarcaram no Rio de Janeiro, forçados que foram pela invasão francesa a Portugal. Com uma população que não passava de 60.000 pessoas, a demanda urbana de comida e de material de construção aumentou muito. A Ilha do Governador terá papel importante no sustento da futura capital do Império, fornecendo legumes, frutas e verduras, além de farinha, pescado, lenha, madeiras e cal.

Em 12 de agosto de 1811, a exemplo da Europa, foi criada, por decreto imperial, na Ilha do Governador, uma coutada – um campo de caça – na área dos beneditinos, que se empenharam em receber, da melhor maneira possível, o governante, quando este para lá se dirigia a fim de se entreter. Há registros do período em que D. João

¹¹ O Rio de Janeiro, desde 1565, passa a ser a sede da capitania do Rio de Janeiro, devido à sua posição, o que lhe conferia o papel de pólo aglutinador do sul do país. Sua jurisdição se estendia às capitanias do sul e às regiões das minas, chegando a englobar São Paulo, Minas de Ouro, Mato Grosso e Goiás.

se hospedou na Ilha, que passou a ser sede física do governo, através de um despacho do príncipe regente e de uma carta de D. Carlota Joaquina, ambos oriundos dali..

Com o retorno de D. João VI a Portugal em 1821, é aclamado e coroado Imperador seu filho, D. Pedro I, então com 24 anos, que em 1822 proclama nossa independência.

Para a elaboração da nossa primeira Constituição como um país livre, em 1823, ocorreu uma série de problemas entre o Imperador e a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil¹². D. Pedro abdica em 1831 e o país é governado por uma regência, em função da pouca idade de seu sucessor, D. Pedro II. Durante a regência criou-se a Guarda Nacional para defender a Constituição (que havia sido promulgada em 1824), a liberdade e garantir a independência do Império. Na Ilha do Governador, em 1842, é formado então um Batalhão de Guardas Nacionais, comandado por José Bento da Silva.

O crescimento da população e das atividades insulanas durante o século XIX exigiu a construção de escolas, no início apenas masculinas¹³, as escolas eram coordenadas por instrutores de educação pública, mas também havia escolas particulares pertencentes a ordens religiosas. A população absoluta era, em 1838, de 2391 habitantes e a vida na Ilha do Governador era calma: casas à beira-mar, em centro de terreno, praias limpas, escolas, casas de negócios, algumas indústrias, várias igrejas, com a administração local exercida pelos “inspetores de quarteirão“.

No Jardim Guanabara, em 1860, surgem fábricas de tijolos e de telhas, atividades importantes na Ilha, que chegará a exportar para a Argentina. A mais importante

¹² Foram presos e deportados vários deputados, inclusive os Andradas: José Bonifácio - que, mais tarde, viria a ser o tutor de D. Pedro II quando da abdicação de seu pai, em 1831, uma vez que não contava ainda com 6 anos -, Antônio Carlos e Martim Francisco.

¹³ O ensino era por sexos separados; a primeira escola surgiu em 1834.

delas foi a Fábrica de Produtos Cerâmicos Santa Cruz, na fazenda da Conceição, uma potência na época e que tinha como símbolo a Cruz de Malta, ainda hoje encontrada em algumas construções.

O transporte marítimo começa a ser regularizado a partir de 1898 com a entrada em cena da Companhia Cantareira e Viação Fluminense, após várias tentativas fracassadas por parte de outras empresas ligadas ao setor.¹⁴

Até 1881, quando as eleições passaram a ser diretas¹⁵, a Ilha do Governador integrava-se à cidade por meio do envio de representantes escolhidos pelas paróquias para escolher os membros das casas legislativas.

Implantador do telégrafo no Brasil em 1852 e seu primeiro diretor, Guilherme Schuch de Capanema, o Barão de Capanema, foi morador da Ilha do Governador, onde possuía um observatório meteorológico e uma fábrica de formicida – Formicida Capanema - para combater as saúvas que destruíam as plantações. Amigo pessoal de D. Pedro II e criador de um Jardim Botânico, seu nome batizou uma praia, - a Praia do Barão, que mais tarde teve seu nome trocado, mas que continua a ser chamada pelo antigo pelos moradores – , um colégio (comprado por outro na década de 1980) e seu sobrenome é utilizado ainda hoje numa rua do bairro do Tauá.

Continuando a refletir os eventos que ocorriam na cidade, a Ilha do Governador vai ter uma de suas mais prósperas fazendas – Fazenda São Sebastião localizada na Ponta do Matoso – comprada pelo governo em 1871 para a instalação de um asilo de inválidos da Marinha, mas depois foi destinada a ser a Companhia de Aprendizes Marinheiros.

¹⁴ De 1852 a 1863 atuou a Companhia União Niteroiense, de 1874 a 1876 foi a vez da Companhia de Bondes Marítimos e em 1879 foi a vez da Companhia Ferry.

¹⁵ Até aquele ano as eleições aconteciam em 2 etapas: a primeira era realizada nas paróquias, pela igreja matriz, que escolhia seus eleitores para irem votar na segunda etapa.

Atualmente nesse morro encontram-se a Estação Rádio da Marinha e a Base de Combustíveis Líquidos ligadas ao continente por uma ponte ,construída em 1893, que atravessa o Saco do Jequiá. A Colônia Z-10 situa-se numa área situada ao lado da referida Estação Rádio.

Em 1888, para recolher mendigos e ociosos da cidade, foram fundadas as Colônias São Bento e Conde de Mesquita pelo conselheiro Antônio Ferreira Viana. Antes de findar o século essas colônias foram transformadas em Colônias de Alienados, tendo sido diretor de uma delas João Henriques de Lima Barreto, pai do famoso escritor carioca e insulano.

Nos primeiros anos após a República, em 6 de setembro de 1893, a Ilha do Governador serviu como base para revoltosos de um movimento armado chefiado por Custódio José de Melo e Luís Felipe de Saldanha, onde eram supridos de leite, água, carne e alimentos frescos os navios envolvidos no conflito. A invasão da Ilha, seguida de bombardeio, ocorreu em 13 de dezembro daquele ano e a rebelião foi sufocada, com perdas de vidas, destruição de uma igreja e roubo de objetos de culto pelos soldados.

Na virada do século é construído o cemitério da Ilha do Governador, a vida ainda se baseava fundamentalmente na agricultura, na criação de gado, na pesca e a população atingia a casa dos 5.616 habitantes. Os acontecimentos, a partir de então, ocorrerão num ritmo vertiginoso e transformarão os usos e as paisagens da Ilha do Governador, e obviamente, a da Colônia Z-10, que entra oficialmente na história da Ilha do Governador na segunda década do século XX.

Surge o primeiro jornal – O Suburbano – em 1900, seguido por outros, como o Amig, da Associação de Moradores da Ilha, o Ilha Notícias e o Globo Ilha. A região passa a ser utilizada como área de veraneio pelas famílias residentes no Distrito Federal, que,

muitas vezes possuíam casas para aquele fim. Praias calmas, clima ameno, ambiente tranquilo a poucos minutos do centro da cidade representavam fortes fatores de atração e, assim, “muda a Ilha de feição, de estritamente abastecedora, para acolhedora de uma população flutuante”. (IPANEMA, 1991, p.116)

Duas linhas de navegação são abertas em 1903: uma para a Freguesia e outra para o Galeão. Abrem-se ruas, estabelecimentos comerciais, escolas, fábricas, enfim, intensifica-se a ocupação. Chegam a Shell e a Esso, em 1914, à Ribeira. Instala-se uma casa de correção para menores infratores, a Petrobrás constrói terminais na Ilha D’água e atravessa, com seus oleodutos, os espaços que vão da Ilha até a REDUC, em Caxias. O bonde elétrico passa a servir à população e pontes de atracamento são levantadas em vários pontos. A Aeronáutica se instala na década de 1930.

Os loteamentos passam a ser cada vez mais numerosos e ocupados por diferentes usos. Melhoram os transportes e as comunicações, assim como a infra-estrutura. As favelas proliferam a partir de 1950 e são locais onde se instalaram o tráfico de drogas e o pânico para os moradores que moram na comunidade e fora dela; o Aeroporto do Galeão começa a operar em 1952, e o Internacional do Rio de Janeiro – atual Tom Jobim – em 1977.

O Jóquei Clube Guanabara, atual Associação Atlética Portuguesa é criado em 1961. Vários cinemas foram, ao longo do tempo fechando, e hoje a Ilha possui apenas 2 salas de projeção num shopping. O comércio ainda é relativamente pouco prestigiado pela população, que prefere se servir fora da Ilha, com exceção dos supermercados, que são muitos e bem equipados.

As opções de lazer, especialmente para os mais jovens, são escassas, obrigando-os a buscá-las em outros bairros. Ainda há bons restaurantes, aliás, uma tradição na Ilha.

Engarrafamentos, antes freqüentes nos horários de pico, diminuíram devido às obras de ampliação das vias de acesso, da abertura de uma estrada alternativa – a Tubiacanga-Canárias, que teve seu movimento reduzido por atravessar uma área de risco representada pelo narcotráfico que se instalou na favela do Parque Royal que a margeia – e ao transporte alternativo – kombis e vans; ainda não há nenhuma linha de grande expressão que ligue a Ilha do Governador aos bairros da zona sul da cidade¹⁶, o que eleva os gastos da população com transportes.

A Linha Vermelha e a Linha Amarela reduziram o tempo gasto e as distâncias, mas os maiores beneficiados foram aqueles que possuem carro, pois, na primeira via o número de ônibus é insuficiente e pela segunda não passa nenhum coletivo oriundo da Ilha.

Com a criação do Estado da Guanabara em 1960, a cidade é dividida em Regiões Administrativas e à Ilha do Governador correspondeu o número XX, cuja jurisdição se estende sobre cerca de 25 ilhas e ilhotas ao seu redor. Considerada como um bairro e até hoje referida como tal, a Ilha do Governador, na verdade, não o é desde 1981, quando um decreto transformou os 14 sub-bairros em bairros propriamente ditos: Galeão, Portuguesa, Jardim Carioca, Cacua, Jardim Guanabara, Ribeira, Zumbi, Pitangueiras, Praia da Bandeira, Cocotá, Tauá, Bancários, Freguesia e Moneró. Ilha do Governador é apenas o nome de um acidente geográfico, mas a população em geral não incorporou a nova classificação no seu linguajar cotidiano e ainda se refere a ela como um bairro.

O terceiro milênio se depara com uma Ilha do Governador muito diferente daquela que índios e colonizadores conheceram. Em seu interior encontramos todos os males que afetam as metrópoles do país: degradação ambiental e social, violência, tráfico,

¹⁶ Há apenas uma linha de ônibus conhecido com “frescão” que vai do Aeroporto Internacional Tom Jobim até a barra da Tijuca, mas seu preço é elevado, seu itinerário é muito longo e seus horários são muito espaçados.

medo, privatização dos espaços de moradia e de lazer. Isso traz àqueles que se interessam por ela e que a conhecem há muito tempo, uma certa melancolia, mas, ao mesmo tempo, um desafio diante da possibilidade, de contribuir, ainda que modestamente, para a compreensão de parte dos problemas que a afligem. Não se trata de querer resgatar um passado inviável nos dias de hoje; é, antes de tudo, acreditar que é possível melhorar a vida dos que nela habitam, principalmente dos menos favorecidos. É dentro desse contexto conturbado que se insere a Colônia Z-10, uma das muitas representantes dos efeitos desastrosos da forma pela qual o chamado “desenvolvimento” se processou na Ilha do Governador, no Brasil e no mundo.

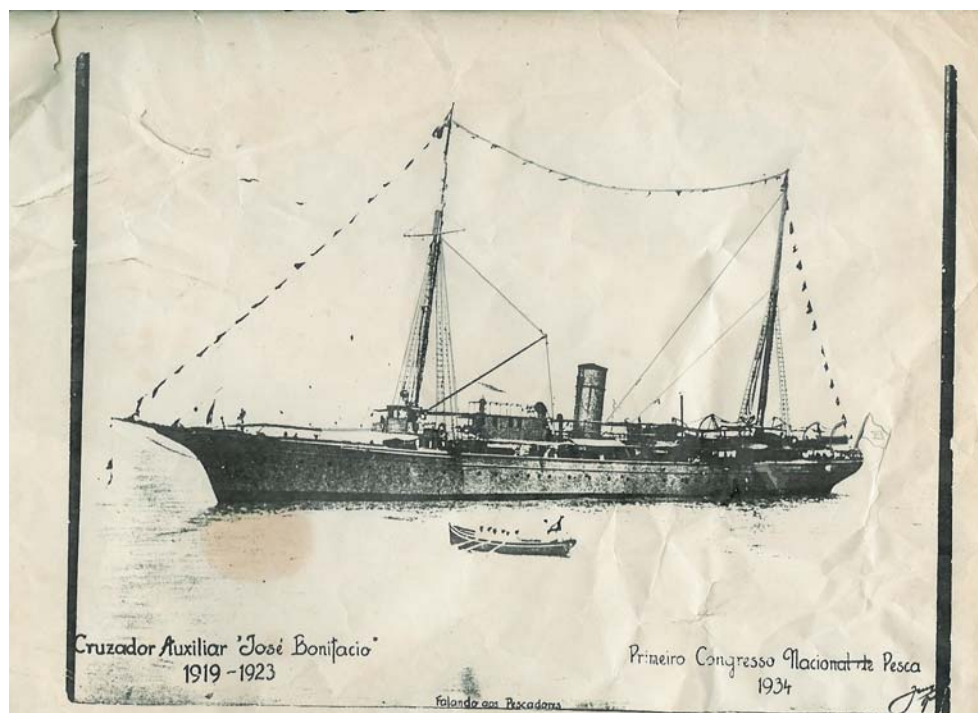
2.1.2 A COLÔNIA Z-10: ORIGEM E PANORAMA SÓCIO-ECONÔMICO

A Colônia Z-10 foi fundada em 1920, pelo Almirante Antônio Gomes Pereira. Foi a primeira colônia de pescadores do Brasil, posição que é disputada por outras colônias, mas que pode ser comprovado pelo fato de que, originalmente, ela se chamava Z-01, além de ser a única que leva o nome de seu fundador.

Terminara, havia pouco tempo, a Primeira Guerra Mundial, e a Marinha utilizava a estratégia de fazer dos pescadores localizados na costa, os seus olhos avançados, numa época em que os meios de transporte e de comunicações ainda eram precários, além de dar suporte à atividade pesqueira.

A bordo do Cruzador José Bonifácio, Frederico Vilar, seu comandante, assinou, em 17 de novembro de 1920, o termo de doação do terreno onde seria fundada a Colônia Z-

01 ao Almirante Antônio Gomes Pereira¹⁷, numa extensão começava da Ponta do Mirante, 700m à margem esquerda do Jequiá, canal acima.



Cruzador José Bonifácio (foto cedida por Zé Luís)

Em 1936, para resolver o problema da delimitação da área da colônia, foi criado o Termo 90, no qual, não se sabe se propositadamente ou não, foi escrito que a colônia ficava em terreno *da* Marinha, e não *de* Marinha, como é o caso de todas as zonas costeiras. Desse modo, ela passou a pertencer ao quartel da Marinha e a ser guardada por aquela instituição militar: nada poderia ser feito, nenhum tipo de material poderia entrar, nem nenhuma construção ser feita sem a sua autorização prévia.

Em 1994, após quase 10 anos, a Marinha separa a gleba da Colônia das demais, e a entrega à administração municipal¹⁸. A justificativa dada foi a de que os problemas

¹⁷ Ver Anexo 1.

ligados àquela comunidade demandavam tempo demasiadamente grande dos militares, desviando parte da atenção que deveria ser destinada à corporação. É criado, então, um grupo de trabalho para a regulamentação fundiária do lugar, constituído por 2 representantes da Secretaria de Meio Ambiente, que já era tutora da colônia desde 1993, assim de outras secretarias, além de dois elementos da comunidade.

O referido grupo, até o momento, ainda não foi regulamentado, devido a entraves burocráticos, segundo informações obtidas durante as pesquisas¹⁹. Devido a essa morosidade, a colônia está passando por uma série de problemas sócio-ambientais. A Colônia Z-10, protegida durante muito tempo, por estar em terreno da Marinha, foi elevada à condição de Área de Proteção Ambiental e de Recuperação Urbana (APARU) em 1993 pelo governo municipal, juntamente com todo o manguezal em torno do qual ela se situa.

Segundo o recenseamento realizado em 1995, pela PCRJ²⁰, a população era de 2722 habitantes, distribuídos por cerca de 11 ruas, mas, mais recentemente, é estimada em 3600 habitantes, conforme aponta Cribb (2001).

¹⁸ Há, na região, 5 glebas: a Colônia, o manguezal, a Estação Rádio da Marinha, o Instituto de Pesquisa da Marinha e o Depósito de Combustíveis da Marinha.

¹⁹ As informações relativas à origem da colônia foram obtidas através do depoimento de José Luís de Castro – o Zé Luís do Manguezal – morador da comunidade, ambientalista e presidente da Associação Amigos do Manguezal.

²⁰ Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.



Uma das ruas da Colônia Z-10 (Fev de 2005; foto da autora)

Todas as casas da colônia dispõem de luz elétrica e de água potável, além de serem bem servidas por serviços de transportes convencionais e alternativos (vans e kombis) e de saúde, representado por um posto de saúde do município localizado próximo à comunidade e pelo Hospital Municipal Paulino Werneck no bairro do Cacuia; as ruas foram, recentemente, calçadas, a Praça de São Pedro foi urbanizada e uma creche presta atendimento às famílias.

A maior parte da população – 54% - está na faixa etária adulta (entre 20 e 59 anos), sendo pouco numerosos os jovens (com menos de 20 anos) e os idosos (pessoas com idade superior aos 59 anos). Até aquela data não havia moradores que tivessem vindo de outros estados; todos eram nascidos na região.

As residências são próprias, unifamiliares, porém algumas são utilizadas também para a instalação de comércios de pequeno porte pelos próprios moradores. O nº de edificações tem aumentado horizontalmente em direção às áreas ocupadas pelo mangue e verticalmente, com a venda ou aluguel de lajes para terceiros.



Crescimento vertical da colônia (Fev. 2005; foto da autora)

Da população economicamente ativa, cerca de 85% estão empregados, a maioria em atividades fora da colônia; poucos indivíduos vivem da pesca. A taxa de analfabetismo é baixa e quase toda a população concluiu o segundo grau, mas apesar do nível médio de escolaridade, os salários, em média são inferiores baixos.

A falta de atividades econômicas na colônia é uma marca visível na paisagem do lugar: a pesca tem diminuído e as lojas existentes são pouco numerosas. Segundo o representante dos pescadores, Aníbal Ferreira, a colônia integra, através de uma associação,

mais de mil profissionais de pesca da Ilha do Governador, de Paquetá e de Duque de Caxias, porém pouco menos de 300 deles têm alguma relação com o terreno onde surgiu a colônia.

Apenas 11% da população total participam de associações ambientalistas e organizações de desenvolvimento, a maior parte formada por adultos; os jovens não demonstram entusiasmo pelas atividades desenvolvidas por elas, preferindo outras atividades.

A pesquisa de Cribb (2001), relativa ao engajamento das famílias nos movimentos de preservação ambiental, resultou na classificação das mesmas em três tipos: as “indiferentes”, as “interessadas passivas” e as “interessadas ativas”. A partir dessa diferenciação a pesquisa procurou estabelecer relações entre as características analisadas, a renda e o nível de escolaridade das famílias, chegando-se à constatação de que as de maior poder aquisitivo e de maior nível de instrução são as mais engajadas nas associações ambientalistas que atuam na região da APARU do Jequiá: Associação de Moradores da Colônia de Pesca Z-10; Associação de Pescadores da Colônia de Pesca Z-10, Associação Amigos do Manguezal do Jequiá, Os Verdes – Movimento de Ecologia Social, Grupo Mundo da Lama e Grupo de Investigação, Formação e Ação para o Desenvolvimento (GIFAD).

A atuação da Prefeitura na APARU é centralizadora, e, segundo as pesquisas, não considera a participação dos moradores da colônia, fato que gera constantes conflitos entre as partes, exemplificados pelos fatos que serão descritos a seguir.

O Ministério Público caracterizou muitas das obras feitas pela prefeitura como crime contra o meio ambiente: as obras de pavimentação das ruas foram realizadas de tal modo que ocorreu um desnível nas mesmas, provocando o escoamento das águas das

chuvas diretamente para a rede de esgoto; quando a pluviosidade é muito intensa, a rede de drenagem não dá vazão, o esgoto transborda e entra nas casas. Muitos moradores, para sanar o problema, desviaram então seus esgotos diretamente para o mangue. A prefeitura garante que o problema não é sua culpa, e que ocorreu por conta do aumento no nº de residentes.

De acordo com a vistoria realizada pelo Ministério Público, representado pelo GATE o material que preenche os pneus que circundam o cais (argila e entulho de obras) está se soltando, o que vem colaborar para a degradação do ambiente. A prefeitura, por outro lado, alega que a visita daquele órgão federal foi realizada sem a sua presença e exige a realização de outra, com a presença também de representantes municipais.



Cais de pneus e entulhos de obras (Foto cedida por Zé Luis)

Existe na localidade um centro de referência em estudos do manguezal, instalado num prédio construído pela prefeitura, que segundo alguns moradores, não tem nenhuma identidade com a população local; afirmam, também, que o biólogo responsável não seria um especialista em manguezais e que o projeto não gerou programas de educação ambiental; O “Mutirão Reflorestamento” e o “Guardião dos Rios”, que conta com o financiamento da Petrobrás, representam os projetos municipais de preservação

ambiental na área; o objetivo é re-socializar as margens dos rios e evitar o avanço das construções e o aterramento.



Centro de visitação da APARU onde funciona a Associação de Moradores (Fev. 2005; Foto da autora)

O depoimento do biólogo Jorge Rogério Pereira reforça as alegações contrárias à ação municipal, pois, segundo ele, o replantio das mudas é feito de maneira inadequada, uma vez que as mesmas são colocadas em garrafas PET enterradas na lama, o que dificulta a sua retirada posterior e contribui para o acúmulo de sedimentos no manguezal; além disso, ainda de acordo com suas palavras, o espaçamento do plantio (feito numa área imprópria, onde naturalmente, não ocorre vegetação de mangue) é menor do que o recomendado e futuramente deverá ocorrer a morte da vegetação, por sombreamento. A ONG Amigos do Jequiá alega que foi prejudicada na construção de uma estufa para o cultivo de mudas, pois o projeto, por não ter a ajuda de um agrônomo que se responsabilizasse por ele, foi alvo de uma ação judicial por parte da prefeitura.

A Associação de Moradores e a ONG Amigos do Manguezal formam agentes multiplicadores a partir de vários projetos, dentre os quais se destaca o “Siri na Lata”, com apoio do Governo do Estado e do Estaleiro Transnave, em que 15 crianças têm aulas de educação ambiental e de percussão.

A falta de entendimento entre as organizações não governamentais, os moradores e a prefeitura dificulta ações que, se conjuntas, propiciariam a melhoria das condições de vida dos moradores e resultariam na recuperação do manguezal do Jequiá.

Atualmente a colônia se chama Z-10 porque houve uma reorganização espacial das colônias, com a união de algumas delas, daí a necessidade de ser estabelecida uma nova classificação²¹. São integrantes da décima zona costeira, além da colônia de nosso estudo e outras da Ilha do Governador, a de Paquetá e a de Caxias.

A Colônia Z-10 se localiza junto a uma área de manguezal, o Manguezal do Jequiá; os manguezais contornavam grande parte do litoral da Ilha do Governador e da Baía de Guanabara, mas hoje se encontram profundamente degradados e com sua área extremamente reduzida.

2.1.3 CARACTERÍSTICAS NATURAIS E PROCESSO DE OCUPAÇÃO DOS MANGUEZAIS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Os manguezais constituem um tipo de ecossistema característico de regiões de clima tropical e subtropical, em áreas de águas calmas, como baías, estuários, lagoas e sujeitas à ação das marés, correspondendo, assim, a ambientes de transição entre o mar e o continente. Devido à sua enorme produção de matéria orgânica, assumem enorme

²¹ A letra Z que antecede a numeração das colônias se refere à zona costeira; no caso em estudo, a colônia faz parte de décima zona costeira.

importância na reprodução de inúmeras espécies animais aquáticos e terrestres, assim como na pesca e outras atividades econômicas extrativas responsáveis pela sobrevivência humana.

Além das funções de “berçário” e de “supermercado”, esses ambientes funcionam também como protetores da linha da costa (a vegetação minimiza a ação das marés e dos ventos), como retentores dos sedimentos trazidos pelos rios, o que favorece a proliferação da vegetação de mangue, funcionam como um filtro biológico, na medida em que o trabalho das bactérias na matéria orgânica associada à fixação e inertização de partículas contaminantes pela lama, depuram o ambiente, renovam a biomassa costeira, pois suas águas calmas e ricas em nutrientes favorecem a reprodução de várias espécies animais, e, finalmente, servem como mantenedores da diversidade biológica, uma vez que aos manguezais estão ligadas espécies que podem ser endêmicas ou residentes, estreitamente ligadas ao ambiente, visitantes ou semi-residentes e migratórias ou visitantes

Atualmente, os manguezais representam cerca de 2% da área total do município do Rio de Janeiro, em condições de profunda degradação ambiental, num processo que se origina a partir do século XIX e se estende até os dias atuais.

Para o desenvolvimento dos manguezais são necessárias as seguintes condições:

- . clima tropical, com temperaturas médias do mês mais frio superior a 20° C;
- . existência de um substrato constituído por sedimentos de argila e silte, ricos em matéria orgânica e de origem fluvial;
- . proteção da costa da ação forte de movimentos do mar – ondas e marés;
- . existência de água salgada ou salobra;
- . marés de grande amplitude.

Dentre os animais residentes no manguezal estão os crustáceos (caranguejos e cracas) e os moluscos (ostras e caramujos), que vivem na zona entre as marés; peixes e camarões representam os semi-residentes, que passam apenas uma fase de suas vidas no mangue, ou avançam e recuam com as marés; a maior parte do pescado se abriga nos mangues em sua fase jovem, abrigado dos perigos do alto-mar. Mamíferos – capivaras, porcos do mato, pacas, guaximins, gambás - , répteis – jacarés, cágados e tartarugas – e uma avifauna muito variada – garças, guarás, colhereiros, irerês e mergulhões – constituem as espécies que se utilizam o manguezal apenas para nidificar e se alimentar.

Ambiente aberto, no manguezal, a entrada e a saída de matéria e de energia são controladas por fatores de ordem física e biológica: os nutrientes trazidos pelos rios, marés e chuvas são incorporados aos sedimentos ou absorvidos pelos vegetais, que os reciclam ao perderem as folhas e serem atacados por fungos, bactérias e protozoários. Caranguejos e outros animais, então, degradam, reduzem e distribuem as folhas pelo ecossistema e sustentam milhares de pequenos animais -vermes, moluscos, camarões, caranguejos, etc – que servem de alimentação para peixes pequenos, que por sua vez, serão consumidos por peixes de grande porte, aves e outros animais, num encadeamento alimentar que vai terminar no homem.

Até o final do século XVIII, com a limitada extensão territorial da cidade, os manguezais permaneceram praticamente intocados; sua ocupação se restringia à extração de alimentos pelo grupo Tupi, na coleta de raízes, moluscos e peixes. Dessa atividade restaram vestígios, representados por acúmulos de conchas em antigos acampamentos, até recentemente encontrados na Lagoa Rodrigo de Freitas, na Ilha do Governador, em Sepetiba e em Guaratiba.

A partir do século XVII as áreas de manguezal foram drenadas pelos jesuítas com o objetivo de se fazer o plantio de cana-de-açúcar nas baixadas de Jacarepaguá e de Sepetiba, abandonadas nos séculos seguintes, com a decadência da atividade na região.

Até o início do século XVIII a área ocupada pela cidade do Rio de Janeiro era pouco extensa, apesar de sua posição de capital da Colônia e de possuir grande importância no ciclo da mineração. Limitava-se, então, ao espaço entre os morros do Castelo, São Bento, Conceição e Providência; a antiga Rua da Vala (atual Uruguaiana), o Campo de Santana e o largo da Sentinela, que eram os limites do espaço urbano, configurando, nas palavras de Bernardes (1995) um “quadrilátero tosco”, na região atualmente conhecida como “Cidade Velha”.

As características ambientais do lugar formado por terrenos alagadiços e por relevo íngreme recoberto por mata densa, dificultavam sua expansão. Tornava-se, portanto, imperativo, para que tal empreendimento se efetuasse, que tais condições se modificassem.

Esse processo inicia-se de modo mais acentuado a partir da chegada da família real ao país, em 1808. A partir de então, com a crescente necessidade de expandir-se a área urbana, os manguezais passam a sofrer alterações por parte dos órgãos públicos, que vão aterrá-los, tendo, assim, sua área diminuída: o Mangue de São Diogo (localizado próximo ao Campo de Santana e um dos maiores da cidade) foi aterrado para a construção do Canal do Mangue, pelo Barão de Mauá, a partir de 1850, com a incorporação dos bairros de São Cristóvão, Estácio e Rio Comprido, formando a área conhecida como “Cidade Nova”.

Com as obras do prefeito Pereira Passos, no início do século XX, a cidade passa por uma grande reforma higienista em sua paisagem, quando são extintos os cortiços, considerados como lugares insalubres e antros de vagabundos, são abertas grandes vias públicas e aterrado o que restou do Mangue de São Diogo, são canalizados os baixos cursos

dos rios Maracanã, Comprido e Trapicheiros, é aberta a Avenida Francisco Bicalho e construído o novo cais do Porto.

Ainda no decorrer do século XIX, a exploração dos sambaquis²² e a retirada de conchas para a produção de cal e do corte das árvores do mangue vermelho para a produção de lenha, acelerou a degradação dos manguezais de Paquetá, Ilha do Governador e do ainda existente Saco de São Diogo e favoreceu a proliferação das caieiras. Apesar de existir legislação que regulamentava o corte do mangue vermelho, a expansão da cidade exigia o crescente fornecimento de materiais de construção, conforme nos aponta Carvalho & Menezes (1994).

O início do processo de industrialização brasileira, que data da década de 1930, vai acentuar de modo drástico a degradação dos manguezais, assim como de outros ecossistemas. Até aquela época a Zona Norte era pouco povoada, pois os núcleos de povoamento, além de pouco numerosos, ocupavam áreas mais secas, logo, praticamente não afetavam os manguezais; a partir de então, a região passa a receber instalações industriais, empreendimentos imobiliários e população migrante.

A construção do aeroporto de Manguinhos, entre 1928 e 1930, destruiu completamente uma área de 2 km de manguezal, com o aterramento de grande parte da enseada de Manguinhos e de Inhaúma (AMADOR, 1992). Com a construção da Avenida Brasil, em 1940 e com as obras de “recuperação” de antigas áreas agrícolas pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), consolida-se a expansão urbana anteriormente iniciada pelas ferrovias.

²² Depósitos de conchas oriundas da coleta indígena.

Por áreas sujeitas a obras de “recuperação”, o DNOS entendia como sendo aquelas periodicamente inundadas pelas marés, nas quais foram feitas polderização²³ e retificação e aprofundamento de cursos fluviais. Ao longo da Avenida Brasil, construída em terrenos saneados pelo DNOS, surgiram bairros industriais ocupados por população de baixa renda. Um exemplo desse fato pode ser representado pela ocupação do extenso manguezal localizado na praia de Apicum, em Ramos e daquele em cujas margens teve origem, na década de 1950, à Favela da Maré e, na década de 1980, à Vila do João.

A construção das instalações da Marinha, a construção do aeroporto do Galeão e a valorização dos terrenos na Ilha do Governador devido à sua nova ligação com o continente pela Avenida Brasil, provocaram a destruição das grandes extensões dos manguezais do Saco do Jequiá, do Itacolomi (sobre o qual o aeroporto foi construído) e do Rosa. Os manguezais da Baía de Sepetiba e das lagoas de Marapendi, Tijuca e Camorim também foram muito afetados pela política de valorização fundiária daquelas áreas, da qual a drenagem dos terrenos alagadiços fazia parte.

Nos últimos 30 anos, a expansão da cidade em direção à Zona Oeste, com base na construção de moradias de populações de baixa renda e de alto poder aquisitivo, tem acelerado a destruição dos ecossistemas litorâneos, dentre os quais os manguezais se incluem; desmatamento, aterramentos, impermeabilização dos solos, e instalação de infraestrutura sanitária inferior ao ritmo da ocupação, provocando o lançamento de dejetos domésticos diretamente sobre as lagoas e os canais fluviais, têm alterado a composição ambiental dos manguezais.

A Baía de Guanabara, onde se localiza a Colônia Z-10, alvo dessa pesquisa, apresenta-se como um ambiente de grande importância para os municípios do seu entorno,

²³ Construção de diques marginais aos cursos d'água, que estavam, em média, um metro acima da preamar máxima.

que a utilizam para atividades de lazer, de pesca, de navegação, de diluição de despejos e de preservação de fauna e de flora. Sua bacia possui cerca de 4.600 km² de área e conta com inúmeros cursos d'água cujas nascentes situam-se nos maciços, serras e morros da região, como o Maciço da Tijuca e as serras de Madureira, Bangu, Tinguá e Três Rios; ao descenderem do relevo íngreme para as áreas planas, esses rios carregam grande quantidade de sedimentos e possuem forte poder erosivo. Os principais cursos d'água que desembocam na Baía de Guanabara são representados pelos rios Carioca, Irajá, São João de Meriti, Iguaçu, Estrela, Suruí, Iriri, Roncador, Guapi-Mirim, Guaraí, Macacu, Guaxindiba, Imboçu, Marimbondo, Bomba e o canal do Mangue e do Cunha. A maior parte desses rios corta regiões densamente urbanizadas, onde os solos estão impermeabilizados, o que facilita a ocorrência de enchentes, principalmente durante o verão.

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com elevado índice de ocupação industrial e demográfica, é a área que mais contribui para o desequilíbrio ambiental da baía, graças a processos relacionados à destruição da mata ciliar²⁴, à retificação de grande parte dos rios que margeiam a baía, o que aumenta o carreamento de sedimentos e o assoreamento da mesma, ao despejo de imensas quantidades de matéria orgânica, das quais apenas 10% recebem tratamento adequado, da presença de cerca de 6.000 unidades industriais, 2 refinarias, 16 terminais de petróleo e 2 portos, que produzem cerca de 7 toneladas/dia de descarga de resíduos tóxicos e matéria orgânica, ao vazamento de 7.000 toneladas /dia de lixo, à destruição dos manguezais e ao aterro de grandes áreas, alterando a circulação das águas.

O Manguezal do rio Jequiá, às margens do qual a colônia Z-10 se localiza, apresenta-se comprometido devido aos aterros feitos para a construção e aumento das

²⁴ Mata localizada às margens dos rios.

residências, pelo assoreamento provocado pelos sedimentos oriundos dos aterros, pelo lançamento de resíduos hospitalares e domésticos, pelo lançamento de lixo pelos moradores e pela grande quantidade de partículas sólidas que se acumulam nas raízes e nos sedimentos do mangue.

Apesar do profundo desgaste do ecossistema, foram registradas oito espécies de caranguejos, correspondendo a mais ou menos 60% daquelas conhecidas nos manguezais da Região Sudeste. Muitas delas são capturadas pelos moradores das comunidades próximas (Zumbi, Ribeira e Nossa Senhora das Graças) para servirem de isca na pesca e para a comercialização. Essa captura é realizada de maneira predatória, com o uso de enxadas, destruindo tocas de outros caranguejos e raízes de mangue; outra prática comum é o uso de armadilhas (ratoeiras) de latas contendo iscas (geralmente cascas de frutas) que são colocadas nas proximidades dos esconderijos, e que atraem caranguejos machos e fêmeas, além de outras espécies, inclusive, pequenos mamíferos.

Ali também é encontrada a maior concentração de aves dos manguezais da Baía de Guanabara (cerca de 50% delas), além das espécies que migram do hemisfério norte no período de abril a setembro e que para lá se dirigem em busca de alimentos e de abrigo. A captura de ovos dessas espécies tem gerado a redução de sua população, atividade, que somadas às outras já descritas, contribuem para o agravamento das condições ambientais do ecossistema descrito.



Biodiversidade do Manguezal do Jequiá (Fev.2005; Foto da autora)

Medidas têm sido tomadas no sentido de se preservar o manguezal; dentre elas destacam-se a criação de uma APARU²⁵ (a APARU do Jequiá) e o seu cercamento, o plantio de mangues pela Associação de Amigos do Jequiá e pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e a instalação de coletores de lixo flutuante. Mesmo assim, a situação ainda é muito grave, necessitando de um engajamento de toda a sociedade para que seja minimizada.

²⁵ Área de Preservação Ambiental e Recuperação Urbana.

3 .MEMÓRIA COLETIVA, IDENTIDADE E PAISAGEM NATURAL DA
COLÔNIA Z-10



Pescador no manguezal (Foto cedida por Zé Luis)

3.1 AS VISITAS EXPLORATÓRIAS

Como apreender o significado do manguezal para aqueles moradores? Com essa pergunta em mente, com o apoio do aparato teórico-conceitual adquirido após ter cursado as disciplinas do curso e com o conhecimento empírico sobre o lugar, partimos para o campo.

Apossados de um arsenal de informações e impressões, partimos para o campo, que é, de acordo com as palavras de LEITÃO (2003, p. 212):

[...] o lugar do encontro e do confronto, da reflexão por excelência. É também o lugar da dramatização de identidades, onde a experiência elaborada se concretiza em teoria. É o campo que dá, não literalmente, mas de fato, e em última instância, o ponto de vista que vai ser utilizável nas análises [...].

Restava-nos, então, por mãos à obra, e, de posse de um gravador e de um caderno de campo passamos a investigar a hipótese desse trabalho, ou seja, a de que a representação simbólica daquela paisagem natural para grande parte da população local se constituía num dos fatores de degradação da mesma. Os problemas, desafios e descobertas que decorreram a partir de então, serão explicitados a seguir.

As primeiras visitas à Colônia Z-10 tiveram caráter exploratório; o conhecimento que tínhamos sobre o lugar era muito superficial, por isso havia a necessidade de que fossem feitos contatos mais diretamente ligados aos objetivos desse trabalho.

O que já era sabido se relacionava ao profundo estado de degradação do manguezal que circunda a colônia e à existência de movimentos de preservação daquele ecossistema por parte de agentes do governo, e de ONGs. Esses movimentos eram,

freqüentemente, divulgados através dos meios de comunicação e de eventos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação nas escolas da rede municipal de ensino da quarta CRE²⁶, da qual a Ilha do Governador faz parte. A colônia era também conhecida externamente pelo fato de lá existirem algumas confecções de biquínis, que eram procuradas pela população da Ilha durante o verão.

Foram realizadas duas visitas, com o objetivo de estabelecer os primeiros contatos com o objeto. Nessas oportunidades não foram feitas entrevistas estruturadas antecipadamente, mas foram travadas conversas sobre o tema proposto, com a intenção de coletar informações que, mais tarde, seriam analisadas e dariam subsídios ao trabalho de campo propriamente dito.

No primeiro dia de visita foi visitada a Associação de Moradores da colônia, que funciona numa sala cedida pelo Centro de Visitação da APARU (de propriedade da Prefeitura) e falamos com a secretária daquela associação, Dona Marilene, de 41 anos, de família de pescadores, moradora da colônia desde que nasceu. Graças a ela, tivemos acesso ao estatuto da associação e à indicação de outras pessoas, o que deu início a uma rede de depoentes que futuramente foram entrevistados com maior profundidade; dentre eles, foram escolhidos dois com os quais travamos conversas informais naquele mesmo dia.

O primeiro deles foi “Seu” Dionides, o pescador mais velho da colônia, com 77 anos, morando ali desde os 17. Também filho de pescador, este homem nos relatou que há tempos atrás (não precisou a época a que se referia) o manguezal do Jequiá “sustentava famílias”, que era muito importante, mas que hoje em dia “está morto”.

Para Dionides, a APARU não resolveu nada, nem ajudou na conservação do mangue e que as campanhas que existem são as realizadas pelo presidente da associação. A

²⁶ CRE significa Coordenadoria Regional de Educação.

feira de São Pedro, tradição do local, angariava fundos que serviam para melhorar as condições dos moradores (como exemplo, citou uma capela que foi, no passado, construída com o dinheiro arrecadado), mas hoje não existe mais, porque a nova geração não quer ser pescadora, pois é uma atividade fraca, devido à “matação de criação na baía”, além de alguns terem se envolvido com “drogas e outros interesses”.

Disse que adora morar ali, para ele, um lugar maravilhoso; é aposentado e complementa a renda consertando redes de pesca. Seu filho também é pescador, mas segundo ele, “quer sair da atividade porque não dá dinheiro”. Ao chegar na colônia encontrou cerca de 80 casas (hoje, segundo suas palavras, há mais ou menos 500), e a presença da Marinha, que cuidava, vigiava e apoiava o local.

O segundo morador com quem fizemos contato foi José Luís de Castro, que se destaca por sua forte participação e liderança nos movimentos pela preservação daquele ecossistema; ocupa o cargo de vice-presidente da Associação de Moradores e de presidente da Associação Amigos do Manguezal do Jequiá. Todos os eventos em prol da preservação do manguezal do Jequiá contaram com a sua participação e engajamento nas questões ligadas à degradação ambiental e social que caracteriza aquele espaço.

Esse homem, conhecido como Zé Luís do Manguezal²⁷, pelos motivos já expostos, nessa fase embrionária da pesquisa de campo, foi de fundamental importância devido às informações que detinha sobre o lugar onde mora. Todas as vezes em que foi procurado, sua atitude era de extrema cordialidade, mostrando-se sempre disposto a colaborar com seu testemunho e com o material de seu acervo colocado à nossa disposição.

²⁷ Zé Luís mora na colônia desde seu nascimento, é filho de pescador e, apesar de não trabalhar na pesca, tem uma militância no combate às práticas conservacionistas do manguezal, através de práticas de educação ambiental junto à ONG Amigos do Manguezal, da qual é presidente. É um profundo conhecedor dos problemas ambientais e sociais da comunidade da qual faz parte.

Sem ele nossa tarefa teria sido muito mais árdua, devido à escassez de material escrito sobre aquela comunidade.

Segundo seu depoimento, a documentação sobre a colônia é muito escassa; o que existe foi retirado por ele do lixo e consta de um livro de atas das reuniões do ano de 1936, da biografia do fundador da colônia, Almirante Gomes Pereira, uma carta náutica de 1936²⁸, onde está representado o espaço original da colônia, uma coleção de fotos antigas e um vídeo com depoimento de um ex-presidente da colônia. Para ele, que é um verdadeiro “arquivo-vivo” da memória da colônia, além de um autodidata sobre o manguezal, a APARU, criada desde 1993 não funciona a contento, pois não foi regulamentada nem foi criado ainda o conselho gestor; a Associação de Moradores moveu uma ação contra a SMA (Secretaria Municipal do Meio Ambiente), ainda em andamento.

Suas afirmações sobre aquele ecossistema e sobre as ações da SMA foram as de que o mangue²⁹ não morreu por causa da poluição, como é dito pelos pescadores (não apontou quais seriam as causas), que a Prefeitura deveria ter impedido a favelização da colônia, e que, além de ter mudado a imagem do mangue para os moradores, não fez nada para preservá-lo, derrubou um rancho de pescadores alegando que era por causa do manguezal, um funcionário municipal bateu numa criança que pegava um caranguejo (ele apelidou esses elementos de “ecochatos”); mencionou naquela oportunidade que estava em período de iniciação um trabalho de incentivo ao artesanato com algumas mulheres, sem esclarecer sobre que tipos de objetos são produzidos, nem de que forma o incentivo é dado.

²⁸ Não tivemos acesso a esse documento.

²⁹ Denominação dada à vegetação de alagado, difere de manguezal, que se refere ao ecossistema como um todo.

Passou às nossas mãos um boletim informativo – A Voz do Mangue – com respostas às perguntas feitas anteriormente à população, com o objetivo de esclarecê-la sobre aquele ecossistema: o que é mangue? O que é manguezal? Qual o significado da palavra Jequiá? Ainda existe o rio Jequiá? Quem recupera e protege o manguezal?

Este informativo conta com o apoio da Shell do Brasil, da Estação Rádio da Marinha do Brasil, da Colônia de Pescadores Z-10, da Associação de Moradores da Colônia Z-10, do Grupo Madrugada, da Thecna Engenharia e da COMLURB e foi elaborado pela Associação Amigos do Manguezal do Jequiá considerada de utilidade pública pela Lei Estadual 4115 de 25 de junho de 2003. Sob sua coordenação foram realizadas pesquisas acerca de característica da população da colônia: atividade econômica, origem, etc.

Na segunda visita voltamos a fazer contato com dona Marilene³⁰, que nos informou sobre o fato do Centro de Visitação da APARU estar acéfalo, pois a última diretoria saiu em 10 de dezembro, e até aquela data não havia sido substituída por outra, o que é feito por licitação.

Voltamos a procurar Zé Luís e Seu Dionides, que ficaram de marcar encontros futuros. O primeiro deles aproveitou a oportunidade para mostrar uma publicação denominada Siri na Lata, que faz parte de um projeto de educação ambiental voltado para a formação de um grupo musical de mesmo nome, formado por crianças que seriam agentes multiplicadores de informação, distribuindo material informativo sobre diversas campanhas e realizando apresentações musicais nas comunidades da Ilha do Governador; esse trabalho também é realizado pelos Amigos do Manguezal do Jequiá.

Procuramos a secretaria da Associação de Pescadores e falamos com Paulo, tesoureiro e pescador, de 52 anos de idade; de acordo com suas informações, a Colônia Z-

³⁰ Secretária da Associação de Moradores da Colônia Z-10.

10 cuida de 1075 pescadores, englobando os da Ilha do Governador, os de Caxias, e os de Paquetá. Naquele local conhecemos também Haroldo Souza Costa, de 65 anos, nascido na colônia, que disse ser aeroviário aposentado, além de pescador; ambos também se manifestaram favoráveis a futuras conversas.

Foi procurada a Estação Rádio da Marinha, localizada ao lado da colônia, com o intuito de saber se ali havia uma biblioteca onde pudéssemos encontrar material sobre a história do lugar, mas naquela oportunidade não foi possível falar com a funcionária, pois a mesma se encontrava, naquela oportunidade, envolvida com a organização de um evento interno.

Ao ser referida pelos de fora, a imagem da colônia é sempre associada à pesca e a referência a ela remete à idéia de um bairro, fato que não corresponde à realidade, uma vez que ela está inserida no Cacuia, um dos bairros da Ilha do Governador³¹. Percebemos que havia um componente espacial na representação da colônia, que, se, por um lado lhe dava identidade, também a diferenciava dos elementos externos ao lugar.

3.2 “MERGULHANDO” NO MANGUEZAL: DESAFIOS E DESCOBERTAS

Após terem sido realizadas as visitas exploratórias, com a ampliação do universo de informações adquiridas, nossa pretensão inicial, ou seja, a de captar, no imaginário daquele grupo a representação de uma paisagem natural, pareceu-nos uma tarefa extremamente difícil, em face da realidade multifacetada que se nos apresentava; colocada

³¹ Da mesma forma que a colônia, a Ilha do Governador também é mencionada fora de seu espaço, até pelos próprios moradores, como se fosse um bairro. No entanto, dentro dos limites insulares, as referências são feitas aos bairros em que ela se subdivide.

em confronto com a realidade do objeto, pareceu-nos que ela trazia em seu bojo um certo determinismo social característico de Halbwachs, o autor com quem dialogamos sobre memória coletiva, uma vez que detectamos ações individuais como sendo capazes de modificar as condições vigentes.

Um dos problemas enfrentados nas pesquisas de campo e que nos deixou, de certa forma, apreensivos quanto à possibilidade de nossa inserção naquele universo, ocorreu no dia em que, ao realizarmos uma filmagem da colônia para ser apresentada na Universidade e fomos abordados por um homem que se identificou como sendo o presidente da Associação de Pescadores, que pediu que disséssemos o motivo da filmagem e quem nós representávamos. Após terem sido dadas as devidas explicações, ele confessou a preocupação com a ação de pessoas ligadas à prefeitura, que consideravam que aquele lugar poderia ser usado a seu bel-prazer. Em seguida, nos deu boas-vindas e desculpou-se pelo modo brusco como havia nos interpelado.

Em função da multiplicidade de possibilidades abertas pelo campo, surgiu também a dificuldade em definir a amostragem a ser trabalhada; como analisar um número tão grande de depoimentos? Como e onde poderíamos inserir essas ações individuais, essas trajetórias sociais, esses indivíduos em carne e osso que se movimentam na cena social? Como dar conta dos diferentes sistemas de classificação existentes nas cabeças dos agentes que atuam na colônia e das várias tensões que ficaram claras nas primeiras visitas ao campo? Isso seria dificultado, no nosso entendimento, em função do tempo necessário para a análise dos resultados, incompatível, certamente, com o prazo estabelecido pela Universidade para a apresentação da dissertação.

A visão inicial que tínhamos sobre a colônia foi mudando, à medida que fomos nos aproximando do objeto: a Colônia Z-10 não era “apenas” uma colônia de pescadores,

com toda a carga de tranqüilidade que a expressão carrega; havia, ali, conflitos, diferenças e processos sociais dos mais variados tipos. O campo havia mudado a visão do pesquisador.

Frustração e angústia por não poder contemplar, da maneira mais ampla possível, as diversas representações e os conflitos existentes na área, foram os sentimentos que nasceram após os primeiros contatos com a colônia. A realidade se apresentava com inúmeras portas; tínhamos que escolher uma delas. A definição dos rumos que a pesquisa tomou daí em diante, contou com as contribuições dadas no Exame de Qualificação, momento em que as idéias iniciais do anteprojeto são reestruturadas

Decidimos, então, ouvir as múltiplas vozes da colônia. Para isso foram realizadas vinte e seis³² “entrevistas discretas”, como Leitão (2003) as classifica, em que há uma “observação indeterminada” (PETONNET, apud Leitão, 2003), isto é, o papel do pesquisador é de apenas conduzir a conversa em torno de um eixo central, mas sem interferência direta na fala dos depoentes.

Todas as conversas foram gravadas e as transcrições das mesmas encontram-se no Anexo 2, para consultas daqueles que, porventura, venham a se interessar pelo tema.

3.2.1 CONSTRUINDO A MEMÓRIA DA COLÔNIA

A colônia Z-10 está situada às margens de um manguezal localizada ao longo do rio Jequiá, no bairro do Cacuia, na Ilha do Governador. Para entrar naquela comunidade, tem-se que atravessar uma ponte sobre o rio, atingindo-se, assim, os portões da Estação Rádio da Marinha e a entrada da colônia, que fica à direita desse portão.

³² Na realidade, foram realizadas 27 entrevistas, mas uma delas foi feita com um senhor que havia sofrido um aneurisma durante uma pescaria, o que prejudicou demais a sua fala e a transcrição ficou extremamente dificultada.



Símbolo de segurança, o portão da Estação Rádio da Marinha “guarda” a rua que dá acesso à colônia, situada à sua direita..
(Fev. 2005 Foto da autora)

A paisagem que se descortina em primeiro plano é a de uma grande praça central, ladeada dos dois lados por casas e por vários estabelecimentos de pequeno porte: botequins, armazéns, açougue, salão de beleza e um depósito de botijões de gás de cozinha. Nessa praça existe um campo de futebol, bancos e mesas. Em segundo plano vislumbra-se uma pista circular de cimento, rodeada de arquibancadas.



Moradores jogando na praça (Fev.2005; Foto da autora)

Ao fundo, na parte posterior da praça, situam-se a igreja de São Pedro, uma associação recreativa – o Grupo Madrugada - e a sede da Associação de Pescadores. À direita dessa pracinha, recuada, por isso, não visível da entrada da colônia, localiza-se o prédio onde estão alocados o Centro de Visitação da APARU do Jequiá e a Associação de Moradores.



Igreja de São Pedro e Grupo Madrugada (Fev.2005; Foto da autora)

No primeiro dia em que as entrevistas foram feitas, essa paisagem, já tantas vezes visualizada, estava diferente: havia, na praça, várias barracas armadas para uma festa que acontecera no final de semana anterior e que se repetiria no próximo. O ambiente estava festivo, alegre, com um grupo de homens comendo churrasquinho, tomando cervejas e ouvindo músicas em volume bastante elevado. Estávamos no mês de agosto e, segundo depoimentos de dois comerciantes locais, era uma festa “agostina”.

A partir daí, o espaço da colônia se divide em várias ruas estreitas, todas pavimentadas, com casas em ambos os lados; excepcionalmente, nessa área interna surgem estabelecimentos comerciais dentro de residências e uma creche.

A receptividade dos moradores em relação às abordagens feitas não poderia ter sido melhor. Todas as pessoas entrevistadas se mostraram extremamente gentis e interessadas pelo tema.

No primeiro dia de trabalho conversamos com Seu Dionides³³, com uma moça que trabalhava na loja de entrega de gás de cozinha e com uma dona-de-casa que estava no portão. Um certo constrangimento na aproximação derivado de nossa inexperiência em trabalhos de campo, foi responsável pelo número reduzido de depoimentos nesse dia.

No final da tarde de trabalho foram abordados três pescadores, que se mostraram dispostos a conversar, desde que fosse em outro dia e pela manhã, pois à tarde ficavam envolvidos com as tarefas da chegada da pesca. Um deles, Seu Haroldo, mostrou onde ficava a sua casa e disse que bastava ir até lá, sem a necessidade de marcação antecipada.

O segundo dia de pesquisa de campo começou mais cedo, logo no início da manhã e o pescador do dia anterior foi procurado em sua casa, conforme sua própria orientação. Dona Jane, sua companheira, mandou entrar, sentar na cozinha, serviu cafezinho, mostrou seus trabalhos manuais e discorreu sobre sua vida, antecipando-se e complementando a fala do marido.

De volta à rua, foi numa fila de pessoas que compravam frutas e ovos numa Kombi, que encontramos outros depoentes; mãe e filha, dessa vez, preferiram responder à beira de seu portão, sem um convite para entrar na casa.

Sentados à beira de um cais, três homens – um deles limpando uma rede de pesca – foram convidados a falar, mas apenas dois deles o fizeram, assim como um jovem de 15 anos - filho de um deles - que chegou depois.

³³ O pescador mais antigo da colônia.

Conversamos, também, com trabalhadores do Projeto Mutirão e Reflorestamento, da Prefeitura, que cuida de limpar e de replantar mudas do mangue, que nos mostraram seu local de trabalho. Finalizada aquela conversa, mesmo com receio da fita acabar, foi entrevistado o encarregado do projeto, que passava em direção à sua casa.

Pessoas sentadas no bar, que transitavam pela colônia e que estavam nos portões de suas casas foram convidadas a falar sobre suas vidas naquele lugar. Todas elas queriam saber, além do tema, quando e onde seria publicada a pesquisa. Alguns pediam que algumas informações não fossem gravadas, apesar de ser dada garantia de sigilo.

Quando o assunto girava em torno das políticas públicas da prefeitura, alguns preferiam não entrar em detalhes, cautelosos com o uso que seria dado às suas declarações.

As conversas eram iniciadas com a apresentação da pesquisadora, do tema e da Universidade a qual se vinculavam; a seguir, pedia-se que as pessoas se identificassem: nome, idade, tempo de residência no local, atividade profissional – da própria ou do responsável pelo sustento da casa -, se eram pescadores ou de famílias de pescadores e que falassem sobre as suas vidas na colônia, o que consideravam de positivo e de negativo em viver ali, como foram morar lá, enfim, possuíam liberdade para se colocar como bem entendessem acerca do tema proposto, sem que perdêssemos de vista o tema central.

O trabalho de campo realizado pelas entrevistas abertas constituiu-se num valioso instrumento de pesquisa; através dele tivemos a oportunidade de detectar, não apenas nas falas explícitas, mas também em suas “dobras”, isto é, naquilo que estava nas entrelinhas, naquilo que foi silenciado, recalcado³⁴, mas que se revelou nas falas, um rico

³⁴ Recalcar significa enviar para o registro do inconsciente os traços da memória que poderiam colocar em xeque a imagem que queremos manter – a nossa identidade. Esse processo não é percebido pelo indivíduo e resulta de um conflito entre consciente e inconsciente e não totalmente exitoso; os traços recalcados podem vir à tona através de

conjunto de informações acerca da representação do manguezal do Jequiá, além de muitas outras questões que serão apresentadas no corpo do trabalho, que não serão analisadas em profundidade, mas que poderão servir como sugestões de temas para estudos futuros.

3.2.2 AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DO MANGUEZAL

A partir de todas as informações colhidas pelas entrevistas, foi possível identificar dois sistemas de classificação do manguezal do Jequiá. Cada um desses sistemas se refere a um grupo que se diferencia do outro por sua origem: os pescadores e seus descendentes, ligados à origem da colônia e aqueles que vieram de outros lugares para ali fixarem residência – os “de fora”, como a eles se referem os primeiros.

3.2.2.1 OS PESCADORES E SEUS DESCENDENTES

Essas pessoas têm na pesca um forte elemento de memória e para eles esse vínculo é motivo de orgulho. Suas histórias se misturam à da colônia e isso foi sempre reforçado durante as conversas travadas. As lembranças de um passado de beleza, de paz e de tranquilidade fazem parte da memória desse grupo e estão associadas ao manguezal, como mostram os depoimentos a seguir:

O rio Jequiá, aí, nosso, de primeiro, quando eu era pequeno, não tinha poluição nenhuma, e aí dentro do rio dava camarão, marisco ... tudo. Nós jogávamos pelada aí na coroa, que não tinha lamaçal nenhum ... era areia, igual à praia do Zumbi ali: areia bonitinha, legal, não tinha poluição nenhuma na época.
(Sr. Haroldo, 52 anos, pescador)

[...] Tudo era areia. [...] Antigamente dava camarão aqui no rio [...]. Antigamente dava camarão aqui, ali, tal ... uma rede miudinha, pegava camarão à pampa!
(Sr. Wilson, 70 anos, pescador que trabalha no Projeto Mutirão, da Prefeitura)

sonhos, ditos espirituosos ou de atos falhos. Essas idéias foram desenvolvidas por Freud e são analisadas por Gondar (2000).

[...] Antigamente, quando a gente era criança, meu pai ia pescar, vinha com 1 kg de camarão para sustentar 5! E nunca passamos fome [...] ia cantando, voltava cantando, desse o peixe que desse. Agora, meu irmão, coitado, já tem mais dificuldade.
(Dona Elenira, 47 anos, filha de pescador)

[...] A gente pegava muito peixe, enchia balde aqui dentro [...]. A gente tomava banho de praia aqui, jogava bola aí, ó. Não tinha lama, era areia. Isso aqui era rico [...].
(Sr. Pedro, 57 anos, nascido na colônia)

O manguezal é, então relacionado, com frequência, a esse tempo pretérito, quando era possível banhar-se em suas águas límpidas, quando havia fartura de espécies animais e vegetais, que garantia a sobrevivência das famílias. A degradação daquele ecossistema é apontada por eles, que lamentam e têm saudade de uma época em que o lazer e o sustento estavam garantidos, como fica evidente nas falas de Dona Elenira e de Seu Geraldo, ligados a famílias de pescadores: “[...] Hoje você não pode nem entrar nessa água, que essa água tá toda contaminada!”. [...] Já foi tempo que se viveu da pescaria aqui. Com decência e dignidade ... já foi tempo “.

A lembrança desse tempo de beleza e de fartura faz parte, também, da memória dos jovens, que, apesar de não terem vivenciado aquela realidade, se referem a ela como se a tivessem vivido. Carlos Eduardo, de 22 anos e Rafael, de 15 anos, netos de pescadores, fazem, respectivamente, referências àquela época, dizendo:

[...] Antigamente, você via na ponte, areia ainda ... perto dos barco, ali. Agora, não; agora você só tem lama mesmo.

[...] Não tem peixe como antes. Não é como antigamente; antigamente, pô, meu avô, eu lembro que ele pescava, trazia vários peixes ... hoje em dia, não ... antigamente tinha muito mais condições.

Para esses jovens o manguezal representa um elemento carregado de lembranças herdadas, pois na época em que nasceram, aquele ecossistema já se encontrava

muito poluído. Eles não vivenciaram aquele passado referido pelos mais velhos; suas lembranças em relação ao manguezal estão ligadas aos acontecimentos vividos pelo grupo do qual fazem parte e vividos, como diz Pollak (1992), por tabela, e o manguezal, como lugar de memória, para eles, não tem apoio cronológico; sua representação está apoiada nas lembranças herdadas dos mais antigos.

As referências ao passado não se deram em função da divisão do calendário universal: anos, meses, dias; foi o manguezal que fez a mediação entre um passado em que a vida na colônia se fazia com base na fartura de alimentos de fonte de renda, de estreitos laços sociais e um presente que se configura com características diferentes. A linha que separa o passado e o presente é fortemente marcada por um elemento da natureza, que se encontrava, da mesma forma que suas vidas, limpo no passado, mas afetado, hoje, por sérios problemas.

O manguezal aparece, então, nessas construções como um elemento espacial importante na memória do grupo, pois é nele que estão ancoradas as lembranças de um passado idealizado. Paz, fartura e alegria, alimentam um sentimento de nostalgia e se relacionam ao processo de fabricação do lugar ideal citado por Meihy e Siqueira (1988,p. 117), determinado “por um roteiro de saudade composto por lugares quiméricos, onde há sempre uma nostalgia repontando nas brincadeiras de infância, exaltando valores que provavelmente estruturaram sua maneira de ser [...]”.

As referências ao manguezal, um elemento físico da colônia, como um traço na memória dos fundadores pode apontar na direção daquilo que Hall (2002, p. 7) chama de “crise de identidade”, caracterizada, segundo o autor, “por um processo [...] de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando

os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”, mas que foram transformados de modo drástico pelos agentes da globalização.

As profundas mudanças estruturais da modernidade estão fragmentando e retirando as bases sobre as quais aquelas pessoas apoiavam suas localizações como indivíduos, alterando sua posição no mundo social e cultural e também a imagem do grupo do qual fazem parte.

A alusão ao manguezal serve, então, para fazê-los retomar seu lugar no grupo e marcar a sua identidade de pescadores; ele se constitui num marco invariável da memória do grupo – o lugar de memória -, com forte carga simbólica na constituição dos “quadros da memória” (HALBWACHS, 1990), apesar de ter tido suas características originais modificadas.

Em todas as falas a poluição é apontada como sendo a principal causa da degradação do manguezal e das mudanças no modo pelo qual a forma de apropriação daquela paisagem natural foi alterada. Alguns se referem apenas às fontes externas – indústrias, empresas de ônibus, despejo de esgotos domésticos, etc – e em menor proporção são apontadas as ações indevidas praticadas pelos moradores. Além da poluição, a evolução na tecnologia ligada à pesca – a rede de arrasto – também é mencionada.

De qualquer modo, elas refletem preocupações com questões pessoais e políticas ligadas à atualidade, denotando o processo que a memória não é estática; ela é, conforme as palavras de Pollak (1992), dinâmica e sofre a interferência do momento em que é articulada:

[...] se as pessoas da comunidade soubessem o quanto o manguezal é importante pra vida ... é ... não vida que a pessoa tem que tirar alguma coisa do manguezal , não; vida, porque tá ao redor da gente ... de despolição ... de ar puro [...].
(Sr Carlos Alberto, 44 anos encarregado do projeto Mutirão e Reflorestamento).

O mangue tá morrendo!
(Sr. Pedro, nascido e criado na colônia)

A ação da Prefeitura, um dos agentes responsáveis pela administração da colônia, é mencionada por vários dos entrevistados, ora como positiva, ora como um fator negativo. A tutoria da colônia pela Marinha até 1994 garantia o controle sobre o crescimento da população e sobre sua ordem social e física: nenhum material podia entrar, não era permitido vender ou alugar imóveis, nenhuma modificação nas casas podia ser feita, enfim, nada acontecia sem a sua autorização prévia³⁵. Aquela instituição militar também cuidava de resolver conflitos domésticos, além de garantir a segurança do lugar.

A partir de 1994 a colônia passa para as mãos da Prefeitura, fato que, se para alguns trouxe melhorias no que tange à instalação de infra-estrutura urbana – calçamento das ruas, iluminação, etc – e à criação de empregos³⁶, para outros representou o uso da colônia como reduto eleitoral e descaso pelas questões relevantes para a população, que não participa das decisões tomadas sobre seu espaço (CRIBB, 2001).

Apesar de todos os entrevistados terem demonstrado uma grande preocupação com a conservação do manguezal, isso parece não é refletido nas práticas: o manguezal foi, em vários pontos, aterrado para que novas casas fossem construídas, as residências localizadas às suas margens têm as frentes voltadas para a parte interna da colônia, com os fundos voltados para a água, onde são despejados lixo, entulhos e esgoto.

A maneira pela qual as casas são construídas é também um importante dado a respeito da representação simbólica do manguezal para aquelas pessoas, que a todo o

³⁵ Os documentos que comprovam o controle da Marinha sobre a colônia encontram-se no Anexo 3.

³⁶ Algumas pessoas trabalham para a prefeitura num programa de plantio de mudas e limpeza do mangue – Projeto Mutirão e Reflorestamento.

momento têm um discurso a favor da defesa daquela paisagem natural e isso é sinalizado por Zé Luís, quando diz:

É ... você pode reparar, olha aqui a minha casa: a minha casa dá de fundos pra colônia e de frente pro mangue. Aqui é minha sala, a minha varanda, tem a minha sala e meu quarto. Isso aqui é o quarto do meu filho e a cozinha dá pra lá. Os fundos da minha casa dá prá comunidade! Se você vê as outras casas, é o contrário: os fundos da casa que é o mangue!

O manguezal é, com freqüência, mencionado como sendo parte integrante da colônia, propriedade dos moradores:

[...] O Jequiá aí, *nosso*, de primeiro, quando eu era pequeno, não tinha poluição nenhuma [...].
(Sr. Haroldo, 52 anos, pescador).

Temos que zelar pelo que é *nosso*, pelo amor de Deus! [...] É *nosso* ... esse manguezal [...]. (Sr Nelson, 68 anos, morador há 50 anos).

As declarações explícitas sobre o sentimento de propriedade em relação àquele ecossistema, poderia significar que, para eles, aquela paisagem natural, tão imponente na paisagem, poderia ser considerada como seu patrimônio cultural, uma vez que suas vidas a ela se vinculam fortemente.

São visíveis as contradições entre o que é falado e o que é praticado. Os inúmeros exemplos de citações que mencionam a contribuição da população local para o agravamento do desequilíbrio ecológico demonstram a situação:

[...] tem casa que tem saída pra fora [...] na direção do mangue; [...] a gente encontra lixo, [...] encontra entulho, [...] às vezes até lixo das casa mesmo, que o pessoal bota. (Sr, Mauricio Nascimento, 35 anos do projeto Mutirão e Reflorestamento).

[...] que o pessoal daqui joga muita imundiça [...]. Suja, suja; joga bolsa pra cá [...] lá em cima tem muito entulho ... é resto de obra ... pegaram aquele pedaço de pau e largaram ali, ó. [...] Fizeram as casa, aterraram e fizeram aí.

(Sr. Wilson, do projeto Mutirão).

É ... tem gente fazendo casa, derrubando casa e fazendo outra, e [...] tá jogando entulho dentro do mangue. Não pode, vai acabar mais ainda prejudicando a área de mangue, que é uma área que não pode ser aterrada, entendeu? Esse lixo, quando não é jogado pelo próprio morador da colônia...

(Sr. Carlos Alberto , 44 anos, do projeto Mutirão e Reflorestamento

Muitas iniciativas têm sido tomadas e sugestões foram dadas para minimizar os

efeitos da colônia sobre o manguezal: há programas oficiais de educação ambiental e trabalhos isolados por parte de alguns moradores. Dentre eles destaca-se o de Zé Luís, liderança política reconhecida pelo grupo e que, devido à força e empenho com que vem lutando pela causa ambiental, teve o manguezal incorporado ao seu nome – é o Zé Luís do Manguezal – e foi citado por todos os entrevistados que se referiram ao ecossistema de maneira tão enfática, que um dos depoentes – Sr. Rubens – não distinguiu o homem do seu objeto de luta: “[...] tem o Zé Luís que *faz parte* do manguezal”.

Para aqueles que estão diretamente envolvidos com a questão ambiental o conceito de meio ambiente é estruturado levando-se em conta a integração homem-natureza: Zé Luís nos fala da degradação do meio ambiente social decorrente da degradação da natureza como responsável pela descaracterização dos traços da colônia; “Trick”³⁷ fala da importância em se manter o manguezal, ainda que dele não retiremos nossa sobrevivência; ele é importante pra vida, “porque tá ao redor da gente [...] de ar puro”

A festa de São Pedro, tradição da colônia, que aconteceu durante muito tempo e atraía um grande número de pessoas de fora e um dos seus principais atrativos era a queima de fogos, famosa em toda a Ilha do Governador, deixou de existir. Atualmente acontecem várias festas, durante o mês de agosto, que são organizadas por elementos externos à comunidade.

³⁷ Encarregado do Projeto Mutirão e Reflorestamento.



Procissão da festa de São Pedro (Foto cedida por Zé Luis)

Esse fato desagradava à população e é visto por ela como um fator de descaracterização da identidade de uma colônia de pescadores, uma vez que aquele santo é padroeiro da classe:

É... virou moda aí ... festas juninas aqui na colônia, entendeu? [...] começou a estragar a festa ... estragar a própria colônia, o nome da colônia. Porque nunca foi assim! A tradição da colônia sempre foi uma festa ali no campo, queima de fogos no domingo, pronto! Essa era a tradição: a festa de São Pedro. Não festas juninas em várias ruas, entendeu?
(Carlos Alberto, 22 anos).

Para eles a Festa de São Pedro, uma tradição inventada³⁸, deveria voltar a acontecer para que a identidade do grupo e as suas singularidades fossem reforçadas. As festas – na verdade “agostinas” - que acontecem nos últimos anos não trazem nenhum

³⁸ A expressão tradiçã~oinventada refere-se “[...]ao conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado” (HALL, 2002, p. 54)

benefício para eles, pois o dinheiro arrecadado não é investido no local, além de fazer a colônia ficar mal vista, como reforça Carlos Alberto: “foi uma pessoa de fora, uma pessoa de fora que está ganhando dinheiro pra fora, não pra cá, pra fazer alguma obra aqui pra rua, alguma coisa da colônia; a colônia ficou mal falada”.

Se a homenagem ao protetor da classe pescadora acabou, outro ritual foi criado, tem sido repetido anualmente e vem-se incorporando à vida da comunidade: trata-se da comemoração do aniversário da colônia³⁹, quando é repetida, em parte, uma cerimônia feita pelo Almirante Gomes Pereira, cada vez que fundava uma colônia de pescadores ao longo da costa brasileira⁴⁰.

A bandeira do Brasil é hasteada por um pescador, a Marinha participa do evento e, segundo Zé Luís, o responsável pela criação do cerimonial, a população, que antes ignorava o evento, que achava que ele estava ligado à pessoa de seu criador (achavam que era em comemoração ao seu aniversário e não ao da colônia), hoje, assume outra postura: fica de pé quando o Hino Nacional é tocado, veste-se de forma mais apresentável e tem participado em número cada vez maior, segundo ele, mais em função dos visitantes que comparecem do que à importância que dão ao fato.

Há, por parte dos moradores ligados à pesca, sejam pescadores propriamente ditos ou seus descendentes, uma discriminação em relação aos que não possuem a mesma origem, os “de fora”, como eles os chamam. Inúmeras vezes, por parte dos nativos, a presença de pessoas vindas “de fora” é apontada como um dos fatores da descaracterização da identidade da colônia.

³⁹ O aniversário da colônia é comemorado no dia 23 de novembro.

⁴⁰ A descrição dessa cerimônia foi feita por Zé Luís durante a entrevista.

Ser da colônia e ser de fora dela, foi uma marca apontada pelos primeiros como diferenciadora daquele grupo. Para eles, as relações sociais tornaram-se menos estreitas, em função do aumento da população decorrente da chegada de pessoas não ligadas à pesca. As pessoas ligadas ao passado, à fundação da colônia, às famílias de pescadores têm orgulho em falar sobre sua origem e, utilizando-se de os mecanismos relacionais de exclusão citados por Hall (2002), marcavam a identidade do grupo:

Nasci e me criei aqui, sou descendente de pescadores [...].
(Sr. Haroldo, 52 anos, pescador)

Nasci aqui. Filho de pescador. [...] Pescador artesanal ... ele pesca aqui. Esse é o pescador que *nós* somos: pescador artesanal.
(Sr. Jorge, 48 anos, nunca trabalhou na pesca).

Sou fundador. [...] A gente tem raiz.
(Sr. Aquiles Mateus, 66 anos, pescador, nascido e criado na colônia)

(...) se a sra for conversar com uma pessoa que não for pescador, eles não têm o que declarar. Não adianta, vão falar o quê? A sra vai perto dum ... procurar uma pessoa aí que não é pescadora, ela vai dizer o quê? Só vai dizer assim: - olha, aqui pra mim morar, tá bom. E tá acabado.
(Sr. Dionides, pescador, 78 anos).

Meu pai é pescador, meu irmão [...]. Oh, meu tio é pescador, meu avô era pescador, meu cunhado [...] é pescador, todo mundo da nossa família é pescador. [...] Morando na colônia.
(Dona Elenira, 47 anos).

A origem fundadora aparece nas falas das pessoas, deslocada do tempo; ser idoso e pescador, bastam para que os indivíduos se identifiquem com ela, mesmo que cronologicamente isso não corresponda à realidade. Seu Aquiles, de sessenta e seis anos, nos serve como exemplo, pois a sua afirmativa -“sou fundador”-, não encontra respaldo na história do lugar, fundado dezessete anos de seu nascimento, ou seja, há oitenta e três anos.

Durante as conversas, tivemos a impressão que, quando a maioria da população da colônia era formada por indivíduos ligados à pesca, não havia discórdias nem conflitos, que todas as relações se davam de forma harmoniosa, numa representação bastante seletiva de um passado idealizado. Todos eram parentes ou se ligavam por laços de afinidade, as residências eram pouco numerosas, o espaço da colônia e do manguezal eram compartilhados por todos de mesma maneira; as interferências externas seriam mínimas:

Antigamente, isso daqui era maravilhoso, né? Quase não tinha ninguém, era uma casa aqui, outra casa ali ... era muito bom antigamente [...].
(Dona Albanesa, 76 anos)

O crescimento demográfico ocorrido à medida que pessoas de fora vieram morar ali é, então, muitas vezes apontado como um fator de mudança no estilo de vida da comunidade:

[...] Pescador profissional tem bem pouco. Porque ... os profissional mesmo, antigamente, que tinha poucas casa, morava bastante pescador aqui, que a Marinha só aceitava gente morar aqui de ... como pescador. Até pra se comprar uma casa ... era só pra pescador. [...] Agora, virou bagunça isso aí.
(Sr. Dionides, 78 anos, o pescador mais antigo da colônia)

[...] Aumentou muito a população, a colônia cresceu demais, a gente não tem mais aquela liberdade que antigamente a gente tinha [...]. Vem muita gente de fora aqui pra dentro. [...] Então, quer dizer, isso mudou. [...] De qualquer maneira, quando a pessoa acorda ... acorda com um morador, já tem outro. Dorme com um, acorda com outro. As própria criança aqui, que tão crescendo aqui, que nasceu aqui, nosso, já não conhece mais o vizinho!
(Dona Elenira, 47 anos, filha de pescador).

Hoje em dia nem todo mundo é filho de pescador, entendeu?
(Sr. Carlos Alberto, 44 anos – Trick – encarregado do Projeto Mutirão e Reflorestamento, justificando os aterros feitos na área para a construção de novas casas).

Nos parece claro que essas impressões não correspondem, totalmente, à realidade. Na verdade - e a essa regra a colônia não foge - não há grupo social dentro do qual não existam conflitos; as diferenças são inerentes aos grupos e aos indivíduos, a despeito de suas semelhanças; diferenças de sexo, de idade, de interesses, citando apenas algumas delas, por si só já dão margem a discordâncias. Os conflitos existem, mas aparecem, na maior parte dos depoimentos, de forma escamoteada - “problemas de comunidade”⁴¹ - ou minimizada - “[...] por causa dessa juventude que faz parte da família da gente mesmo, [...] que faz algumas besteirinha ainda aí ... é filho, é neto de gente daqui mesmo”⁴².

Apenas as colocações que se relacionavam a divergências entre os diversos agentes que disputam o poder local⁴³ é que foram mencionadas como se não representassem a quebra da imagem de convivência pacífica entre os moradores.

O processo que se nos apresenta é o de seleção da memória, citado por Pollak (1992) e Gondar (2000) que nos esclarecem que, para reforçar traços identitários, os grupos elegem - consciente ou inconscientemente - o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido na construção da memória coletiva ou individual.

Os indivíduos ligados direta ou indiretamente à pesca excluem determinados traços, recalcam outros, com o objetivo de evidenciarem o orgulho de fazerem parte de um grupo ligado à origem da colônia. Nesse jogo de poder entre lembrar e esquecer é que se constrói a identidade de um grupo que se quer diferenciar de outros.

⁴¹ Entrevista n° 10.

⁴² Entrevista n° 15

⁴³ De acordo com CRIBB (2001) há conflitos entre a Prefeitura e as associações de moradores e pescadores em relação à gestão do espaço da colônia.

Mas, apesar do desagrado pelo aumento da população residente, para todos os abordados desse grupo a segurança é o traço que diferencia e valoriza a Colônia Z-10 em relação aos espaços externos:

Aqui é bom, porque, em relação a outros lugares ... Aqui é tranqüilo, tranqüilo!
(Sr. Aquiles Mateus, 66 anos, pescador).

É o lugar mais santo que tem aqui na Ilha do Governador. Eu mesmo, durmo de janela aberta ... nunca sumiu um alfinete na minha casa! (Sr. Hugo Benício, 65 anos, pescador).

A colônia é um paraíso, né [...] não tem problema de assalto, de violência [...] um lugar maravilhoso! (Sr.Élson dos Santos, 53 anos, pescador).

Adoro aqui porque é tranqüilo [...] Minha casa é aberta, não tenho chave. [...] é tudo aberto! Não tenho chave pra trancar a casa [...]. Eu gosto muito daqui; daqui só pro Cacuia [cemitério].
(Dona Albanesa, 76 anos, nascida e criada na colônia).

Eu adoro isso aqui. Isso aqui é minha paixão, o lugar mais tranqüilo do mundo. [...] meus filhos são daqui, meus neto, meus sobrinho, e eu sou apaixonado por isso aqui. Eu só saio daqui num caixão e, assim mesmo, aborrecido. [...] Não tem lugar do mundo melhor de se viver do que aqui, não.
(Sr. Geraldo, 53 anos, pescador).

Aos de fora são atribuídas responsabilidades na quebra dos laços de coesão do grupo; antes da chegada dessas pessoas, todos se conheciam: eram parentes ou afins; a partir de então, as relações sociais foram diluídas. A eles também são direcionadas as causas da descaracterização da colônia e da degradação do manguezal. Escolhemos a fala de Zé Luís, 48 anos, presidente da Associação Amigos do Manguezal, nascido e criado ali, para ilustrar o enunciado:

[...] E a colônia está se favelizando, com isso você modifica todo o meio ambiente [...]. A gente aqui sabia quem era filho de quem, quem era neto de quem ... que era até uma coisa bonita aqui, que a gente falava que a colônia não tem vizinhos; tem parente; que todo mundo é compadre, é sobrinho, é tio, é primo ... Era.

O processo de favelização citado pelo entrevistado se relaciona à construção de casas nas lajes para abrigar membros da própria família ou para alugar para estranhos. Segundo alguns, há uma grande procura por imóveis na colônia, devido à segurança que ela oferece. A valorização do caráter “fechado” da colônia, é utilizada pelos moradores como um “símbolo de prestígio” para fugir do estigma representado por se morar num lugar desprestigiado. Morar num local simples, com casas modestas, e ruas estreitas como as de uma favela, é compensado pela tranquilidade e segurança que ele oferece. Esse mecanismo de compensação é denominado por Gilberto Velho (1979) de discrepância de identidade, e fica evidente quando Carlos Eduardo, de 22 anos, comenta:

[...] muita gente fala assim: ah, a colônia é favela, que é isso ou aquilo. Eu já não considero; considero como uma ... um condomínio fechado.

Sua fala demonstra que os moradores da colônia apresentam aquilo que aquele autor chama de ambigüidade na identidade, pois são estigmatizados pelos que moram fora dela como favelados, mas, ao mesmo tempo, se sentem valorizados por morar num lugar privilegiado e essa valorização aflora através da comparação da colônia a um condomínio fechado, local típico de classes sociais mais elevadas.

Para aquelas pessoas é à Marinha que se creditam as condições de segurança vigentes e o fato da colônia não poder ser considerada como uma favela:

[...] Não vê que aí fora todo mundo tá querendo comprar casa na colônia? Por causa disso! Aí fora tá brabo pra caramba! E aqui, não, aqui ... Mas graças ao quartel da Marinha, né, e o batalhão da PM que é aqui nos fundos, por isso que ninguém vem fazer graça aqui, que não vai se dar bem, né? Por isso nossa vida aqui é boa.
(Sr. Haroldo, pescador)

Aqui, se tiver bagunça, a Marinha ... a polícia vem e caba com a bagunça aqui. Que isso aqui não é favela [...].
(Sr. Wilson, 70 anos, nascido e criado).

Durante todo o tempo em que aquela instituição comandava a colônia, o controle era total: havia um estatuto que regia a vida na comunidade e praticamente tudo tinha que passar por ela, por intermédio de formulários⁴⁴.

Porém, o que não está claro em seus discursos, e muito provavelmente nas suas cabeças, mas que pôde ser percebido é que o fato do manguezal existir faz com que a colônia seja “isolada”; ele é uma barreira natural que circunda a colônia. Para alcançá-la tem-se que atravessar uma ponte estreita, por onde só pode passar um carro por vez em cada direção. Muitos mencionaram o fato da colônia ser “cercadinha” como responsável pela sua segurança. Na verdade, o manguezal é que é cercado, desde que a APARU foi decretada, em 1993 e não a colônia, como dizem. De qualquer modo, isso diminuiu o lançamento de lixo para dentro dele.



Ponte de acesso à Colônia, tendo ao fundo a cerca da APARU do Jequiá (Fev. 2005; Foto da autora)

⁴⁴ Ver anexo 3.

Para os que não têm sua origem ligada à atividade pesqueira, fundadora da colônia, a memória se configura através de traços que, ora se diferenciam daqueles que formam a memória do primeiro grupo pesquisado, ora apresentam semelhanças, como veremos a seguir.

3.2.2.2 OS NÃO-PESCADORES

Ao serem feitas as entrevistas, não houve a preocupação prévia em se determinar quantas delas seriam ligadas à pesca e quantas não o seriam; esse não foi o critério escolhido. A abordagem foi feita de modo aleatório, em certa medida, pois em alguns momentos procuramos pessoas indicadas anteriormente, mas também abordamos indivíduos que transitavam livremente pela colônia ou que estavam sentados num bar ou num banco da praça. Por esse motivo, o acaso fez com que esse grupo fosse minoritário em relação ao anteriormente analisado.

O fato que nos chamou atenção foi que a marca mais forte que essas pessoas passam sobre a colônia é a da segurança. Morar num lugar privilegiado, segundo eles, pelo fato de não haver criminalidade e “bocas-de-fumo” é motivo de orgulho, do mesmo modo que o grupo anteriormente estudado:

[...] Aqui não tem criminalidade [...], tem problemas de comunidade. [...] a gente pode ficar até de madrugada com as portas abertas, que não tem problema, entendeu? É diferente daí fora. [...] Problema social, todo lugar tem.

(Sr. Carlos Alberto, encarregado do Projeto Mutirão e Reflorestamento).

Dentro do Rio de Janeiro, não existe lugar melhor do que a colônia Z-10; aqui dentro não existe marginalidade [...]. Você pode entrar aqui a hora que você quiser, você não vai ser assaltada, ninguém vai incomodar você; aqui [...] não existe tiroteio.

(Sr. Clovis, 60 anos, morador há 42 anos).

Adoro, adoro (referindo-se ao fato de morar na colônia)! Não troco isso daqui por nada desse mundo, por nenhum lugar desse mundo.
(Sr. Nelson, 68 anos, dos quais 50 vividos na colônia).

A origem fundadora, tão exaltada pelo outro grupo não é o que lhe dá identidade. Os que não têm sua origem ligada à pesca – os “de fora” - se ancoram em outros elementos para se reconhecerem no grupo. O pertencimento se revela através da sua diferenciação em relação aos de fora do espaço físico da colônia. O fator espacial é, então, usado por eles para se identificarem como integrantes do grupo, porém de outra maneira, uma vez que a pesca ou a origem ligada a ela não pode fazê-lo.

O manguezal do Jequiá possui diferentes significados para aquele grupo: na maioria das falas, ele é citado pelo estado de extrema degradação em que se encontra; na fala dos mais velhos ele se relaciona a um passado de fartura e de beleza. Para outros, a poluição acaba sendo uma saída para o desemprego, e a poluição, nas falas, se associa à possibilidade de emprego no trabalho de limpeza e reflorestamento efetuado pela Prefeitura em que se engajaram. Apenas um entrevistado não fez qualquer menção a ele.

Um fato importante e citado várias vezes, por muitos desse grupo, está ligado à instalação de infra-estrutura urbana: calçamento, iluminação, rede de esgoto representaram um fator de valorização do lugar. A ação do poder público municipal, se para os defensores do mangue não atende aos reais interesses da comunidade e a criação da APARU não contemplou plenamente os seus interesses, para os não fundadores melhorou muito a imagem do lugar:

Olha, o passado aqui foi bem negro pra nós, em virtude das nossas ruas, que eram lama pura; e ... esse ano tivemos a felicidade do prefeito mandar asfaltar isso tudo aí. Tá

tudo calçadinho, bonitinho, com saneamento básico, com tudo direitinho; bem arrumado.
(Sr. Nelson, 68 anos militar reformado).

A preocupação em manter a imagem do lugar diferente da de uma favela, também passa por eles, e, da mesma forma que o grupo dos fundadores, a presença do manguezal é, ainda que disso não tenham consciência, fundamental. Ele “isola” a colônia dos agentes perturbadores da ordem, ajudado pela Marinha e pela Polícia Militar. Se assim não fosse, “todo mundo ia fazer barraco aí dentro d’água”, como diz o entrevistado acima citado. Novamente, aparece o “símbolo de estigma” de que nos fala Gilberto Velho (1979).

Um outro aspecto dessa preocupação em manter a imagem que se quer mostrar, em função de traços selecionados, foi evidenciado pelas palavras do Sr. Clovis, militar, e morador da colônia há 42 anos, que faz afirmações baseadas em dados sem base científica, para diminuir o peso que possuem aqueles que dão nome ao lugar, e, assim, reforçar o do grupo do qual faz parte:

[...] Que aqui dentro, só tem a fama que isso aqui é a Colônia Z-10 de pescadores. Mas noventa ... vamos botar oitenta por cento ... militares que mora aqui dentro. [...] Não vou dizer que não existe bandido aqui dentro, pode até existir, camuflado, que ninguém sabe. Quando a gente sabe, some daqui. Vai fugir por onde? Por aqui, pela Estação Rádio? Não pode.

De modo semelhante, esse grupo reconhece, na figura de Zé Luís, uma liderança política e o “responsável” pela preservação do ecossistema, como se dela não devessem participar todos os moradores: “[...] o Zé Luís fica sozinho (mencionando os problemas ocorridos entre as associações que atuam na colônia)” (Sr. Rubens, 69 anos, freqüentador da colônia há décadas); “Zé Luís é o responsável” (Sr. Clovis, morador).

Num discurso contraditório, ora atribuem a si mesmos, ora a outrem a função de cuidar do manguezal. De todo modo, as pessoas desse grupo também demonstraram preocupações com a sua poluição, apesar de poucos se engajarem em ações voltadas para esse fim. Parece-nos possível, uma vez que aquela paisagem natural também possui forte carga simbólica no grupo, que a proposta de ações que conciliassem aquelas preocupações com geração de renda, seriam abraçadas por eles.

4 A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO MANGUEZAL DO JEQUIÁ



Aspecto do Manguezal do Jequiá (Foto cedida por Zé Luis)

A Colônia de Pescadores Z-10 foi a primeira colônia de pescadores fundada no país, há 84 anos, pelo Almirante Antônio Gomes Pereira. De 1920 até 1994 ela esteve sob a administração da Marinha do Brasil, passando, a partir daquela data, para a administração da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Situada às margens do Manguezal de Jequiá, na maior ilha da Baía de Guanabara – a Ilha do Governador -, essa comunidade tem sua origem ligada à atividade pesqueira, que foi, por sua vez, profundamente prejudicada pela poluição daquele riquíssimo ecossistema, provocada pela ação de agentes externos e da população local que aterra o mangue para aumentar a área construída, joga nele todo o tipo de lixo, lança esgoto para suas águas, e corta a vegetação nativa, citando apenas as mais importantes.

As práticas inadequadas ainda persistem na área, apesar dela fazer parte de uma APARU desde 1993 e a despeito de todas as medidas que foram tomadas no sentido de recuperar o meio ambiente, seja por parte dos órgãos oficiais, seja pelas organizações não-governamentais. Enfim, medidas e discursos em defesa da preservação ambiental, não têm surtido o efeito esperado, nem por parte das corporações econômicas, nem por parte do Estado e nem da população que vive no entorno do manguezal⁴⁵.

A mudança na paisagem natural causada pela poluição provocou a redução do pescado, o abandono da pesca por muitos que dela viviam, alterou as práticas cotidianas e a memória da colônia, então, passou a ser construída a partir de novos elementos.

⁴⁵ Desde que o Programa de Despoluição da Baía de Guanabara foi iniciado, há 10 anos, ela continua recebendo 15 mil litros de esgoto in natura, de 10 a 100 toneladas de lixo flutuante, 4 milhões de toneladas de material dos 55 rios que nela desembocam, as indústrias jogam 64 toneladas de carga orgânica e 0,3 toneladas de metais pesados por dia e as obras de construção de aterros sanitários foram insuficientes (O GLOBO, p.16, 30 jan 2005).

Associado ao que foi descrito, a população da área aumentou muito, contando hoje, com, estimadamente, 3600 habitantes (CRIBB 2001, p. 131), agravando a situação descrita..

A maneira pela qual a população da colônia usa o espaço natural que a circunda, pareceu-nos discrepante, com a sua origem e com a relativa antigüidade dos movimentos ambientalistas, que começaram a aparecer ali há algumas décadas. Ao transitar por aquele lugar ou pela estrada que a contorna externamente, percebe-se a marca do modo pelo qual a população se apropria dele e isso nos levou a refletir acerca do seu significado simbólico, passando a ser este o objetivo desse trabalho.

A partir de vários autores, passamos a olhar as paisagens naturais como textos a partir dos quais são refletidas as crenças, os valores, as diferentes culturas, que por sua vez, exercem influências nas práticas sociais dos grupos a elas ligados. São, pois, carregadas de simbolismos que moldam muitas das instituições com as quais convivemos e representam, junto com as pessoas e os fatos, a base sobre a qual os homens desenvolvem sua vida; por esse motivo, são elementos constituintes da memória.

Com base na bibliografia consultada e no conhecimento empírico sobre o lugar, pretendeu-se atingir objetivos menos abrangentes: verificar como ocorrem as ações dos agentes que ali atuam, contribuir na formação de atitudes críticas em relação àquela paisagem, com propostas de medidas que atendam às necessidades humanas e ambientais; identificar, através das representações colhidas a partir do próprio grupo, se o manguezal pode ser considerado como um patrimônio cultural da comunidade.

Os instrumentos que utilizamos para apreendermos a representação que a população da colônia tem do manguezal do Jequiá, foram aqueles ligados às técnicas etnográficas da observação participante e as entrevistas abertas, durante as quais as pessoas

podiam falar livremente acerca das suas vidas ali, sempre, porém, em torno de um eixo central.

Procuramos, com essa escolha, captar até que ponto o manguezal se constituía num elemento importante nas suas memórias, detectado através, não só do que era dito, mas também daquilo que aparecia nas contradições, nas ironias, no que era negado ou silenciado.

Foram realizadas visitas exploratórias para coletar informações, aumentar o conhecimento com o objeto e definir a amostragem a ser ouvida. Realizamos vinte e cinco entrevistas, a partir de algumas indicações feitas, mas também abordamos pessoas que transitavam pelo lugar, independentemente de sua origem, idade ou sexo. No entanto, sem que disso tivéssemos tido a intenção, a maioria delas estava ligada à origem pesqueira; apenas dez a ela não se relacionavam.

Em alguns momentos, durante nossa abordagem, pessoas que estavam no local fizeram intervenções e também tiveram suas falas registradas. Por esse motivo algumas entrevistas foram consideradas como se fossem duas.

A análise dos dados coletados pelo trabalho de campo nos permitiram apreender dois sistemas de classificação, de representação do manguezal permeando as cabeças daquelas pessoas: um deles é o que está ligado às famílias de pescadores e o outro é o das pessoas que foram morar ali por outros motivos e posteriormente à fundação. Existem, entre eles, fortes traços diferenciadores, mas há também, vários aspectos comuns.

O manguezal possui, para os dois grupos, uma forte representação, porém seu conteúdo simbólico difere entre eles. Para o grupo dos fundadores ele aparece associado a um passado de beleza, fartura e alegria, quando era possível banhar-se em suas águas límpidas e dele se retirar o sustento das famílias. Seu estado atual, profundamente poluído,

é mencionado com nostalgia pela perda de um espaço outrora vivido de forma diferente, inclusive pelos mais jovens, que dele não participaram, mas que, através da memória herdada, a ele também se referem.

O pertencimento ao grupo, isto é, sua identidade está ligada ao manguezal, que faz parte de seus “quadros de memória” e nele está ancorada a memória de pescadores, fundadora da colônia, assim como o tempo, que é marcado por ele: o passado se associa à época em que o manguezal e as suas vidas eram “limpos”, diferentemente do presente, carregado de poluição natural e social, representada, esta última, pelos efeitos da desestruturação das condições sociais anteriores, em função de agentes externos: alto índice de desemprego e de sub-emprego, redução do poder aquisitivo, inserção na economia informal e favelização.

Para o outro grupo, o dos não-fundadores, a representação do manguezal é heterogênea, variando de acordo com o tempo de residência na colônia e com o engajamento em atividades ligadas a ele, sejam elas oficiais ou não.

Um ponto em comum entre os grupos, e que apareceu em todas entrevistas foi o sentimento de segurança que o fato de morar na colônia representa para eles. Tanto um quanto o outro atribuiu essa característica à presença da Estação Rádio da Marinha na entrada da colônia e à proximidade de um batalhão da Polícia Militar.

Essas afirmações, ao mesmo tempo em que não se sustentam na prática, revelam-se contraditórias em si mesmas, pois, nas várias vezes que fomos visitar a colônia durante a noite, entramos de carro, percorremos quase todas as ruas, e saímos bem tarde, sem que ninguém sequer perguntasse quem éramos e o que fazíamos por lá. Qualquer tipo de ato criminoso poderia ter sido cometido.

Além disso, a aparência de total segurança, de convivência pacífica enfatizada pelos moradores, na verdade, encobre conflitos entre os diversos agentes que atuam na colônia - a Associação de Moradores, a de Pescadores e entre elas e a Prefeitura -, inúmeras vezes citados nas entrevistas, mas de modo não muito enfático. Havia, claramente, a preocupação em destacar aquilo que reforçaria a imagem que desejavam mostrar: a de fazerem parte de um grupo harmonioso, que habita um lugar representado, por eles, como sendo muito seguro.

Esta representação, ainda que dela não se aperceba a maioria das pessoas dos dois grupos, está fortemente associada à segurança que a delimitação territorial definida da colônia garante. A presença da Marinha, da Polícia Militar e a colocação de uma cerca e de um muro em torno da área são apontados como fatores de proteção do lugar, mas, na verdade, há uma “cerca” maior, que precisa ser mantida com vida, para que a colônia permaneça separada dos problemas que afetam os demais espaços da Ilha do Governador: o manguezal.

A heterogeneidade na constituição social da colônia, no que se refere à origem dos moradores, ora foi ressaltada como um fator diferencial, ora foi diluída pela convivência estreita que a configuração espacial da colônia possibilita, uma vez que aquele espaço possui delimitação territorial definida pelo manguezal, cuja importância é, assim, novamente destacada, sendo, inclusive, utilizado como símbolo de prestígio, para fugir da imagem de favela, por aqueles que moram fora dela.

Nos momentos em que ela foi ressaltada serviu para diferenciar o grupo dos fundadores do outro grupo, ou seja, a exclusão foi o mecanismo usado para dar identidade aos pescadores e seus descendentes. Aqueles que não compartilham da mesma origem usavam o fator espacial – o espaço da colônia – para se reconhecerem no grupo. Em outros

momentos, esse fator também é evocado primeiros, integrando-se aos segundos, de quem, antes, se distanciavam.

Essas diferentes inserções mostram que, no mundo globalizado em que vivemos, os indivíduos se vêm de forma multifacetada, isto é, se reconhecem, não mais por uma “identidade mestra”, desgastada que foi, em termos de classe e pelos movimentos sociais emergentes, mas por identificações que se contradizem e se cruzam. A globalização cria, assim, esse “jogo de identidades” de que nos fala Stuart Hall (2002, p. 20-21), no qual “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado [...] constituindo uma mudança de uma política de identidade [de classe] para uma política de diferença”. Nesse jogo, a identidade, que é sempre relacional, é sustentada pela exclusão e por meio de símbolos que se relacionam com a vida dos grupos. No nosso entender, o manguezal é um símbolo que dá identidade aos pescadores e suas famílias, o que não acontece de forma tão explícita com os demais.

Os dois grupos reconhecem na pessoa de Zé Luís a liderança política em favor do manguezal e ele é considerado quase como uma parte dele: “esse rapaz é o cabeça de haver esse manguezal” (Sr. Dionides). Mais que isso, esse homem atua como o “guardião da memória” da colônia, pois detém em seu poder os escassos documentos sobre a sua origem, fundação e controle pela Marinha. Conhece o manguezal em seus aspectos físicos, biológicos e possui forte consciência ecológica. É um auto didata, um militante, ferrenho defensor dos interesses da comunidade em que vive, muitas vezes às custas de brigas com o governo⁴⁶.

⁴⁶ Zé Luís, durante a entrevista, relatou que foi processado pelo CREA por exercício ilegal da profissão de engenheiro florestal, por plantar mudas de mangue e moveu uma ação contra a Prefeitura, por omissão e descaso em relação ao meio ambiente.

O fato de simbolizar o manguezal e de ter sido citado por todos, segundo ele, lhe causou estranheza, pois no dia-a-dia, sofre pressão de todos os lados. As referências positivas, segundo ele, só ocorrem quando são feitas para algum visitante. Por ser um representante legitimado pelo grupo social a que pertence, por deter objetos e conhecimento sobre a memória da colônia, esse homem, através de suas práticas, funciona como uma ponte entre o mundo visível e o invisível – o passado da colônia, os antepassados, aqueles que já morreram e que são rememorados por ele em poesias -, esse homem, assume as características daqueles que Regina Abreu (1996, p.44) chama de homens-semióforos, “[...] representantes do invisível, dos deuses ou de um deus, dos antepassados, da sociedade vista como um todo [...]. Estabelecem uma distância entre eles e os outros, rodeando-se de objetos semióforos⁴⁷ e deles fazendo alarde”.

Suas preocupações em ligar o passado ao presente, através de rituais e da conservação do espaço físico, não se limita ao mangue como pode ser demonstrado por uma de suas falas:

[...] Se a gente não resgatar o que é nosso ... por exemplo, aquela sede [referindo-se ao antigo prédio da Associação de Pescadores, hoje em desuso e mal conservado] é a primeira [...] escola da Ilha do Governador! [...] Eu sempre falo pra eles: - olha, isso aqui nunca pode ser destruído, isso aqui que é a identidade da colônia! Tem que ser reformado, mas nunca, nunca tire o telhado, mude a fachada, não façam isso. Que o dia que vocês fizerem isso, é aterrar o manguezal! É destruir o manguezal!

⁴⁷ POMIAN (Apud ABREU , p. 43) objetos-semióforos são aqueles cujo valor está relacionado ao seu significado e não ao seu valor de troca, desempenhando o papel de “intermediários entre os espectadores e o mundo invisível de que falam os mitos, os contos e as histórias”.



Antiga sede da Associação de Pescadores da Colônia (Foto cedida por Zé Luis)

Todos os abordados desse grupo também demonstraram um profundo amor, apego e orgulho em morar na colônia. Para eles, aquele lugar é único, um lugar da memória, assim como o é a Estação Rádio da Marinha, que lhes garante o sentimento de segurança.

As manifestações com relação a essa característica foram unânimes e as palavras de alguns deles expressam de maneira contundente esse sentimento:

Ah, é uma maravilha! Acho que não tem lugar no Rio de Janeiro melhor pra morar que aqui na Colônia Z-10. [...] aqui não tem criminalidade, entendeu? Tem problemas de comunidade. [...] a gente pode ficar até de madrugada com as portas abertas, que não tem problema [...] É diferente daí fora [...].
(Carlos Alberto, 44 anos, morador há 15 anos)

[...] Eu saio, mas a minha cegueira é a colônia. Minha cegueira é essa colônia. Eu chego aqui, eu tô satisfeita. Daqui eu não saio pra lugar nenhum [...].
(Dona Albanesa, 76 anos, descendente de pescadores).

O aumento da população residente foi apontado como um dos fatores responsáveis pela quebra da coesão social, acelerada pela perda da tutoria da Marinha. A especulação imobiliária, proibida no passado, surge com a construção de novas residências nas lajes para venda ou aluguel, para abrigar novos membros da família ou para gerar renda. A ele também foi atribuído o fim da festa de São Pedro, tradição da colônia. Em seu lugar, têm sido realizadas, em vários finais de semana, festas menores, organizadas exclusivamente com objetivos financeiros não revertidos em benefícios da comunidade.

Todos os dois grupos se mostraram preocupados com a poluição do manguezal, tendo sido explicitamente ligada à questão ecológica, ou implicitamente, quando o relacionavam à segurança ou à possibilidade de emprego que é representada pelos projetos do governo. Tendo em vista que o índice de desempregados ou de subempregados é alto e que a renda média das famílias é baixa⁴⁸, poderíamos propor que ações voltadas para uma política de conscientização da população em relação ao valor mítico e sagrado que ela atribui àquele ecossistema, e que disso nem se apercebe, e que poderiam ajudar a melhorar as condições de vida da comunidade e do manguezal.

Dessa forma, sugerimos algumas medidas que poderiam atender a esse objetivo:

- Ampliação, mas, acima de tudo, reformulação, das políticas de geração de empregos ligados ao manguezal, já existentes, como por exemplo, a formação de educadores ambientais, capacitação de pessoas em cursos ligados à pesca para ajudar aos que ainda vivem dela, formação de um “memorial da colônia” – quem sabe, no prédio, hoje abandonado, onde se localizava a antiga Associação de Pescadores - , onde fossem

⁴⁸ CRIBB (2001, p. 136) indica que o percentual da população economicamente ativa que possui carteira assinada, logo, que participa do mercado de trabalho informal é de 70% e que a maioria das famílias ganha menos de 3 salários mínimos.

arquivados todos os documentos relativos à sua história – hoje em poder de Zé Luís -, assim como os trabalhos científicos e não científicos produzidos sobre ela.

- Ajuda financeira e técnica para as atividades artesanais que porventura existam ou que venham a ser desenvolvidas com material do próprio mangue – galhos e folhas secos, carcaças de caranguejos, etc -para ser vendido numa feira local

- Reciclagem do lixo retirado, criação de uma feira de pescados e até a criação de um restaurante popular de frutos do mar, uma vez que os desse tipo existentes na Ilha, possuam preços elevados para as classes menos abastadas.

Algumas dessas idéias já foram colocadas em prática pela Prefeitura, mas, segundo os próprios moradores, eles são aproveitados de forma insatisfatória. O apoio técnico deveria vir do Estado, mas a mão-de-obra, e, principalmente, os interesses e as expectativas que as norteariam emergiriam da comunidade-alvo.

Acreditamos que, dessa maneira, integrando a conservação do manguezal aos interesses da população, três metas seriam atingidas: a melhoria das suas condições de vida, um maior engajamento e maior poder da mesma, como um dos agentes, que com a Prefeitura e os agentes econômicos atua na disputa pelo poder sobre aquela paisagem natural que, assim, se tornaria, para eles, patrimônio .cultural.

A globalização tida como o agente responsável pela descaracterização dos traços originais da colônia e pela degradação sócio-ambiental da colônia, produziria um efeito contrário ao que hoje se observa no lugar: “um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades” (HALL, 2002), apoiadas sobre novas relações homem-natureza.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. de A.. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: INPLANRIO/Zahar, 1987.

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias da consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco:Lapa, 1996.

AMADOR, E. da S. Baía de Guanabara: um balanço histórico. In: ABREU, M. de A.(Org.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

_____. **Baía de Guanabara e ecossistemas periféricos: homem e natureza**. Rio de Janeiro, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1983

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 23, p. 95-115, 1994.

CARVALHO, E. T. e MENEZES, R. **Projeto integrado de pesquisas arqueológicas Apicum de Guaratiba**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: _____. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis.Vozes, 351 p. p. 201.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124p.

CRIBB, Sandra Lúcia de Souza Pinto. **A área de proteção ambiental e recuperação urbana (APARU) do Jequiá: situação e perspectivas**. 2001. 289 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Coordenação dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo**, ou como ter “antropological blues”. In: _____. **Anais do Museu Nacional**, 1974.

_____. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **O que faz do brasil Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, 126 p.

DRSKA, Maria Angélica Marcondes. Memória e mudança espacial: migrantes nordestinos no Rio de Janeiro. In: **Memória, cultura e sociedade**. COSTA,Icléia Thiesen e ORRICO, Evelyn (orgs.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo, Ed Perspectiva, 2002.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. 3 ed., São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo:Loyola, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.13-41.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GONDAR, J. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, I. T. M. e GONDAR, J. (orgs). **Memória e espaço**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000, p. 35-43.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- IPANEMA, Cybele de. **Historia da Ilha do Governador**. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Marcelo de Ipanema, 1991.
- LIMA, Roberto Kant. **Pescadores de Itaipu: a pescaria da tainha e a produção ritual da identidade social**. UFRJ.Dissertação (Mestrado – UFRJ/ Museu Nacional, 1978).
- LEITÃO, Wilma Marques. **Ilha de Paquetá: cotidiano e história social de um bairro carioca**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2003.xx, 227p.il.Tese (Doutorado – UFRJ, IFCS, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. 2003.
- LEMOS, Carlos A.C. **O que é patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- McDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY; MARTIN; SMITH. **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Zahar , 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SIQUEIRA, Sonia A.de. A fabricação do “lugar ideal”: a saudade como tradição forjada. In: **Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro: história oral – Urca**. UNIRIO, 1988.
- NATUREZA à deriva: a Baía soterrada. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 16 – 18, 30 jan de 2005.
- _____ : a Baía não está para peixe. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 12, 2 fev 2005.

OITENTA anos em busca de respeito. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 fev 2003. Ilha, p.6.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy; OLIVEIRA, Miguel Darcy. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983

OMISSÃO e falta de diálogo prejudicam o meio ambiente. **Mirante da Ilha**, Rio de Janeiro, p.6-7, 04 dez 2003.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

RABELLO, Sonia de Castro. **O Estado na preservação de bens culturais: o tombamento**. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Manguezais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: a Secretaria, 2000.

RUSSIO, Waldisa. **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RUSSO, Paulo Roberto. **Ilha do Governador: considerações acerca de seu processo de ocupação**. Revista do departamento de geografia –UERJ, Rio de Janeiro, n.2, 1997.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1990.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAES, Fernando A. **História da vida privada no Brasil: 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: **História da vida privada no Brasil: 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOFFIATI, [Neto], [Aristides]. **Quando o patrimônio natural se transforma em cultural**. 2000 Disponível em: <http://www.geocities.com/lagopaiva/natural.htm>. 21abr2000. Acesso em 18.05.2003.

VELHO, Gilberto. Estigma e comportamento desviante em Copacabana. In: **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1979.

VIEIRA, Paulo Freire; MAIMON, Dália (Orgs.). **As ciências sociais e a questão ambiental:** rumo à interdisciplinaridade. Rio de Janeiro: APED e UFPa, 1993, 298p.

WEHLING, A.; WEHLING, M. J. .Memória e história: fundamentos, convergências, conflitos. In: WEHLING, A.; WEHLING, M. J.(Orgs.) **Memória social e documento:** uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Mestrado em memória Social e Documento, 1997, p. 11-26.

WOODWARD, K.; HALL, Stuart; SILVA, T. Da Silva (Orgs.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003.

ANEXOS

ANEXO 01. Termo de doação⁴⁹

Um lugar chamado Colônia Z – 1

“Almirante Gomes Pereira”

(Atual Z – 10)

(termo de doação da 1ª colônia de pescadores do Brasil)

Rio de Janeiro, GB em 17 de novembro de 1920

Snr. Inspector de Marinha.

3823,

Em referencia a vosso ofício nº 972-a secção de 6 de outubro ultimo, declara-vos para os devidos efeitos fins que , atendendo á solicitação do Comando do Cruzador “José Bonifácio” do serviço de pesca e saneamento do litoral, ora resolvo conceder, a título precário, á Colônia Cooperativa de Pescadores “Almirante Gomes Pereira”, para sua instalação em terreno necessário compreendido da Ponta do Mirante para dentro da Bacia de Jequiá, na Ilha do Governador.

Saúde e fraternidade.

Offº 1509-Insp. P. e Costas

25 de outubro de 1920

⁴⁹ Transcrição feita por Zé Luís que detém, em seu poder, o original.

ANEXO 02. Entrevistas

DIA 09/08/2004 – 13:40 h

Entrevista nº 1: Sr Dionides Coutinho, 78 anos, atualmente, o pescador mais antigo da colônia.

O sr é o pescador mais antigo da colônia?

Agora sou, né, porque os outros já foram todos embora.

Falando sobre a sua vida na colônia e sobre o manguezal, ele disse:

O que eu só posso pensar aqui sobre o manguezal é só o pior ... que tá aí é esse esgoto que tá saindo lá de cima pra cá, da Praia da Bica pra cá, do Guarabu, que tá estragando aqui o mangue, matando tudo aí, acabando com tudo ... criação, não se pode criar quase nada aqui dentro. Antigamente se matava tainha, se matava tudo que era raça de peixe, camarão era demais aqui dentro, agora não tem mais nada. Se eles acabassem com aquele esgoto lá... eles tão metendo um cano lá, desviando o esgoto, mas não é o principal que nós queremos que tire ... tem um esgoto do... eles tão emendando lá, com uns cano lá...que pega os cano daí dessa rua, né? Mas o principal, não sai, aí, fica estragando tudo. E a vida de pescador é ficar sofrendo aí, toda vida. A senhora vê, tá tão ruim, tá tão ruim, que a baleia veio até encalhar aqui na... na Jurujuba, né? Agora você vê, a miséria que tá lá fora, que fará aqui dentro. Aqui pra nós tem esse petróleo que deu lá em cima, na... costa, que acabou com a...com tudo também. E até hoje, a Petrobrás também não pagou nada a gente... pagou sim, a importância mínima... a que tem que pagar mais agora ... é que até hoje não resolveram nada. E tá sempre se recorrendo, a advogada tá vencendo, o pescador tá vencendo.. e esse que tem que vim, não vem nada, não vem nada, nada, nada.

O que é que a Petrobrás teria que pagar a vocês?

Aquele serviço que... estourou petróleo lá em cima do rio, né? Ele pagaram 250, pagaram 500... era prá pagar 500, só pagaram 250, aí ficou devendo 250 reais a gente, e até hoje...

Pagaram a cada pescador?

A cada pescador.

O sr trabalhou como pescador durante quanto tempo?

Eu sou pescador desde a época do meu pai, desde que nasci, praticamente... sou filho de pescador também ... já viu, né? Agora mesmo tô arrumado aqui pra sair pra pescar. Com essa idade toda aí, ainda tô saindo pra pescar. Vê se apanho uns peixinho aí pra comer, porque pra vender não tem nada. Meu filho que é pescador também ... eu tenho 4 filhos, um que se meteu com pescaria, saiu da Marinha, se meteu em pescaria, até hoje tá sofrendo aí pra caramba. Não tem mais nada, não sei o que que houve com a vida do mar, que tá tudo acabado. Agora apareceu uns camarãozinho... aí...apareceu algum camarão, mas o camarão é tão miúdo, que eles tavam vendendo a 14, 15, 20 reais o quilo, agora tão vendendo a 5 ... 4, 5 reais. Mas olha só o tamanho ... miudinho. Isso é que mata a vida do pescador; é essa... também o pescador é um pouco ganancioso, sabe, é um pouco ganancioso o pescador; tá vendo que a criação tá ali, pra ele deixar crescer, pra poder ganhar mais, ter um capitalzinho melhor, mas quando acaba, não adianta nada, eles vão lá e mata tudo.

Mas a pesca que o sr praticava era aqui, na área do manguezal, ou era fora?

Não, aqui ... eu comecei a vida de pescar mesmo, diretamente, ... foi aqui nesse mangue, e da minha embarcação, eu pescava, na Baía de Guanabara toda, né?

E o mangue dava condições de sobrevivência?

Olha, eu, quando vim pra aqui, vim prá aqui pra Ilha foi com 17 anos, eu pescava com meu pai... dali daquela ponte até aqui, em frente à estação ... à sede dos pescadores, só nesse rio aqui, matava 10, 15 quilos de camarão, aí. Aí levava... tinha pouca gente morando aqui, se levava lá pro mercado, vendia, voltava ainda pra ... com tempo prá comprar o pão. Tá ruim... enquanto também não existia a tal de rede de arrasto, né. Depois que apareceu essa rede de arrasto, desgraçou tudo.

O que é a rede de arrasto?

A rede de arrasto é... não sei se a senhora ... aqui não tem nenhuma pra mostrar pra senhora, senão eu mostrava aqui; ali no Zumbi é que tem muitas delas.

É arrastão?

É arrastão ... é um arrastão ... não é arrastão de praia ... arrastão de praia é aquele candombe (?), né? Arrastão é aquele que tem aquelas tauba, conhece? Aquilo ali é que é arrastão. Aquilo, dizem os pescadores mais antigo, que lá em Portugal foi arrasado, lá em ... na Inglaterra foi arrasado, em todo lugar foi arrasado. Em Portugal () tão matando até bacalhau, () de linha e de anzol, porque não tem mais nada pra se matar, acabou com tudo. E agora, com o que tem aqui, os de fora, como os japoneses e outros mais, vêm aqui também, mata a criação, e vão lá pescar o peixe atuns e de lá eles vão embora pra terra deles vender, e aqui o pescador fica no mole no dedo. Acabaram com tudo, não tem jeito.

Quer dizer que o manguezal na vida do sr, hoje ...

No princípio ... no meu princípio, uma beleza, foi uma beleza mesmo. Comecei a criar meus filhos aqui, graças a Deus, arranjei até casamento aqui (risos). Ah, graças a Deus, tô criado mesmo. E meu pai tinha a canoinha dele, pescava aí no Galeão, pescava aqui na Ilha Seca, também foi vivendo também. Aí ... faleceu, né? Acabou-se com o velho.

E não ... o sr acha que não está havendo melhoria na conservação do manguezal... o sr não vê, assim, possibilidade disso mudar, a população da colônia cuidar do manguezal, como é que o sr vê isso aí?

Olha, aqui, quem cuida do manguezal é uma comissão que tem aí, que inclusive com... junto com o Zé Luís. Esse rapaz é que é o cabeça de haver esse manguezal. E tinha os empregado, não dele ... da própria cia, [...] falou que ele ... que ele vivia ... vivia com ele, né? Então fazia muita plantação de mangue. Ali, numa ocasião, pegou fogo naquela ...ali em frente à polícia, ali, pegou fogo naquele manguezal todo, aí eles fizeram nova plantação, mas agora voltou a morrer tudo. Se a senhora passa de ônibus ou de carro ali, tá tudo morto. Lá em cima, então, tá uma miséria! Em frente justamente ao esgoto, tá uma miséria lá ... acabou com tudo, tá tudo morto lá. Quer dizer, se tiver peixe aqui dentro ... qual é o peixe que pode tá aqui dentro? Que vem esse esgoto lá do Guarabu, vem aí por baixo do União da Ilha, vem tudo aqui pro mangue. É... aquele restante que vem de farmácia, aquele esgoto de ... tudo quanto é porcária vem. Cai ali dentro daquele esgoto e vem aqui pro rio, aí acaba com tudo aí.

E hoje, o sr sobrevive de quê? O sr é aposentado?

Eu sou aposentado.

Como pescador?

Como pescador. E por idade também, né? Por idade. E... terminou, eu, graças a Deus ... eu tô aí de brincadeira, pra matar peixe pra comer. Ajudo a meu filho às vezes, saio pra ajudar ele. Aqui, nem companheiro pra ele trabalhar ele não tem diretamente. Ninguém tá querendo pescar mais não. E eu, também, por meu gosto, filho meu não se metia mais em pescaria, nem gastava dinheiro em pescaria, que não tem ... não tem jeito, não. Se não

aparecesse esse camarãozinho aí, os pessoal tava tudo bombardeado com esse negócio de vida de pesca. Tá tudo ruim.

Ainda há muitos pescadores aqui na colônia?

Bem pouco. Pescador profissional, tem bem pouco. Porque ... os profissional mesmo, antigamente, que tinha poucas casa, morava bastante pescador aqui, que a Marinha só aceitava gente morar aqui de ... como pescador. Até pra se comprar uma casa ... uma casa era só pra pescador. Depois que passou a prefeitura tomar conta disso aí ... aí danou tudo. E aqueles pescador antigo foi morrendo, né ... o meu pai também ... foi tudo se acabando ... e eu também já tô bem perto também (risos) ... e assim é a Ilha, (). Agora, virou bagunça isso aí. Agora tão fazendo segundo andar, só pra ...só pra..., alugando, sabe? Fazem aí, um, duas quitinete ou três em cima da sua casa, tão ganhando aí 300, 400 reais por mês, então ... vai pescar? Não vão pescar, não. A vida é essa.

Após a entrevista ter sido dada como encerrada, Seu Dionides recomeçou a falar o que segue abaixo transcrito:

[...] Primeiro, que se a sra for conversar, por exemplo, com um pescador conforme tá conversando comigo, se a sra for conversar com uma pessoa que não for pescador, eles não têm o que declarar. Não adianta, vão falar o quê? A sra vai perto dum... procurar uma pessoa aí que não é pescador, uma sra que não é pescadora nem nada, ela vai dizer o quê? Só vai dizer assim: - olha, aqui pra mim morar, tá bom, e tá acabado.O lugar é muito bom pra se morar, e é só o que vai sair, mais nada, certo?

Certo.

Após nova interrupção , seguiram-se outras colocações:

Até fugiu o que eu ia falar...

Ah, fugiu? Esqueceu? O sr tava falando das pessoas que moram aqui...

Ah! Das casas, né?

É.

É ... antigamente tinha aqui umas pessoas morando ... mais ou menos umas 30 casa, agora tem umas 500 casa aí. Aumentou muito. Só valeu mesmo pra morar direto ... só tá morando aqui dentro ... a maioria aí, em cima do nome dos pescador. Se tiver aí uns ... profissional mesmo, uns 15 pescador, já tem muito.

E onde eu posso encontrar essas pessoas? Na associação dos pescadores?

É.

Entrevista nº 2: Taciana de Lima Coutinho, 16 anos, que trabalha numa lojinha de entrega de gás de cozinha e de garrações de água. Vive na colônia desde que nasceu.

Taciana, fala um pouco sobre o que é pra você viver na Colônia. Meu trabalho é sobre a colônia e o manguezal. O que você tem a falar sobre essas coisas?

Aqui é bom de morar. Tem tudo, tem negócio do manguezal das crianças, eu gosto de ficar aqui. Tem tudo aqui pra crianças ... não sei dizer, assim ... aqui tem tudo, esses negócio assim de hospital, brincadeira pra criança, tem tudo que as criança quer ... brinquedo ... tudo, tem festa pra ajudar a comunidade.

Essa festa que está acontecendo agora é de quem? Quem é que está fazendo?

Dos moradores daqui mesmo. Pra pagar assim a ... às pessoas que fazem ... que trabalham aqui como médico, assim ... pra pagar essas pessoas que varre rua, essas coisas assim.

E você trabalha aqui, você estuda?

Estudo.

Como é que é a sua vida dentro da colônia? Como é que você vê a sua vida na colônia e como é que você vê esse manguezal aí?

Normal, ele faz parte da colônia, assim, ajuda os pescadores. Normal, assim.

E você estuda onde?

Eu estudo na Cuba. Segundo ano.

E essa lojinha aqui, é de quem?

É do Coopagás.

Entrevista nº 3: Dona Ivone Deolinda Rosa, 52 anos, na colônia desde que nasceu.

Você poderia falar um pouquinho sobre sua vida na colônia e sobre o manguezal?

É ... minha vida aqui ... eu trabalho, né, saio de manhã e só entro aqui de noite (nota: era cerca de 15:00 h de uma segunda-feira e ela estava no portão, batendo papo), mas isso aqui é uma beleza aqui dentro.

Porque você acha uma beleza isso aqui?

Ah, porque é um lugar tranqüilo, sossegado.

Você trabalha em quê?

Eu trabalho em casa de família.

Sempre, a vida inteira você morou aqui?

Morei.

E a sua família?

Ah, da minha família, agora, só tem eu e meu irmão, né, e a minha irmã casada, que a minha mãe já faleceu ... meu pai. Faleceu uma irmã minha também. Agora, de 5 irmão, tem 4; vivo,4.

Então você gosta de viver aqui, né? E esse manguezal aí em volta da colônia?

Bom, manguezal ... tem que ter, né, porque se não tiver, como os caranguejo vai viver?

É verdade ... ele é importante?

É, pra mim, é.

Mas ele tá sofrendo várias alterações aí, né, tá sendo poluído, então ...

É.

Então você acha que tá sendo válido ... você acha que essas mudanças que a prefeitura está fazendo, você tá achando bom, como é que você está vendo isso aí, você acha que vai melhorar, que isso aí não vai resolver nada ...Hoje é melhor viver aqui do que antes ou antigamente era melhor, como é que você vê isso aí?

Bom, antigamente era bom, mas hoje é melhor ainda, porque muita coisa evoluiu, né?

É? O que por exemplo?

É, melhorou bastante, por exemplo, o calçamento, que era lama ...

Ah, tá, dentro da colônia, as condições dentro da colônia melhoraram.

Melhorou bastante.

Tudo melhorou pra você?

Melhorou.

Nada piorou?

Pra mim, não. Graças a Deus, não.

Então, pra você, ao longo do tempo, só teve melhora na colônia?

Pra mim, só.

Quer falar mais alguma coisa?

Não.

Após os agradecimentos, ela volta a falar, e o gravador é novamente ligado. Ela recomeça:

A colônia é um lugar abençoado por Deus.

Porque?

Ah, pelos ... ah, é um lugar tranqüilo, sossegado ... aqui dentro a gente vive uma tranqüilidade!

Parece um lugar fora do Rio, é isso?

É.

Não tem violência, é isso?

Não, violência, aqui dentro, não tem não. Na colônia, não, né, graças a Deus, não. Aqui, no verão dorme com tudo aberto, sem medo. Eu durmo com tudo aberto no calor, sem medo nenhum. Quando tem qualquer brincadeira aqui, não tem confusão, corre tudo bem. Isso aqui, em vista do que tá aí fora, é um paraíso, né.

Dia 24/08/04

Entrevistas n° 4 e n° 5: Sr Haroldo de Paula Filho, 52 anos, pescador e D. Jane, sua companheira, que além de ajudá-lo na pescaria, faz quentinhas para vender.

Nasci e me criei aqui, sou descendente de pescadores, como sou também pescador, tá entendendo, e a gente vive mais aqui da Baía de Guanabara. O que a gente... é... pode falar assim... da Baía de Guanabara é que antigamente, antes de vim essa poluição toda, nossa pescaria era bem melhor. Depois que veio esse monte de poluição, saco plástico, muita coisa, a pescaria, o peixe tá cada vez ficando... a pescaria cada vez mais fraca. Só tem mais peixe lá pra fora da barra, tá entendendo? Justamente por causa disso não vê que a poluição tá matando o manguezal, tá matando tudo, né? Antigamente aqui não tinha quase poluição, nós mesmos, no nosso próprio quintal, tinha o nosso próprio tratamento de esgoto, não tinha esse... esse monte de plástico, esse monte de coisa que hoje em dia tem, né? É isso aí.

O sr pesca há muitos anos, né?

Pesco, pesco há bastante tempo, eu.

O sr chegou a pegar um período melhor?

Bem melhor. Antes dessa ... desse invento todo que eles fizeram aí, né? Saco plástico, um monte de coisa aí, o que tá acabando com a pesca hoje em dia é esse negócio aí.

Agora, o sr sempre pescou na Baía?

Não. Nós pescamos também lá pra fora, lá pra Piratininga, Itacoatiara, Itaipu; já trabalhei com o pessoal de Juruja viajaando, nós íamos pra Maricá, nós íamos pra Saquarema, ficava uma semana no mar, pescando.

Aqui na área da colônia, a pescaria não acontecia muito?

É... como assim, de pescado?

É.

Não... o pescado até aqui já foi bem melhor ... bem melhor. E outra coisa também que eu acho, que muita gente não gosta, mas eu vou falar a verdade. O arrasto de camarão acaba também muito, muito com a pescaria, que mata ... mata ... destrói com a criação toda, futuramente vai ter o quê?

Mas esse arrasto é feito aonde?

Baía de Guanabara. E isso acaba muito com a pescaria também. Porque [...] a rede ... é uma rede larga, a malha dela é grande, né. Quer dizer, a criação passa por dentro da malha e vai embora, só pega o peixe próprio pro abate, o peixe já criado,entendendo?

E a sua vida aqui na colônia? O que o sr acha de viver aqui?

Ah ... um lugar ótimo de se viver, muito bom ... muito bom. Aqui não tem negócio de ... negócio de bandidagem, não tem essas coisas ... mas graças a esse quartel da Marinha que é aqui na nossa frente, que o pessoal respeita e também temos o batalhão da PM aqui, né, que a colônia toda é cercadinha. Porque, se um dia esse quartel sair daí, eu acho que vai piorar pra gente.

O sr acha que tem piorado ao longo do tempo, ou tem melhorado a vida aqui?

Aqui? Aqui é boa. Aqui é bom de se viver ... aqui é bom... aqui é bom.

Tão bom quanto antes, sempre foi bom?

Sempre foi bom isso aqui, sempre. Aqui sempre foi ótimo de se viver, aqui. Aqui dorme de janela aberta, porta aberta, deixa a casa à vontade, ninguém mexe em nada, tá entendendo? Não vê que aí fora todo mundo tá querendo comprar casa na colônia! Por causa de quê? Por causa disso, aí fora tá brabo pra caramba. E aqui, não, aqui ... mas graças ao quartel da Marinha, né, o batalhão da PM que é aqui nos fundos, por isso que ninguém vem fazer graça aqui, que não vai se dar bem, né? Por isso nossa vida aqui é boa.

É boa, né?

É boa, é boa. Todo mundo quer comprar casa aqui por causa disso.

O sr mora aqui há quanto tempo?

Nasci e me criei aqui. Todo mundo aqui é... minha família todinha ... é todo mundo daqui... da colônia, da Ilha do Governador, da colônia.

A colônia começou aqui porque? Por que esse lugar aqui foi escolhido para começar a colônia? O sr sabe?

Olha, eu vou, mais ou menos, o que eu vejo falar aí, foi o seguinte: aqui, nossa colônia ... essa colônia, era a Colônia Z-1 de pescadores, né? Segundo Zé Luís, segundo os mais velhos, aí, tá entendendo, porque foi o Almirante Gomes Pereira, que chegou aqui e encontrou pescadores, e aí fundou a colônia de pesca :Z-1. Hoje em dia ... aí, hoje ... hoje tiraram Z-1, né, e botaram Z-10. Mas aqui sempre foi a primeira colônia, Colônia Z-1 de pescadores, agora é Z-10.

E o sr sabe porque será que os pescadores viviam exatamente aqui? Havia outras colônias na Ilha?

Não, essa aqui, acho que foi a primeira. Depois que foi sendo fundado outras colônias: tem uma em Ramos, que é Z11, tem Caju, Z-5, tem Z-8 em Niterói, né, tem ... em Suruí, que eu não sei o nome ... em Copacabana tem também, tá entendendo? Tem muitas colônia, muita mesmo.

E o manguezal?

Olha, o manguezal ... isso aí, se não fosse o Zé Luís a tratar desse manguezal, não existia mais nada. O Zé Luís é que deu a força total, aí, junto com os outros órgão, FEEMA, IBAMA, Ministério da Agricultura ... isso tudo é que ... entendeu? Porque isso aí já não era pra existir mais mangue nenhum. O Zé Luís que replantou tudo ... que uma vez

teve um incêndio, acabou com o manguezal, ficou sem manguezal nenhum. Aí o Zé Luís foi fazer um trabalho junto com o pessoal do ...negócio do Mundo... da Lama, né Jane?

Mundo da Lama?

É, Mundo da Lama ... e foi indo, foram replantando, foram fazendo, aí já tá bonitinho, mas agora tá morrendo de novo, não sei porque. Mas isso aí já foi farto O rio Jequiá aí, nosso, de primeiro, quando eu era pequeno, não tinha poluição nenhuma, e aí, dentro do rio dava camarão, marisco ... tudo. Nós jogávamos pelada aí na coroa, que não tinha lamaçal nenhum ... era areia, igual à praia do Zumbi, ali; areia bonitinha, legal, não tinha poluição nenhuma na época. Dava sururu, no manguezal, nós pescava de caniço, ali, matava cocoroca, tinha camarão, tinha tudo. Hoje em dia, veio a poluição, tá acabando com tudo.

Por isso foi que eu perguntei se os pescadores, no início, não se intalaram aqui porque viviam da pesca daqui mesmo? Ou sempre foram pescar lá pra fora?

Não, os pescadores, antigamente, quando esse rio tinha vida bastante, viviam daqui mesmo, do próprio rio, da própria Baía de Guanabara, que esse rio faz parte de Baía de Guanabara ... manguezal ... tudo, né?

(Dona Jane) Seu pai também ia pescar lá fora.

Meu pai também ia pescar lá fora, com a canoa dele ... ia, pescava. E muita gente vivia daqui, que aqui tinha marisco, camarão ... eu mesmo, eu mesmo, aqui, dentro desse rio apanhei muito marisco pra vender pro seu Aragutti (?), que esse marisco ía pra São Paulo, entendeu? Esse rio já foi ... já teve vida boa.

Quanto tempo tem isso, mais ou menos? 30 anos?

Ah, mais ou menos isso, ou mais. Esse rio daí já foi bom: dava tarioba (?), marisco de dedo, marisquinho ... ali fora dava mexilhão à vontade, tá entendendo? Já teve

vida boa esse rio aí. Nós já vivemos dele. Agora ... hoje em dia, acabou tudo, muita poluição, produto químico, essas coisa toda, negócio de iodo, tudo isso vai acabando com tudo, entendeu?

E é o Zé Luís que encabeça esse movimento?

Não, o Zé Luís ... se ainda tem vida, isso aí, alguma vida, mas eu acho que, lentamente, acho que tá voltando, que ainda entra tainha pra cá ... se o pescado entra é porque tem vida, né? Eles vêm desovar no manguezal, o berçário, né, dos peixe, né? Então...

(D. Jane, mostrando a foto de uma canoa): essa canoa aqui, ela ainda existe; até hoje ... tem a idade dele. Tem 52 anos, o pai dele comprou e criou eles todo com essa canoa.

Eu te mostro ela... ela tá lá no ... rancho lá.

A sra quer falar um pouco? Pode falar aqui.

Eu não!

A sra também mora aqui há muito tempo?

Eu moro com ele há 25 anos. Eu pesco com ele, sou documentada pelo Ministério da Agricultura, pago à minha colônia. É ... essa casa aqui ... essa casa nossa aqui, nós fizemos com ... com a pescaria. Com o dinheiro de pescaria. A gente ia, hoje, montava a rede, que ... o pescador deixava pra apanhar o peixe de um dia pro outro. Ia na ponte Rio-Niterói, deixava a rede, vinha embora, no outro dia apanhava a rede, pagava o pedreiro e comprava o material pra fazer a casa. Pagamos o pedreiro todo dia com dinheiro de pescaria.

E hoje em dia, a sra teria conseguido fazer isso?

Não, não faz mesmo. Por que a pesca está tão ruim, que eu tô fazendo quentinha pra poder sobreviver, que a gente vive de pescaria. Nós dois vivemos de pescaria.

E complementa com essas coisas?

Aí, eu complemento: faço um biscouí (enfeites feitos a partir de uma massinha, para enfeitar tampas de vidros e potes), eu faço aula, eu faço comida pra fora.

E a sra vende quentinha pra onde?

Aqui prá dentro mesmo. Tem obras, aí, eu pego obra aqui dentro e vendo pros trabalhadores. Tô fazendo a minha sobrevivência com isso.

Após termos saído de sua casa estarmos nos dirigindo ao manguezal à procura do pessoal do Projeto Mutirão:

Antigamente essa lama toda aqui ... antigamente não tinha lama nenhuma, era tudo areia, era tudo ... coisa ... não tinha poluição nenhuma, nós brincávamos aqui, jogávamos bola, tudo ... tinha () rosa ... dava camarão, siri ... hoje em dia não tem mais nada, porque? Porque tá tudo poluído aí. É as companhias jogando produto químico, um monte de coisa aí, foi só poluindo, poluindo, agora tá desse jeito que tá, tá vendo? Aquela parte de mangue de lá já tá até morrendo, tá vendo? Tá seco.

Aquela que tá com galho seco ali?

Tá morrendo devido ter muita poluição, que antigamente era tudo verdinho, assim que nem aquele. Quer dizer, de lá, vai passando pra esse verde de cá, vai acabando com tudo ... isso tudo é poluição que faz isso, né? Vamo vê se melhora.

Entrevista nº 6 : Sr. Maurício Nascimento Vale, 35 anos, trabalha no Projeto Mutirão, da prefeitura.

Maurício, fala um pouco do seu trabalho, do que você tá fazendo...

É ... nosso trabalho aqui é de ... que ... é ... cuidar do mangue, tirar a sujeira do mangue, né, preservar o meio ambiente, que isso aí é meio ambiente também, e ... a gente trabalha através da ... da prefeitura, entendeu? É a prefeitura que tá atrás da gente é.

O que está escrito na camiseta de vocês?

É, Mutirão e Florestamento. É o nome do projeto da prefeitura.

Não tem nada a ver com o Zé Luís, nem com o Mundo da Lama

Não, não, não; é com a prefeitura.

E como é que você conseguiu entrar nesse projeto? Você quis ou foi a prefeit ...

Não, aí não; foi através de pessoas que moram ... foi através de ... de... pessoas que moram ... que trabalham ...foi pelo presidente da associação, né, que me indicou prá esse serviço ... pelo presidente ... fui indicado por ele.

O trabalho de vocês é limpar o manguezal?

É limpar o manguezal. E plantar também, quando tem muda pra plantar, né? Entendeu?

O que é que tem aí pra você limpar?

É... tem garrafa de refrigerante, como você pode ver ali, tem saco plástico, tem pedaço de galho, alguma coisa assim ...

E de onde vem isso?

Vem da correnteza, da maré quando enche. Conforme a maré enche, traz. Traz muito tipo de sujeira: traz sofá velho, traz gargalo de garrafa, pedaço de alumínio, qualquer coisa.

Vem da baía?

Vem da Baía de Guanabara.

E quantos trabalham nesse projeto?

No nosso são ... 8 servente e um encarregado.

Todos da colônia?

Todos da colônia, todos da colônia.

E porque você entrou nesse projeto? Você quis?

Não, tava desempregado, no momento tava desempregado.

Você trabalhava em quê antes?

Eu trabalhava em biscate.

Você é nascido aqui na colônia?

Não, não sou cria daqui não. Eu moro aqui com a minha esposa tem uns 9,
10anos.

E a sua esposa é daqui?

Minha esposa é. Ela é cria daqui. Foi até ele que arrumou pra mim esse trabalho.

Você acha que depois, num outro momento, eu posso conversar com ela?

Não agora, num outro dia qualquer?

Pode, pode sim. É marcar o dia, eu falo com ela...

E você tá achando que esse seu trabalho aí tá rendendo bons resultados?

Tá, tá, tá rendendo sim. Tá dando bom resultado, sim. Só não dá carteira
assinada, né.

Não, eu digo assim, o trabalho mesmo, pro meio ambiente.

Ah, pro trabalho? Tá sim, tá sim, tá rendendo.

Você acha que tá melhorando?

Tá melhorando.

E todo lixo que tem aí, vem de fora?

Vem de fora. Às vezes a gente encontra ... assim ... lá na ... porque aqui são ... aqui é o cais de pneu, né, aí, tem casa que tem saída pro lado de fora do cais de pneu, na direção do mangue. Aí, às vezes, a gente encontra lixo também, né? Encontra entulho, né? Encontra alguma coisa assim de ... pedaço de galho de árvore, às vezes até lixo das casa mesmo que o pessoal bota.

O pessoal bota? Porque você acha que o pessoal bota lixo ali?

Ah, não sei. Não sei porque aí tem o serviço de COMLURB ali, de tudo, né?

Não havia necessidade?

Não há necessidade disso, não.

E o que é esse cais de pneus aí, pra que ele foi feito?

Ah, o cais de pneu, eu não sei responder à sra, não. Não sei não, porque tem o ... o .. eu trabalhava com um outro grupo lá do lado de lá, né, no barro.

Mas quem fez foi o seu grupo, foi um ...

Não, não, isso aí já tinha muito antes de eu trabalhar no mangue, já tinha isso aí, já. O cais de pneu já tinha, já.

Ao longo da caminhada pela beira do mangue, para ver o local onde o grupo ligado ao projeto estava trabalhando...

Como a sra pode ver, conforme a correnteza enche, a maré, aí traz essas garrafa aí, entendeu, esses plástico, entendeu? Muita sujeira.

É ... muita sujeira.

Conforme eu falei com a sra, isso aqui não tem como vir da correnteza, entendeu? No caso, é as casa que ...

Isso é móvel, né, um pedaço de móvel grande, que não é a correnteza que traz.

A gente vai e bota aqui, pra daqui vir um dia a COMLURB, pra poder botar fora.

E aquilo lá, é o quê, aquela rede lá de garrafas?

Aquilo lá é uma ... uma ... péra aí ... deixa eu lembrar o nome agora...é bóia. Bóia de contenção. Pra poder... quando a gente plantar muda pequena, se caso vim ..algum galho com a correnteza, né, pode ser de noite, de madrugada, aí, isso aí protege as muda ... pequenininha não ser trombada, não morrer, não arrancar as muda, né, quando a gente planta.

Entrevista nº 7: Sr Wilson, que trabalha no Projeto Mutirão.

Não ... mas que aqui, nossa () é só capinar, tirar entulho lá em cima () a gente tem que tirar também, pra poder ajudar a colônia, né? Que o pessoal daqui, joga muita imundíça, então, a gente tem que ... () dar uma ajuda pra ajudar o pessoal.

O pessoal da colônia suja o manguezal?

Suja, suja. Joga bolsa () pra cá, a gente é obrigado a limpar ...; Lá em cima, então, tem entulho, tem muito entulho lá em cima ... entulho ...

É resto de obra?

É resto de obra, e a gente tem que tirar aquilo tudo, né? Aquilo tudo ali é entulho, aquele pedaço de árvore, pegaram aquele pedaço de árvore e largaram ali, oh. E quem tem que tirar é a gente mesmo.

E o sr é da colônia?

Sou daqui mesmo.

Há muito tempo?

Eu nasci e criei aqui; eu tenho 70 de colônia.

Então fala um pouquinho da sua vida aqui.

Antigamente, isso tudo aqui era o cais de pneu ... era cais de pneu. Não tinha esse cais aqui, depois botaram.

Mas o que é o cais de pneu? Pra quê foi feito o cais de pneu?

Foi feito pra ... prá poder melhorar isso aqui um pouquinho. Pra melhorar o caminho, a estrada.

Quanto tempo tem isso aqui?

Ah, isso tem já... tem mais uns 10 anos, né? Uns 10 anos, mais ou menos.

Depois é que fizeram as casas?

É, fizeram as casa, aterraram e fizeram aí. Trabalhei também [...] ... com negócio de plantação do mangue aí dentro do mangue, caí na lama aí, trabalhei lá na Shell, [...] da Shell lá em cima [...] não ouviu falar, não?

Oi?

Na Shell.

Que é que tem?

O projeto lá da estufa, da Shell; Zé Luís também [...]. Agora acabou [...]. Trabalhei lá em cima. A gente plantava aqui ... isso aqui tinha um campo ali, lá na frente tinha outro campo ...

Campo de quê?

Ué, campo de futebol, ué!

Ah, é?

É, porque não tinha ... tudo era areia! Era areia, aí dentro mesmo, no rio. Tinha campo porque tudo ali era areia. Aí, depois é que começou a juntar lama aí que não [...] ...

lamaceira, e encheu isso tudo aí. A sra vai lá pra cima, antigamente, dava camarão aqui no rio, camarão [...] até aqui (apontou para a parte do meio da canela) só, a lama. Agora, não; agora [...] até aqui (apontou para a altura da cintura) na gente; pra poder tirar, tem que puxar um pé e ficar outro! Se tiver de bota, então, piorou ... de bota! Mas é.... naquele tempo , né? Antigamente dava (um pouquinho de [?]) camarão aqui, camarão ali, tal, [...] uma rede miudinha; pegava camarão à pampa!

O sr era pescador?

Sou ... sou pescador.

O sr é pescador aposentado?

Não, aposentado, por enquanto, não tô não.

Mas o sr trabalha ainda na pesca?

Trabalho ... não, às vezes ... às vezes é que eu vou pescar... às vezes, com meu caiquinho, eu tenho um caiquinho, sabe como é que é?

Ah!

Tenho um caiquinho, pra poder matar uns peixe pra comer, pra defender ... às vezes sábado e domingo. Dia de semana tô trabalhando, dia de semana não dá, né? É isso mesmo, a gente fica só nessa vidinha aí, nhen, nhen nhen, ficar só de pescaria, não dá não! [...] dá dinheiro, com traineira, lá no Boqueirão. [...] prá ganhar dinheiro, mas depois o dono do barco morreu, aí acabou a pescaria nossa lá do ... da Marinha, lá ... o Boqueirão.

E a sua vida aqui na colônia?

A vida aqui, é boa, né?

O sr gosta daqui?

Eu gosto. Nascido e criado aqui! Isso aqui, prá viver é uma beleza! Isso aqui é uma maravilha! [...] negócio de morro, aqui não tem bagunça, não tem nada. Aqui, se tiver

bagunça, a Marinha ... a polícia vem e caba com a bagunça aqui, que isso aqui não é favela. Me nasci e criei aqui; tô com 70 de colônia. Tudo isso aqui era mangue, brejo.

Isso tudo?

Pó, tudo isso aqui era brejo, não tinha essas casa, isso tudo era brejo, tudo brejo! Ali onde é a prefeitura ali, o campo ali, tinha um varal, um varal comprido, botava rede () traineira ... lá, naquela outra lá, tinha outro, tinha traineira ... depois foi cabando, foi cabando, aí foi morrendo os dono das traineira ... um que ainda tá ainda mais vivo sou eu e mais uns dois só, uns três ... o resto ...

Seu Dionides, né?

É, Dionides é do meu tempo ainda, Dionides é do meu tempo, Dionides.

Entrevista nº 8: Seu Walter, morador da comunidade há cerca de 20 anos.

Não, eu tô trabalhando aqui porque eu não tenho onde arrumar outro serviço, então eu vim pra aqui ... eu tô aqui. Eu tava pescando também. Aí, fracassou a pescaria, aí eu continuei a ... a trabalhar em terra, né?

Fracassou porque?

É ... uma semana dava peixe, outra semana não dava, aí não dava pra me sustentar.

O sr pescava onde? Na baía?

É, na baía.

E não dava peixe, é?

Tinha dias que não dava nada. É conforme eles aí, a mesma coisa. A gente pesca, tem uma semana de dar, por causa da maré, né, maré morta ...

O que é maré morta?

Tem uma semana de maré morta, que ela quase não corre e tem a de carreira, corre muito ... é de lua, lua cheia.

Ah ... e quando ela corre traz peixe?

Não, a que traz peixe mais pra mim é a ... de rede, é a maré morta.

Ah é?

Ë. Agora, pra maré viva, é bom pra caniço (tosse) que o peixe anda, aí ...

E como o sr vê esse seu trabalho aqui? Há quanto tempo o sr trabalha nesse projeto?

Há 3 anos.

Esse projeto é antigo assim?

É, vai fazer 3 anos. Vai fazer 3 anos em janeiro agora.

E o sr acha bom esse trabalho?

Eu não acho ruim, não.

Ë todo dia?

É todo dia. De segunda a sexta, sábado e domingo ...

Entrevistas nº9 e nº10: Dna Elenira e Dna Eunice, de 47 e 74 anos, respectivamente, mãe e filha.

Bom, pra mim, a colônia não mudou nada, né, nada, porque...lugar melhor pra gente se ... morar aqui é a colônia.

Porque?

Eu acho, porque não tem esse negócio de bagunça, não tem essas farra de ninguém de fora aqui dentro, aí a gente pode ... a pessoa tem uma brincadeira aí, brinca à vontade, não tem preocupação de nada ... é isso. E eu sou antiga, muito antiga da colônia, fui nascida e criada aqui dentro e ... e tá tudo igual, tudo igual.

Não houve melhora nem piora?

Não, a mesma coisa.

Eu não acho, não. Aumentou muito a população, a colônia cresceu demais, a gente não tem mais aquela liberdade que antigamente a gente tinha, nossos filho não tem tanta liberdade assim, entendeu? Eu acho que mudou muito, mudou muito sim, mudou. Vem muita gente de fora aqui pra dentro. Antes era só da Marinha, tá? E agora, parece que a Marinha, agora, é ... passou pra prefeitura. Não existia casa de dois andares na colônia; agora existe até de quatro, de três. Então, quer dizer, isso mudou.

Quer dizer, em cada andar mora uma família, é isso?

Eu acredito que sim, entendeu? Mudou muito, aqui mudou muito.

Pra pior?

Eu acho que foi pra pior. Porque a população... não... a população ...

(mãe) Cresceu mais, né?

Antigamente, a gente conhecia desde a primeira pessoa da ponte até a última pessoa da colônia. Hoje, você não sabe ... você passa por eles, não sabe nem quem é. As própria criança fala: - tia, quem é aquele ali? Não mora na colônia!

As própria criança aqui, que tão crescendo aqui, que nasceu aqui, nosso, já não conhece mais o vizinho!

(mãe) Porque antigamente era só morador da colônia, era só pescador; agora não. Tinha que ter permissão da Marinha, agora não tem mais ...

(filha) [...] de qualquer maneira, quando a pessoa acorda ... acorda com um morador, já tem outro. Dorme com um, acorda com outro. Então, quer dizer, não mudou? Mudou.

E a família de vocês é de origem ligada à pesca?

É.

Quem era pescador?

Meu pai é pescador, meu irmão ...

Ele está vivo ainda?

Meu pai tá, tá. Hoje, ele tá aposentado porque ele passou mal, justamente dentro de um barquinho.

(mãe) No mar ...

(filha) No mar. Mas meu irmão, hoje, ainda tá na ativa ... de pesca; meu irmão vive da pesca.

(mãe) Meu filho trabalha, mas [...] de domingo ele só tira (um outro filho que eu tenho) pra pescar, né, que a família é da pesca.

(filha) Oh, meu tio é pescador, meu avô era pescador, meu cunhado hoje é pescador, todo mundo da nossa família é pescador.

Morando na colônia?

Morando na colônia.

Entendeu? Agora, os menino de hoje já não é mais a mesma ... já não quer saber de pesca, né?

Porque será?

Ah, não sei. Porque ... muito pouco. Oh, antigamente, quando a gente era criança, meu pai ia pescar, vinha com 1 quilo de peixe pra sustentar cinco! E nunca

passamo fome! Entende? Ele vinha, do jeito que ele ia cantando, ele voltava cantando; desse o peixe que desse. Agora, hoje, meu irmão, coitado, já tem mais dificuldade. Porque vai pescar, já quase não tem peixe, entendeu?

Porque quase não tem peixe?

Eu acho que é porque ... a poluição! Isso aqui tudo tá poluído! Antigamente, a moça que morava aqui antes dessa, falava que pescava aqui, ó, ela ficava aqui na praia pegando caranguejo, pegando tudo aqui, é ... marisco ... Hoje você não pode nem entrar nessa água, que essa água tá toda contaminada.

(mãe) Camarão, meu marido apanhou muito camarão aqui dentro, né, que ele vendia camarão vivo também. Ele pescava e vendia.

(filha) Agora pra você pescar e ter um trocadinho, você tem que sair, e mesmo assim, quando vem, vem com muito pouco. Não vale a pena. Emprego lá fora tá difícil, então tem que apelar pra cá mesmo.

(mãe) Meu marido pescando com meu filho, deu “neurisma” no barco. Tanto que ele é aposentado, teve que parar.

(filha) Mas a vida inteira não vivemo da pesca.

Seu esposo também?

Não, meu esposo já não, que ele já não é daqui. Mas meu filho adora uma pescaria, nunca vi, parece que tá no sangue, né, adora ... se ele pudesse, ele tava todo dia no mar.

Mas ele pesca pra ganhar dinheiro ou pra lazer?

Quem?

Seu filho.

Meu filho, é lazer. Agora, meu irmão é pra viver, depende da pesca ... até hoje. Meu tio até ... deve tá passando por aí ... com um carrinho, ele vende peixe. Meu tio também ... vive da pesca, entendeu? A família da minha mãe, em si, quase toda ela dependendo da pesca.

(mãe) Meu filho tá mais de um mês indo pro mar sem matar peixe!

(filha) Mas ele tem que ir, né?

(mãe) Tem que ir ... tem que sobreviver ...

Porque? O barco é dele?

O barco é dele. Ele vive disso.

Mas se não tá matando peixe, como é que faz pra sobreviver?

Ah, a mulher dele trabalha, faz um biscatinho aqui, outro biscatinho ali ... Mas ele mesmo, do meu irmão todo, o único que depende da pesca pra viver é ele ... é ele.

Entrevistas nº 11 e nº 12: Seu Geraldo, 53 anos, e Seu Pedro, 57 anos ambos nascidos e criados na colônia. Estavam à beira do mangue, com um deles limpando uma rede, isto é, retirando dela restos de pesca.

A pescaria pra mim é o seguinte: ela é ... um complemento de renda ... e um hobby também. Eu não vivo diretamente da pescaria; eu tenho ... eu tenho outro meio de sobrevivência, porque se fosse sobreviver mesmo só da pescaria, hoje em dia, eu ... certamente que eu estaria roubado, porque a pescaria tá muito fraca, isso aqui tá muito poluído ... já foi tempo que se viveu da pescaria aqui ... com decência e dignidade ... já foi tempo. Hoje em dia, não; hoje em dia, realmente, tá difícil, a pescaria não tá boa, entendeu, a qualidade de ... de ... de peixe aqui tá escassa, aqui tinha muito marisco ... essa área aqui

... essa área aqui ... isso aqui era só areia,ó! Hoje em dia só tem lama, quer dizer, enfim ... enfim, pra quem vive diretamente da pescaria não tá bom não. Não tá bom não, hoje em dia, não.

E o sr acha que tem alguma possibilidade disso mudar?

Depende, né, pode mudar se .. se ... com a consciência ...do ...do .. das pessoas, entendeu? Por exemplo: isso aqui pode melhorar como? Como é que pode melhorar isso aqui? O pessoal evitar de jogar ... no caso ... é ... jogar ... saco plástico, essas garrafa pet, é ... jogar entulho, quer dizer, lixo é ... no mar, porque o lixo, realmente, ele impede que ... ele polui e impede que os animais marinho, que no caso que aqui é ... era local de reprodução , venha aqui se reproduzir. E outra coisa: e conscientizar os cara pra não jogar ... pra não jogar esse tipo de ... de ... troço aí no rio, que polui, entendeu?

Mas quem são as pessoas de quem o sr tá falando, as da colônia ou de fora?

As pessoa aqui da colônia, não; o pessoal de um modo geral. Pessoal que não tem consciência do ... do ... do dano que faz um saco plástico, do tempo que leva um saco plástico aí pra ... pra se dissolver, tá entendendo? Então, o pessoal se conscientizar aí, não jogar esse tipo de lixo ... esse tipo de lixo no mar, porque isso aí, porque realmente destrói a natureza. Destrói a natureza e polui mesmo o ... o ... o rio. E outra coisa: e pra melhorar isso aí, isso aí precisava de uma dragagem, né? Isso aí precisava de uma dragagem, mas aí ... lá em cima tão fazendo ... lá em cima tão fazendo um trabalho lá de recuperação ambiental. Agora, isso aí era preciso que tivesse uma dragagem pra poder limpar isso aí, pra poder voltar ... pra poder voltar a dar peixe aqui dentro como dava antigamente, né?

E a sua vida aqui na colônia, o que o sr pensa de viver aqui?

Eu adoro isso aqui. Isso aqui é minha paixão, o lugar mais tranqüilo do mundo. Gosto muito disso aqui, meus filhos são daqui, meus neto, meus sobrinho, e eu sou

apaixonado por isso aqui. Eu só saio daqui num caixão e, assim mesmo, aborrecido. É isso aí, eu adoro a colônia. Não tem lugar no mundo melhor de se viver do que aqui, não.

Seu Pedro: tudo o que ele falou é o que eu ia falar, o que é daqui, que eu sou daqui também.

O sr é daqui também?

Nascido e criado.

É pescador também?

Não , não, às vezes, às vezes que eu pesco. Não, aquilo tudo que ele falou, é que eu ia falar.

O sr completou com uma coisa ... do esgoto.

Não, falei do esgoto. O que matou esse rio aqui, foi o esgoto, que antigamente, aqui ... aqui, a gente sobrevivia disso aqui; marisco, camarão, né, Geraldo?

É.

Peixe ... peixe, agente pegava muito peixe, enchia balde de peixe aqui dentro. Isso aqui era ... a gente tomava banho de praia aqui, jogava bola al, ó , quer dizer, não tinha lama, era areia, tá entendendo? Isso aqui era rico, isso aqui. Mas a poluição ... aquela boca de esgoto que vem da Panamericana pra cá ...

Seu Geraldo: camarão, aqui dava muito camarão aqui dentro!!!

Seu Pedro: camarão, esses camarão cinza dava que eu enchia era balde aqui dentro de noitinha, arrastando aí ... Isso aqui era rico ... era rico. A gente pegava muito marisco aqui, tanto pra comer, como pra vender pra São Paulo. O caminhão, de tarde, levava sacas de ... pra São Paulo... pro mercado de São Paulo ... marisco daqui.

Quanto tempo tem isso?

Ah, mais de 30 anos, né, quando tinha marisco aqui, né? Mais de 30, 40 anos. Bota redondo: 40 anos atrás. Foi piorando ... piorando, que não entra mais peixe aqui dentro. Então eles tinha que desviar esse esgoto, dar um jeito aí, e ... dragar também isso aqui, pra tirar essa lama podre daí, aí o peixe vai entrar aqui pra desovar e o pessoal vai pescar aqui dentro.

E porque é que não fazem isso? A prefeitura não está aqui dentro trabalhando?

Seu Geraldo: a prefeitura não tem nada com isso não. A prefeitura é quem mais tem nos ajudado aqui. Eu digo, aqui, é quem mais tem nos ajudado é a prefeitura. Inclusive ... inclusive a prefeitura é que se preocupou muito em fazer certos tipo de trabalho aqui, que até pouco tempo aqui era abandonado...isso aqui era abando nado. Mesma coisa esses candidato aí. Esse tal de Seu Conde aí, que é candidato aí à prefeito aí, ele mesmo ... ele mesmo antes da ... da eleição, ele botou um bocado de paralelepípedo aqui; a eleição acabou, ele mandou retirar tudo.

Mas quem é que vai dragar o rio, se não for a prefeitura?

Olha, rapaz, eu acho que isso aí é trabalho de um todo. Isso aí é trabalho de prefeitura, de estado, do governo federal. Isso aí, isso aí é um problema nacional. Isso aí não é um problema municipal, isso é um problema nacional, pô! Isso aí, todo mundo tem que se preocupar com isso. Não é só prefeitura; é prefeitura, estado, o...o... a União ... é todo mundo. Eu acho que isso aí ... e o povo também, né? E o povo também; o povo tem que aprender a ser mais educado, tem que se educar. Tem que ensinar a esse povo aí, que não pode jogar lixo no mar, que não pode jogar coco no mar. Pó, o que mais tem aqui é esgoto clandestino direto pro rio. Na colônia mesmo tem um montão aí, tem um montão que

chegou aqui e não se resolveu isso até hoje. Quer dizer, não se resolveu e vai se resolver quando? Então, é aquele negócio, nós temos que lutar, né?

Seu Pedro: Não, sabe o que é, o que matou também o rio, conforme a gente tava conversando? Antigamente, não tinha muito laboratório ... não tinha na Ilha essas coisa, então algum resíduo vem, desce no esgoto ... tanto o resíduo da companhia de ônibus que tem ali ... duas companhias de ônibus; sempre desce alguma coisa ... pro rio. Ainda mais quando dá aquela chuvada de temporal, acaba com isso aqui. Foi o que matou esse rio foi isso aí. Até os pássaro aí, ó, a sra vê, agente ia lá pra dentro do mangue, a gente era garoto, ninhos e mais ninhos, não era Geraldo? Um do lado do outro ... os bichinhos fazia ninho ... a gente já não vê mais isso! O mangue tá morrendo!

S. Geraldo: sabe como é que ... que esses pássaro aqui tão se alimentando? É que aqui na frente de casa eu limpo o peixe aqui ... eu vendo peixe ali. Eu limpo o peixe, aí as tripa, é ... é... que alimenta esses pássaro aí ... as tripa do peixe é o que eles comem ... pra sra vê. Antigamente, não precisava nada disso; antigamente tinha muito peixe aqui, e eles se alimentavam por conta própria. Agora, não ; agora eles dependem da gente pra viver.

Então o manguezal é importante pra esses animais?

O manguezal é representa muita coisa, porque o manguezal é fundamental ... pra colônia. O manguezal é fundamental. Porque o manguezal é fundamental? Porque o manguezal ... ele é um berço de procriação, tá entendendo? Os peixe escolhe o manguezal pra ... pra procriar. Agora ... são manguezais limpos; porque manguezal, não tem que dizer que porque é manguezal que tem que ser cravado em cima da lama poluída. O mangue não vai nascer nunca em cima de uma poluição; mas não vai pegar mesmo. Agora é aquele negócio, você vê que pra outras partes aí ... do mundo, você vê na Costa Rica que tem manguezais e você vê águas claras, porque até cação, até tubarão vão nos manguezais,

entendeu? Quer dizer, então aqui, o manguezal é fundamental; então seria fundamental que isso aqui fosse limpo, fosse limpo pra poder continuar sendo aquele berçário, né, que sempre foi, né? Porque aqui, aqui dentro, a gente matava ... a gente pegava peixe, aqui dentro, a gente pegava camarão, a gente pegava sururu, que era um marisco que dava no mangue, tá entendendo? Hoje em dia, hoje em dia nem cracas (?), nem cracas mais dá aqui dentro.

O que é craca?

Cracas é um tipo de ... de ... ostra, é um tipo de ostrazinha, que dá nos pés do mague, nas raízes do mangue, e que dá na ... no .. ó, é isso aqui ó (apontando para um dos pés do cais sobre o qual nós estávamos). Isso aqui é uma craca, tá vendo? Entendeu, hoje em dia nem isso dá; porque que não dá? Por causa da poluição. E quem resolve esse problema da poluição? Primeiro: quem tem que resolver o problema da poluição ... tem que ser o ... o ... o próprio povo que tem que conscientizar, né, e parar de ficar jogando bagulho no ... no .. no rio. E essas companhias aí, essas companhias aí, de ônibus, esses posto de gasolina, parar de ficar jogando óleo, resto de óleo queimado na p. do rio, que isso aí acaba com tudo!

Seu Pedro: O dia que a sra puder, no verão, dá um pulinho aqui com a maré baixa .. a gente fala maré seca, né. Isso aqui é podre, a gente não agüenta o mal cheiro que dá isso aqui. Aquela alma podre, tá entendendo? Antigamente não tinha isso aqui, né Geraldo? É podre, é podre, desculpa a expressão. A sra vem um dia aqui no verão pra sra vê com a maré baixa, e aí a sra vai ver a verdade.

Entrevista nº 13: Carlos Alberto, encarregado do Projeto Mutirão e Reflorestamento.

Bem, meu nome é Carlos Alberto, mas dentro da comunidade eu sou conhecido como Trick. É ... 44 anos e ... moro na comunidade há ... 15 anos. Vim de fora da comunidade, casei com uma pessoa daqui de dentro e vim morar aqui. É ... em relação ao manguezal, é ... tô envolvido no manguezal já tem uns 10 anos. Mas só agora, a partir até de hoje, que eu tô começando a desenvolver um trabalho é ... junto com a prefeitura do estado do Rio, de reflorestamento , de limpeza do mangue.

Então você tá envolvido com o mangue há 10 anos, de que forma?

É ... é que eu faço parte de uma ONG, que é os Amigos do Jequiá Mas é ... com a prefeitura, eu mesmo nunca me envolvi, mas agora tá surgindo esse trabalho aqui dentro da comunidade, e ... através da Associação de Moradores junto com a ... junto com a prefeitura, me indicaram pra trabalhar como encarregado no projeto, né? Em relação à recuperação do mangue, é ... tem muita coisa pra fazer aqui dentro, né?

Deixa eu entender uma coisa. Você trabalhava nos Amigos do manguezal ...

É, eu faço parte da ONG.

E essa ONG atuava aqui fazendo o quê?

A ONG é daqui de dentro.

É aquela que é presidida pelo Zé Luís.

Isso, essa mesmo.

Tá. E essa ONG trabalha na recuperação do manguezal ou faz outro tipo de atividade?

É .. outra atividade também, dando aulas de educação ambiental, nas escolas, com certeza...

Que escolas?

Públicas, fora da colônia. Cansou de dar projetos na Escola Cuba, de dar aula em escola particulares também. É só que ... isso era uma coisa mais particular, sem envolvimento com nenhum órgão público.

É, ONG não tem ligação com órgão público.

É. Não tem. Então, agora tá até parado um pouco porque deve ter aula de educação ambiental aqui no prédio da prefeitura. Talvez seja até o próprio Zé Luís, junto com outro rapaz que deve dar aula, através ...

Pra quem, pra moradores daqui?

Não. Pra colégio, pra criança de colégio, mesmo, que isso aqui é um centro de visitação, entendeu? É ... vai ter ... vai ter convite mandado pras escola pras crianças vir dentro da colônia, visitar o mangue da colônia. Só que pra isso tá começando a ser feito, tá continuando um trabalho que já vem sendo feito de limpeza, porque a gente não pode levar criança lá pra dentro do mangue, do jeito que o mangue tá, entendeu? Tem muito lixo pra ser tirado, tem muita coisa, tá até perigoso de andar , né?

De onde vem esse lixo?

Olha, esse lixo, quando ele não é jogado pelo próprio morador da colônia, ele vem ... muito lixo ... ou da baía de Guanabara, entrando pela maré, ou então ele vem lá de onde o rio Jequiá começa, lá do Guarabu, entendeu?

Quer dizer que o pessoal da colônia joga lixo no mangue?

É. É um trabalho que eu, agora, como morador da comunidade, eu vou tentar fazer com que as pessoas não joguem. Quando tiver problema de jogar lixo, em vez de jogar

o lixo, comunica a gente, pra poder a gente entrar em contato com a Comlurb, pra poder tirar esse lixo grande que eles jogam ... esse aterro que eles jogam dentro do mangue.

O tipo de lixo é aterro?

É, esse é, porque tem gente fazendo casa, derrubando casa e fazendo outra, e o que é que tá acontecendo? Tá ... tá jogando aquele aterro de ... de entulho dentro do mangue. Não pode, aí vai ... acaba mais ainda prejudicando a área de mangue, aterrando o mangue, que é uma área que não pode ser aterrada, entendeu?

E porque você acha que as pessoas fazem isso?

Ah, deve ser falta de informação.

Mas se a maioria das pessoas aqui é de pescadores, será que os pescadores...

Já foram ... já foram. Hoje em dia nem todo mundo é filho de pescador, entendeu?

Sua mulher é filha de pescador?

É, já falecido, já; mas tenho cunhado que é pescador, tal, mas, basicamente, o pessoal daqui não vive da pesca, entendeu? Tem a colônia de pescadores daqui, mas eu acho .. pelo que eu vejo no geral não vivem da pesca. Só algumas famílias ainda que vivem da pesca aqui dentro. Mas a comunidade inteira, ela em si, se você notar, nem todo mundo vive.

Quantas pessoas vivem aqui, mais ou menos?

Olha, essa precisão eu não sei te informar, não. Só se for na associação de Moradores, ela teria uma informação mais detalhada.

Agora, você vai trabalhar junto com a prefeitura?

Junto com a prefeitura, no reflorestamento. Eu tô entrando agora, o projeto já vem rolando, já. Eu é que tô entrando agora.

E você acha que é mais vantajoso trabalhar com a prefeitura, que vai ser melhor, que vai ter mais efeito do que com os Amigos do Jequiá?

Não, não, porque a ONG ... ela não se envolve com órgãos públicos, entendeu? E também não tem remuneração. Com a prefeitura tem remuneração.

E você trabalhava em que antes?

Ih, rapaz, eu já trabalhei em tanta coisa! Agora meu trabalho é esse, basicamente esse.

E o que você pensa desse seu trabalho, você acha importante, claro, porque você está envolvido nisso já há muito tempo.

Pô, com certeza. Eu acho que ... é ... a conscientização, eu acho que ela tinha que ser até ... seria os grandes político, o governo do estado, a prefeitura, até o governo federal fazer campanha, que não é só o mangue do Jequiá, acho que é mangue geral. Já rodei vários mangues aí, fiz um trabalho ... trabalhei com o pessoal da UFRJ, com os biólogo de lá, dentro da baía de Baía de Guanabara, a gente andando por aqui, tem o lixão de São Gonçalo, tem o lixão de Caxias ... é ... é ... esses aterro sanitário que o ... que tem em São Gonçalo, eles ficam perto da maré, entendeu, então tem muito lixo dali que vai direto pro ... pra maré. Quer dizer, o lixo não vai parar de entrar na Baía de Guanabara, enquanto não tomar uma providência com esses grande lixão, não fizer uma fábrica de recuperação, de reciclagem, entendeu, eu acho que o .. o ... tem que fazer um programa até federal pra conscientizar toda a população que o mangue é um berço de toda a fauna e a flora, entendeu?

Mas já não tem um projeto de despoluição da Baía de Guanabara?

É, eu já ouvi falar que tem isso, inclusive até ... pela televisão mesmo que eu vi ... que o Panamericano de 2007, teria que despoluir a Baía de Guanabara. Aí eu pergunto:

será que ainda vai ter tempo pra despoluir a Baía de Guanabara? Será? Pelo que eu vejo, pelo que eu vejo aí, tá muito pouco; eu vejo a prefeitura fazer um trabalho, mas não tá sendo um trabalho de despoluição; tá sendo um trabalho de limpeza. Eu acho que estudo pra despoluir, eu acho que é uma coisa mais aprofundada, né, porque é muito esgoto lançado dentro da Baía de Guanabara. E o lixo ... o lixo é fácil às vezes de tirar; e o esgoto? Como é que vai limpar esse esgoto aí, né, re-hidratar essa água aí toda que tá ... que tá poluída?

E a sua vida aqui na colônia, o que é que você acha?

Ah, é uma maravilha! Acho que não tem lugar no Rio de Janeiro melhor pra morar que aqui na colônia Z 10.

Porque?

É ... porque aqui a gente não tem criminalidade, entendeu, tem problemas de comunidade, mas ... é ... aqui todo mundo se conhece, entendeu, e ... a gente pode ficar até de madrugada com as portas abertas, que não tem problema, entendeu? É diferente daí fora, entendeu? Não é o que eu vejo aí fora, entendeu, eu conheço vários lugares aí fora, entendeu, sou andarilho, conheço vários lugares e até um lugar onde eu tava recentemente passeando, em Angra dos Reis, eu tenho amigos lá ... a violência já chegou em Angra dos Reis ...um lugar ... um paraíso ...

Porque você acha que na colônia não tem violência?

Eu acho que ... problema social, todo lugar tem. Agora ... a gente não deixa envolver criminalidade ... é ... tráfico de entorpecente aqui dentro.

Quem não deixa?

A própria comunidade não deixa, tá entendendo? Se você ... se hoje aprontar uma boca de fumo ali na esquina, de noite ela já acaba.

Como vocês acabam?

Denúncia, né ... denúncia, entendeu?

Depois do gravador já ter sido desligado, ele começou a falar do manguezal, e voltei a gravar.

Se as pessoas da comunidade soubessem o quanto o manguezal é importante pra vida ... é ... é ... não vida que a pessoa tem que tirar alguma coisa do mangue, não; vida, porque tá ao redor da gente ... de despoluição .. de ar puro, entendeu, de ... de poder voltar ao que tinha antigamente ... Hoje, as garças, graças a Deus, já voltaram; mas houve um bom tempo que não tinha garça mais aqui, entendeu? E ... a pessoa dar importância ao que realmente é o mangue, o que o mangue é de valor. Quer dizer, a pessoa não precisa se incomodar, ela teria que saber o que é importante; ela não precisa viver do mangue, entendeu? Se ela soubesse ... muita gente, com certeza eu acho isso ... ela muitas vezes faz um cano jogando um esgoto pra dentro do mangue, se ... tem que ter informação, entendeu? Que, por exemplo, ela quer tirar o esgoto da casa dela, mas ela sabe que de repente que se ela fizesse um comunicado pra CEDAE, pra prefeitura pra poder fazer uma outra ligação de ... de ... de esgoto, e ela sabendo quanto é importante ela não jogar esse esgoto dentro do mangue, aí ela ia ver quanto ... porque muita gente faz sem saber!

Houve um problema técnico, que provocou dificuldade na audição da fala durante alguns segundos; segue daqui:

(...) o mar e porque ninguém vai sair de casa prá poder ouvir [...] e eu acho que se a gente fizesse uma cartilha bem detalhada dando essas informações ... porque é aquele negócio, é ... o velho dentro de casa, o velho dentro de casa, ele não tá nem aí, mas ele tem os netos dele lá, né, eu acho que isso aí tem que ser conscientizado prá crianças, que elas vão ser o futuro de amanhã. Pra quem é velho eu acho até muito pouco importante, eles não

vão querer saber disso, mas através deles, de uma cartilha ensinar às crianças que tem dentro de casa, que são muitas até, a se preocupar com o futuro do manguezal entendeu?

Entrevistas n° 14 e n° 15: Sr.Clóvis, morador da colônia há 42 anos, 60 de idade e seu Jorge Xavier de 48 anos, nascido e criado na colônia.

Seu Clovis: O que eu tenho pra falar pra você é o seguinte, é o que esse rapaz tava falando comigo hoje: a colônia Z 10 ... eu tenho até medo de falar o que eu vou falar, entendeu? Dentro do Rio de Janeiro, ele falou do Brasil, eu já falo do Rio de Janeiro, não existe lugar melhor do que a colônia Z 10. Aqui dentro não existe marginalidade, não existe. Você pode entrar aqui a hora que você quiser, pode ser de noite, pode ser de dia, a hora que você quiser, você não vai ser assaltada, ninguém vai incomodar você; aqui dentro não existe tiroteio; o único lugar do Rio de Janeiro que a polícia entra aqui lendo jornal! Já pensou uma coisa dessa?

Porque o sr acha que é assim?

Eu acho, não. Todos acham assim.

Não, porque que é assim?

É ... porque eu acho o seguinte: porque aqui só tem uma entrada e uma saída, eu acho. Aqui tem a Estação Rádio da Marinha, aqui tem a Polícia Militar. Eu moro lá no final da rua, né, cheio de guarita lá atrás, entendeu? Aqui, de madrugada, se você não sabe, e muitos não sabem aqui, entra patrulha, né, patrulha de fuzileiro naval aqui dentro, armada, andando aqui dentro das ruas. Então, quem é que vai ... é ou não é?

O sr trabalha em quê? Na pesca?

Não, eu fui ... eu trabalhei no aeroporto 25 anos. Tô aposentado no aeroporto, fui gerente de operações lá dentro.

E o sr veio morar aqui porque?

1961; entrei pra Marinha em 62; eu era de marinha. Que aqui dentro, só tem a fama que isso aqui é a colônia Z 10 de pescadores. Mas 90 ... não, vamos botar 80% ... militares que mora aqui dentro. Todos nós sabemos a quantidade de policial que mora aqui dentro. Polícia Militar que anda fardada aqui dentro, que em lugar nenhum acontece, tá? Nós sabemos, eles moram aqui, moram ali, todo mundo respeita o policial aqui dentro. Não vou dizer que não existe o bandido aqui dentro, pode até existir, camuflado, que ninguém sabe. Quando a gente sabe, some daqui; não tem como! Vai fugir por onde? Por aqui, pela porta da Estação Rádio? Não pode.

Hoje pode não haver muitos pescadores, mas havia, né?

Havia, não. Ainda há. ainda há muitos pescadores aqui dentro. Agora ... não é como antigamente, né? Isso aqui, quando foi fundado, quando eu cheguei aqui, em 61, era 90% de pescadores, né? Hoje, é 90 de militares e 10 de pescador ...

Porque o sr acha que diminuíram os pescadores aqui?

Sinceramente eu não sei ... eu não sei!

A resposta vem de um homem que estava sentado do outro lado da mesa e que, até então, permanecera calado.

Porque acabou o peixe.

Porque acabou o peixe?

Por causa da poluição.

Como o seu nome?

Jorge Xavier.

É pescador?

Não, nunca fui.

Qual é a sua idade?

48.

Mora aqui desde que nasceu?

Nasci aqui. Filho de pescador. O pescador acabou aqui porque acabou a pesca. E aí, os filhos dos pescadores tradicionais quiseram partir pra uma outra ... oportunidade, porque a pesca ... simplesmente ... deteriorou. Hoje, quem vive de pesca aqui, vive mal. Coisa que antigamente, o pescador que tinha embarcação própria, era uma pessoa bem. Vivia bem, com certeza; se tivesse embarcação própria, viva bem.

Foi a poluição daqui da baía?

Da Baía de Guanabara, com certeza.

Mas as pessoas não saem da baía, não pescam fora?

Pescador artesanal, ele pesca aqui. Esse é o pescador que nós somos: pescador artesanal. O armador, que é o grande pescador, com grandes barcos, esse sai, vai procurar o peixe onde for. Não é o caso do pescador de colônia. Pescador de colônia é o pescador artesanal.

E você não vê jeito dessa poluição diminuir, não? Há quanto tempo que se vivia de pesca aqui? Você tem 48 anos, não pegou essa fase, pegou?

Peguei... peguei ... eu tomei banho nesse rio! Aqui, tinha areia branca nesse rio, nesse rio tinha areia branca! O pessoal jogava bola, quando a maré secava, o pessoal jogava bola! Era um solo de areia firme. Aí você veja o que é hoje, aí você tira suas conclusões.

Seu Clóvis: Isso não é só aqui não; acho que é em tudo que é lugar. Dá uma volta de barco aqui não a Baía de Guanabara, você vai ver a quantidade de lixo que você

tira de dentro da água, do mar, né? Aqui, antigamente, nós tomávamos banho aqui. Hoje ninguém toma banho aqui. Isso aqui era uma praia, não era, oh ...? Eu moro num lugar, eu moro lá no final da colônia ... era uma praia; hoje é lama.

Seu Jorge: ali, perto de onde você mora, era o point, era o point; o pessoal ia pra ali pra ... pra tomar banho de mar; famílias completas ... Hoje não existe mais isso. Hoje você não pode ir no Zumbi tomar banho; ninguém vai no zumbi tomar banho. Você vê que o comércio ali ... você já esteve na praia do Zumbi?

Moro na Ilha.

Ah, mora? Então você conhece, os quiosques ali, cada um tem um chuveiro; você vai na praia, pega sol e toma banho de chuveiro. É risco você entrar na água do Zumbi. Não água da Ilha, na água da ... de onde for [...] ia dizer Ipanema, inclusive Barra, Ipanema, Barra, Copacabana, tá tudo poluída também.

S. Clovis: agora aparece ... tá dando na televisão todo dia, né, aquela ... aquela ... aquela língua que sai daqueles esgoto, entrando dentro de mar adentro daquilo ali, é a mesma coisa, não é?

E esse manguezal aí?

Esse manguezal tá acabando. Tá ... Zé Luís é o responsável, ele sabe disso, Zé Luís sabe. Eu não gosto nem de discutir com ele sobre isso, porque ele tá vendo que tá acabando, entendeu ... acabando ... antigamente tu pegava aqui dentro, não era, era peixe aqui dentro, era caranguejo.

Seu Jorge: tinha tudo que era iguaria; marisco, mexilhão, camarão, tudo aí! Com fartura! Acabou. Agora, a questão do manguezal é questão ambiental e política. Quanto a ambiental, eu digo que o que tá acabando com o manguezal, realmente é a poluição ... desmedida, tá entendendo? () navio da Baía de Guanabara ... a Petrobrás

mesmo, lava navio na Baía de Guanabara, tanto a Petrobrás quanto as outras empresas lavam mesmo ... porão de navio aí ... então não adianta.

Política porque?

Hun? Aí, eu não digo; aí, eu tô fora. Politicamente eu tô fora.

Mas é uma questão política porque?

Não sei. Não quero me inteirar desse assunto, me envolver ... o que o Zé Luís falou, eu faço dele ... minhas ... dele, as palavras minhas. Concordo com ele em número, gênero e grau.

S. Clóvis: vai ser publicado alguma coisa, eu vou dizer uma coisa a você: isso aqui é um reduto de César Maia, tá entendendo?

Mas César Maia está há pouco tempo ...

Não, e o primeiro mandato dele?

Essa associação está desde o primeiro mandato dele? Qual foi o prefeito que construiu essa associação? Foi ele?

Deve ter sido, né? Minha filha, vou dizer uma coisa pra você, curta e certa: político nenhum fez o que César Maia fez aqui dentro. Teve uma época aqui... essa ponte não existia; caiu. A Marinha ... ninguém ía fazer mais nada. Eu deixava meu carro lá fora, eu não, os moradores. Não entra mais e acabou. A ponte está condenada! César Maia falou: eu vou fazer uma ponte. Fez. Vá lá fora que você vai ver a placa lá: prefeito César Maia. Outros políticos tiveram aqui: eu vou calçar essa colônia, eu vou ... pavimentar essa colônia. Ninguém nunca fez. César Maia foi eleito, na última eleição ... que o Conde perdeu ... ele disse; eu vou pavimentar essa colônia. Dê ... já deu uma volta na colônia? Já viu? Hoje em dia ninguém vive mais na lama ... Então, é o reduto dele! Quem não votar em César Maia, aqui dentro, eu acho que é um covarde; eu acho, na minha opinião. Que se ele

botar um cachorro na minha frente e disser assim: vote nesse cachorro, eu voto nele. Pelo benefício que ele fez pra mim, entendeu? E eu odeio, não gosto ... não gosto. Mas nele eu voto. E se ele indicar alguém: vote nele, eu voto, entendeu? Agora, ele só tem uma falha ... eu acho ... opinião minha: é sobre o Paulino Werneck aí ... isso aí, meu filho, isso não sai da minha cabeça, eu cheguei em 1961 prá morar aqui na colônia. Paulino Werneck é isso que está aí do mesmo jeito. Nunca vi melhoria nisso aí. Isso aí, ele prometeu que ia fazer outro hospital Paulino Werneck ... não fez. Isso aí ...

Seria ali no Galeão, né?

Justamente, ali onde é a Sodínava. Isso aí ele não fez. Isso aí eu condeno nele. E ele é meu conterrâneo, hein! Sabia disso?

Não (rs).

É paraibano, ele.

Seu Jorge, o sr quer falar mais alguma coisa?

Eu acho que numa questão ambiental ... você não pode colocar um engenheiro prá dirigir hospital, pode?

Não .

Vai dar certo? Um economista pra dirigir hospital? Tem que colocar cada índio na sua tribo. Então, o dia que for nomeado técnicos ambientais pra cuidar do APARU do Jequiá, aí a coisa ... deslancha. Enquanto botar ... acessórios ... de gravata, pastinha na mão ... sistema ambiental é sistema ambiental e é técnico; não é político. Podem tratar isso politicamente, mas é técnico, não é político.

Só se for politicamente correto, né?

Eu acho que você não pode misturar técnico com político ... não existe é ... é ... técnico-político! Pode existir cientista político. Eu nunca ouvir falar de técnico-político, entende?

Seu Clóvis: [...] você vê que eu sou César Maia doente [...].

Dia 31/08/2004

Entrevista nº 16: Seu Aquiles Mateus Goulart Filho, 66 anos, pescador profissional, nascido e criado na colônia.

Sou fundador. Eu, quando eu me entendi como ... né ... criança e tal, aqui na colônia não existia casa ... só existia três casas. Só tinha três casas. Quando eu tinha aproximadamente uns ... 4 anos de idade; só existia três casas. Isso aqui (apontando para a pracinha) era um matagal; tudo mato ... mesmo ... não tinha ...

O sr nasceu aqui mesmo? Seus pais vieram para cá morar porque? Eram pescadores?

Todos pescadores.

E o sr sempre trabalhou com pesca?

Sempre na pesca.

E o que o sr pensa de viver aqui, sobre a sua vida, o seu trabalho?

Olha, o que eu vejo, pela pesca, era muita fartura na pesca ... muita fartura. Então , quando eu tinha assim ... uns 25 anos de idade, já fui trabalhar na EMAQ (estaleiro) ... com 25 anos de idade. Depois trabalhei na Shell, trabalhei no instituto de pesquisa da Marinha, aqui do lado, né? Aí fiquei só assim. Também não cheguei a me aposentar.

Mas largou a pesca?

Não, eu agora só tô comprando pesca e revendendo mesmo ... compro ... e coisa ... Eu parei da pesca uns 10 anos.

Porque?

Sei lá, é muito cansativo, sabe? A vida de pescador é muito difícil!

O que é que ela tem de difícil? É ruim a vida de pescador ?

Não, é que ... é ... a pessoa vai pro mar, às vezes vai contando assim... de ganhar um trocado, né, pra levar, né, o leitinho das criança, como dizem, aí, vai numa assim ... numa segunda-feira, aí vem zerado; aí vai numa terça, vem sem nada, sem pescaria nenhuma. Vai numa quarta, numa quinta, (). Oh, vida de muito sacrifício.

E o sr pescava aonde, aqui na Baía de Guanabara?

Ah, aqui dentro da baía, pesquei no sul também ... Ilha Grande, Parati ...tudo.

Mas viveu da pesca durante muito tempo?

É, vivi da pesca. Vivi mais da pesca do que trabalhando fora, conforme eu te expliquei, né? Trabalhei na Shell ...EMAQ ..

E aqui na colônia, como é que você vê a sua vida aqui, o que você pensa de viver aqui?

Pela minha idade, eu não posso mais prosperar ... eu não quero mais nada. E agora atualmente, eu não tô pescando; agora só compro dos coisa ... pra revender.

O sr compra de onde?

Eu compro camarão aqui mesmo, dos pescadores, pra revender.

O sr revende de casa em casa ou ...

Não, eu tenho um quiosquezinho aqui da ... da ponte. Então eu compro do pescador, aí vou ... revendo.

E o sr gosta de viver aqui na colônia ?

Ah gosto! Já tive várias oferta pra viver na Região dos Lagos ... tudo, aí mas ... a gente tem a raiz, né? Fica difícil.

Porque o sr gosta tanto daqui?

Ah, eu gosto. O que eu vou dizer? Nascido e criado, né, no local, né? E ... aqui é bom, porque ... em relação a outros lugares, ah, isso aqui é uma beleza! A sra vê, né, é ... no Tauá, Bancários, por ali, né, a violência é demais, e aqui não tem violência ! Aqui é tranqüilo, tranqüilo!

De dia ou de noite tanto faz?

Não, aqui tanto faz. As criança pode brincar aqui é ... 1 hora da manhã, 11 horas, pode ... é tranqüilo.

Como sempre foi, igualzinho a antigamente? Aqui não melhorou nem piorou?

Como sempre foi ... igualzinho. A mesma coisa.

Porque aqui é tão seguro? O que o sr acha?

Eu acho que deve ser mais ... falam, né, por causa da Marinha ali...

A Marinha dá segurança ...

A Marinha dá segurança. Apesar que a Marinha já isolou isso aqui.

Isolou como?

Isolou, não quer mais saber. Antigamente ... agora ... antigamente, há muitos anos atrás, pra nós entrar assim um ... um cimento, uma areia, não entrava! Tinha que chegar ali, telefonar pro comando ... Ah! Pode entrar? Desculpe a expressão, pinico? Não entrava, entende? Então, agora ... o problema da violência, eles ficam com medo porque vê o quartel ali, tal ...Mas eles não pega ... não querem mais saber da colônia, entendeu? Eles ficam com medo. A sra pode notar que aqui é uma tranqüilidade como eu te expliquei, pode

... as criança brincam 1 hora da manhã, meia ... não tem problema de assalto, não tem problema de morte, mas não tem mesmo! Se tivesse eu falaria pra sra, eu dizia: tem, né, isso aqui é ruim. Não tem boca de fumo, que é importante, né? Qualquer, né, lugar, né onde tem a boca de fumo ... é a pior coisa que tem pra marg ... é ... pra não ser uma ... um ambiente sadio, né ? É onde tem boca de fumo. Aqui não tem, não tem, eu garanto ...

E a sua família?

Família, boa, graças a Deus, sou casado há 46 anos.

Tem filhos?

Só tenho um.

É da pesca?

Não. Essa trabalha na Infraero. Mas tá bem, graças a Deus, e só.

E a pesca, o sr parou porque achava a vida de pescador difícil?

É, muito trabalho: ganhava um trocado hoje, amanhã não ganhava...

E já foi melhor antes?

Ah, muito melhor! Uma fartura! A sra nem calcula há 40 anos atrás, o que existia de camarão; era assim ... uma praga.

Aonde? Aqui...

Aqui mesmo. Na Ilha toda, na orla marítima toda da Ilha.

Porque o sr acha que acabou?

Não sei ... dizem, né, falam que é a poluição ...ah, mas era muita fartura! P.q.p. Olha, eu chegava ... assim ... camarão, então, aí pegava assim um candeeiro, candeeiro é ... ilumina, né ... assim ... arrastava, era três, quatro caixa de camarão. Qualquer lugar ... qualquer lugar! Muito camarão!

E a área aqui da colônia era fértil?

Ih! Mas por demais! Peixe então nem se fala; arraias ... demais mesmo.

Aqui no manguezal ?

Não, aqui do lado, aqui ... na Ilha toda.

E o seu filho não quis saber de pesca?

Não, o meu filho, não. Ele nunca gostou de pesca, ele nunca gostou. Tava trabalhando na Golden Cross, ele tem 32 anos ... trabalhou na Golden Cross, aí teve problema lá ... faliu lá...a seção e tal, aí o irmão dele que é um dos chefes aí da Infraero aí, arranhou pra ele. Tá há quatro anos aqui já, no Galeão. Viaja...

O sr trabalhava na pesca por conta própria?

Por conta própria. Às vezes trabalhava por conta própria, trabalhava de companheiro ...

O sr tinha barco?

Tive ... barco ... tive três barco. Também teve agora, há três anos atrás, a Petrobrás, aquele ... [...] porque teve aquela ... negócio do óleo, né, derramamento de óleo, tudo, aí, todo ano eu recebo...todo ano eu recebo. Eles pagam três meses ... o salário, né?

Eles pagam porque? Eles acham que a poluição prejudicou a pesca?

É isso. Não, foi o derramamento de óleo. Estragou rede, barco ...

Ah, indenizou vocês.

É, a Petrobrás ... indenizou. Tudo ano a gente recebe três meses. Mas é pouco dinheiro, né, muito pouco.

E a sua renda mais é da venda dos peixes?

É, é. Eu tenho aproxima ... tem uns ... tem uns dez anos que eu não pesco. Eu só compro dos colegas ... dos pescadores pra revender, né, [...] tem um quiosquinho ali, né, em cima da ponte, vendendo ...

Dez anos, já?

Ah, tem mais ou menos uns dez anos que eu não pesco. Tem a idade também, né, a pessoa ... pô. Eu pesquei no sul: Ilha Grande, Parati, [...] era 15 dias de mar; não é mole não! Encarar tubarão, encarar tudo .. frio ...

E a sua família era de pescadores?

Minha família era ... era. Meu pai é ... meu pai era ... era ... trabalhava do IAPETEC ... IAPETEC. Naquela época o IAPETEC era aqui na Ribeira. Mas ele faleceu, e tudo. Minha mãe também faleceu ... e agora, atualmente, eu só compro ... um camarãozinho pra vender e tal.

O sr quer falar mais alguma coisa?

Não sra, tudo bem, bacana.

Entrevistas n° 17 e n° 18: Carlos Eduardo, 22 anos, filho de D. Elenira, entrevistada anteriormente e Rafael, de 15 anos, ambos nascidos na colônia.

Você nasceu aqui?

É, eu nasci aqui, tá, eu gosto de morar aqui dentro, mas ... muita gente fala assim: ah, a colônia é favela, que é isso, que é aquilo. Eu já não considero; já considero como uma ...um condomínio fechado. Entendeu? Muita gente ... pô, os moradores antigos mesmo, eles falam: ah, a colônia nunca foi assim. Porque ... assim...tem aparecido muita coisa estranha aqui dentro...

O quê, por exemplo?

É... virou moda aí, festas ... juninas aqui na colônia., entendeu? Até na rua dele aqui teve ... metade num final de semana foi numa parte, e no outro final de semana foi

noutra parte. Então começou a virar moda, começou a estragar ... como é que se diz ...é...
estragar a festa ... estragar a própria colônia, o nome da colônia.

Porque?

Porque nunca foi assim! A tradição da colônia sempre foi uma festa ali no campo, queima de fogos no domingo, pronto. Essa era a tradição: a festa de São Pedro. Não festas juninas em várias ruas, entendeu? Mas, em si, morar aqui na colônia não tem coisa melhor, pô.

Porque?

Tranquilo, tranqüilidade. Tu vai num outro lugar aí qualquer aí, pô, ah ... só vê tiro, violência ... Nada disso; aqui, não. Aqui é tranquilo. Aqui pode ficar até madrugada na rua, não tem nada ... não tem nada não.

E você, Rafael, gosta daqui também?

Gosto.

Você concorda com ele em relação à festa?

Concordo.

Não gostou dessas festas separadas?

Não .

Mas isso trouxe algum prejuízo?

Carlos Eduardo respondeu:

Prejuízo, em si, não trouxe. Mas eu acho que a colônia ficou mal falada nesse ponto. Porque todo final de semana tendo uma festa assim ... pessoas já até me falaram: ah, isso tudo é prá arrecadar dinheiro pra quem?

Porque não foi os próprios organizadores da colônia.

Quem organizava a festa de São Pedro?

Era o próprio presidente daqui da colônia. Só que as festas juninas que tem tido aqui, não foi ele ... é... com ordens dele, entendeu? Foi pessoas de fora mesmo que fizeram festa aqui dentro, essa festa que teve aqui no campo não foi ele que organizou. Foi uma pessoa de fora, uma pessoa de fora é que está ganhando dinheiro pra fora, não pra cá, pra fazer alguma obra aqui pra rua, alguma coisa da colônia.

Mas a pessoa de fora, pra fazer uma festa aqui, não tem que ter autorização de alguém?

Aí é que tá. Nesse ponto, a colônia tá uma bagunça. É onde que teria que ter uma organização aí.

Rafael: Não é mais festa junina, não; é festa agostina; porque é só em agosto (rs).

Mas é a primeira vez que tem essa festa, ou já houve outras?

Não, já houve, já.

A festa de S. Pedro acabou há quanto tempo? Esse ano teve, não teve?

Teve, mas não foi exatamente a de S. Pedro, porque foi em agosto. Teve um festinha aí, umas barraquinha da igreja, mas não foi como os outros anos, como tem sido há uns seis anos atrás, que era tradicional.

E você gosta de morar aqui, você acha a colônia, desde que você nasceu, só com esse problema é que está piorando, o resto tá tudo igual?

Tá tudo igual, tudo tranqüilo.

E você vive de quê, você trabalha?

Eu sou técnico em informática.

Não tem nada a ver com pesca?

Não, não tem nada a ver. Meus avós, meus tios, eles são pescadores, mas eu não. Gosto mais é de um computador mesmo.

Porque você não gosta da pesca? Nem como lazer?

Não, como lazer eu adoro! Se me chamar todo final de semana, eu vou. Mas como ... assim ... é ... trabalho, pra sustentação, eu já não gosto. Só pra lazer mesmo.

E você, Rafael? E a sua família?

Minha família, é ... a maioria é quase tudo pescador. Mas, pra ser pescador, acho que ... não é um bom futuro, não.

Porque?

Porque ... viver só de pescar, só ... nunca se sabe o dia que vai ter muito peixe ou que vai ter pouco peixe, se vai vender bem, se vai vender mal ...

Você estuda?

Estudo. Mas se tiver um caso, como teve uma vez, de vazar óleo ... vazar óleo e ... matar os peixe todinho, aí ... aí vai ser outro negócio.

Você estuda o quê? Que série?

Tô na sexta.

E a pesca aqui, você acha que tá sofrendo problemas, que não tá igual?

Não, não, antigamente tinha muito mais condições, muito mais barcos aí, hoje em dia, não. Hoje em dia, você vê esses barcos todo aí, mas 90% aí é só pra lazer.

Porque será que as pessoas não pescam mais?

Não tá como antes; a Baía de Guanabara tá muito poluída. Não tem peixe como antes. Não é como antigamente; antigamente, pô, meu avô, eu lembro, que ele pescava, trazia várias peixes ... muito ... várias ... é ... espécies diferentes assim, agora, hoje em dia, não. Hoje em dia, só uma ou outra e acabou. É só aquilo mesmo.

Carlos Eduardo, após a entrevista ter sido dada como terminada, volta a falar:

Não, que ... eu tava entrando agora, aí ... fui buscar minha mãe ... e tal, antigamente, você via na ponte, areia ... ainda, perto dos barco, ali. Agora não, agora só tem lama mesmo. Até ia comentar com ela: ali na ponte não tem mais areia, só lama, virou lama. Tá tomando conta de tudo.

Fala a mãe dele:

É o esgoto que vem lá do Cacuia, pega a Vila Panamericana e desemboca aqui. Aí, quer dizer, isso aqui já não tem mais areia, isso aqui tudo é lama. A gente, até então, ainda entrava pra poder pegar caranguejo; agora nem dá mais. Só lama!

Entrevista nº 18: Sr. Nelson, de 68 anos, morador da colônia há 50 anos.

Por favor, fale sobre a sua vida aqui na colônia, o que o sr pensa sobre isso, sobre o passado, o presente, fique à vontade.

Olha, o passado, aqui, foi bem negro pra nós, em virtude das nossas ruas, que eram lama pura; e ... esse ano tivemos a felicidade do prefeito mandar asfaltar isso tudo aí. Tá tudo calçadinho, bonitinho, com saneamento básico, com tudo direitinho; bem arrumado.

Essa prefeitura de agora?

Essa de agora: César Maia. Inclusive, falou comigo pessoalmente aqui: vou... Prometeu e fez. Então é um dever de gratidão que o morador tem com ele, é ... eu acho que é até uma obrigação nossa para com ele porque foi o único que fez é ... nesse período todo que houve promessas anteriores e ninguém nunca fez. Ele veio e fez.

Entrevista n° 20: Sr Rubens de Oliveira Santos, de 69 anos, freqüentador assíduo da colônia que fez intervenções:

Havia uma água aqui, que tomava conta de tudo aqui ...e conseguiram fazer os ... águas pluviais e tudo .. e não encheu mais.

Sr Nelson: Agora, em termos de segurança, eu acredito que no Rio de Janeiro não tem ... igual ... em termos de segurança. Graças à Estação Rádio da Marinha aí também, que nos dá todo o apoio, toda cobertura.

Que tipo de apoio?

De segurança, digamos assim. Que qualquer novidade aí, eles cercam tudo e ... abafam tudo. Graças a Deus, aqui não temos a infelicidade de ... do ... do ... do... no caso, da chamada boca de fumo. Não temos aqui, não temos. Existe uns dois ou três aí, mas não quer dizer nada.

Então, o sr gosta muito de morar aqui?

Adoro! Adoro! Não troco isso aqui por nada desse mundo, por lugar nenhum desse mundo.

O sr nunca trabalhou com a pesca?

Não. Vim pra cá com 16 anos, porque servia a Marinha naquela época e fui transferido pra aqui, pra Estação Rádio. Passei um período aí, depois fui pro Bananal, Boqueirão, etc, etc. E ... gostei de uma garota daqui, casei, tenho seis filhos, graças a Deus, sem problemas de espécie alguma ... então eu sou feliz.

Ninguém da pesca?

Não, nenhum pesca. Um é guia ... turismo, outro é ... tem loja, o outro trabalha em Macaé, e por aí afora.

S. Rubens: Tem um que é exímio em fibrar (rs). Fibrar é revestimento de barco, de fibra.

S. Nelson: É o guia! Que a Soletur faliu, automaticamente ele tinha que optar por alguma coisa. Ele optou por ... coitado, tá desempregado, né? Isso é um bico, um complemento que ele faz.

O sr tem alguma participação na associação?

Não, tive até o ano passado. Eu era membro do conselho fiscal da Associação de Moradores; acompanhei a obra aí oito meses ... foi a obra das ruas ... são onze ruas que nós temos aqui, né ...

Quantos moradores há aqui, o sr tem idéia?

Não, naquela época, nós tínhamos aqui, uma base de três mil moradores. Mas hoje ...

Que época?

Digamos ... há cinco anos passados. Foi o ... o passo que a Marinha saiu fora, tava sob o domínio dela, passou pra prefeitura.

Era domínio oficial?

Era domínio oficial. Pra nós entrarmos aqui com uma cadeira, precisava de uma papeleta. Até então, isso era importante, porque, veja bem, quando a coisa fica de agarra, aí todo mundo faz o que bem quer ... Olha, se brincasse mesmo, isso aqui (apontando pro mangue) já ... uma palafita. Todo mundo ia fazer barraco aí dentro da água. É que a Marinha não deixa. Quer dizer, é a nossa segurança. Senão, ficava como a Praia da Rosa antigamente, né?

S. Rubens: Isso aqui tá assim porque é normal; isso aqui é normal (referindo-se ao baixo nível da água dentro do rio). Mas quando chegar a maré, ela cresce e vem aqui,

ó... a água. E ... tem o Zé Luís que faz parte do manguezal, então, muito desrespeito não tem mais. Haja visto o [...] que tá contornando tudo lá, tá vendo, a sujeira que, com a maré subindo, ela vai protegendo o manguezal das sujeiras ...

De que tipo de desrespeito o sr fala?

Agora tem aquela ... tá vendo aquilo lá, aquela cerca de arame? Aquilo ali evita muita pessoa ... do carro jogar coisa aqui pra dentro.

S. Nelson: Antigamente, jogavam lixo pra cá. Até que o Meio Ambiente fez aquele muro, botou placas lá fora ... educaram, naturalmente, o pessoal a não fazer isso, né? Jogavam entulho ... Então, cais aqui, ficava cheio de entulho, que eles jogavam lá de fora. Depois do muro, impôs um respeito, aí, que não jogaram mais. Agora o manguezal, até determinado ponto, está morrendo, viu? Pra lá, então, tá.

Porque?

Poluição.

S. Rubens: Por causa de um canal. É porque tem um canal aqui dentro não é, que vem lá do Cacuia.

S. Nelson: Vem lá do Cacuia, parece que empresa de ônibus ... joga alguma coisa aí. Segundo dizem, eu não sei, que o Paulino Werneck ... até jogava o esgoto dele aí também. Naturalmente passa aqui, né?

Quer dizer que isso trouxe prejuízo, né?

S. Rubens: Trouxe ... pro manguezal, pra ... a fauna, o caranguejo ...

S. Nelson: Há 20 anos passados, o pescador ... ele pegava mexilhão, camarão, é ... tudo aqui! Era areia isso aqui. Areia branca! Se jogava futebol aí dentro d'água ... Um rio mesmo de água limpa! Mas a poluição estraga tudo!

S. Rubens: Haja visto que a sra vê assim, por exemplo, na parte alta: claro que tem, lá, o esgoto que sai lá de cima, lá de algum lugar que sai dessa parte, né?

Mas e o esgoto da colônia?

Olha, veja bem: em virtude do nosso nível aqui ser bem mais baixo que o lá de fora, foi criado a estação elevatória aqui; são duas bomba ..., mas constantemente dá defeito. E o morador em si, ele é mal-educado; por mais esclarecimento que nós damos às pessoas, eles jogam saco de lixo lá dentro, enfim ... entope, prejudica as bombas. Quer dizer, toda a colônia joga lá na elevatória que nós temos aqui na entrada e daí, duas bombas jogam lá pra fora, pra estação de tratamento no Tauá, tá?

Como é dado esse esclarecimento aos moradores?

Eu, principalmente eu, que trabalhava na obra, no sentido de não jogar ... lixo, plástico ... era o que se encontrava ...

Como era feito esse esclarecimento, de porta em porta?

De porta em porta. Eu faço. Até hoje eu faço, mesmo sem pertencer à Associação, até hoje eu faço. Temos que zelar pelo que é nosso, pelo amor de Deus!

O manguezal é de vocês?

É nosso. Esse manguezal, a sra indo por aqui, até o final da colônia, tem um caminho ...

E pesca aqui?

Não, aqui não tem condição, não tem a mínima!

S. Rubens: Quando a maré cresce mesmo, a sra vê pássaro, ela traz a tainha, o parati, o pessoal pega com tarrafa aqui na área.

S. Nelson: Mas depois que ela seca, acabou, foi embora. A maré traz e leva.

S. Rubens: Sabe que aqui nós temos duas entidade: temos a Associação do Moradores e dos Pescadores, na qual o presidente Maninho e Aníbal.

S. Nelson: Eu, particularmente, acho uma desunião muito grande. Não havia necessidade de um lugar desse tamanho ter três associações. Então, sempre há divergências, tá? Ao passo que se fosse uma só, todos apoiavam, podia funcionar melhor; não tenha a menor dúvida disso, eu não tenho a menor dúvida. Que cria um clima desagradável: aquele aceitou determinada coisa, aquele já não aceita, e fica nisso.

Quais são as três associações?

A dos pescadores, a dos moradores e a do manguezal.

Ah, a do manguezal é à parte, é a do Zé Luís?

É à parte, quando não deveria ser. É a do Zé Luís, entendeu? Se é colônia, deveria existir mais união, não haver divergência de espécie alguma; é união.

Divergências de que tipos?

Ahn... digamos assim, em conscientizar o morador, eu acho que a associação, não só o Zé Luís, mas sim as duas, já que existe ... as duas fazer o mesmo papel. Mas não; cruza os braço. Quer dizer, Zé Luís fica sozinho. Então eu acho isso ... um troço muito, muito ruim, muito difícil. Então, tá provado mais uma vez que a união faz a força, né? Onde não existe união ... há divergências entre eles, sim.

Entrevista nº 21: Sr. José Hugo Benício, de 65 anos, nascido e criado na colônia, pescador.

Sou pescador com carteira do Ministério da Agricultura, do Ibama, da SUDEPE, matrícula tirada lá em Parati, que eu pescava lá pra Parati, naqueles barquinho que a gente

saía daqui e levava uma semana, oito dia lá em Parati matando sete barba, verdadeiro, que hoje é VG, né? Naquela época era verdadeiro. E... muitos barco que eu trabalhei ... a ... lei não era cumprida, porque eu tinha matrícula desde 1959, trabalhei mais de trinta ano sem ser embarcado, porque ... a ... inclusive a lancha da Capitania fazia vista grossa, né? Aí, quer dizer, então que atrapalhou um pouco tanto a minha vida como a de tantos outros pescadores. Pode falar crítica, né? Não tem problema não, né? Como é um crime, aí (apontando para um homem que vendia camarão de porta em porta), o rapaz vendendo aí, ó, pescador também, vendendo esse camarão aí. Cadê a fiscalização do Ministério da Agricultura, do Ibama hoje em dia pra proibir uma pesca desse camarão que mal nasceu? Quer dizer, daqui mais uns três meses ou dois meses, cadê o camarão? Quer dizer, hoje panha-se cem quilo, duzentos quilo desse camarão miudinho ...

Esse camarão é tirado de onde?

Daqui mesmo da baía mesmo; nasce lá em cima na costa; aí vem pro canal, aí, do canal eles arrasta ele ... tem barco que arrasta ele até lá mesmo na costa.

O sr trabalha ainda na pesca?

Eu trabalho, mas trabalho pouco, porque agora, com a idade, a vida da pesca é uma vida muito cansativa, né, ficava às vezes, duas horas abaixado, escolhendo camarão; quer dizer, naquela época, a gente é novo, a gente não sentia, né? Só que agora já dá pra sentir. Aí, quer dizer que ... eu não tenho renda; por exemplo, eu não tenho renda. Eu recebo por defeso do camarão, trabalhei dez anos numa traineira ...

O que é defeso do camarão?

É uma estia que dá quando a ... a pesca do camarão tá proibida, né? Eu acho que é uma ... uma das leis que pelo menos tá vigorando. Mas mesmo assim tem os abusos, né? Mas aí, é aquele negócio, é a fiscalização. Que se tivesse a fiscalização, o barco que tivesse

lá fosse pego e fosse apreendido mesmo, quer dizer que, aí não estaria hoje esse camarãozinho assim, sendo comercializado.

[...] porque eu sou um pouco verdadeiro; o que eu tenho que falar, eu não mando, sabe como é que é?

Pode falar o que o sr quiser; o que o sr quiser que eu não considere, eu não considero.

Não, só palavras de ... coisa ... eu não falo. Mas é tipo assim, contra as autoridade, contra o governo, que ... não é admissível, rapaz, a ... a pesca é um alimento ... cotidiano, toda mesa, toda casa tem ou o siri, ou o peixe, ou o camarão ou o marisco e deixar ... ser dizimado, né? Eu falo isso, mas porque eu não sei as palavra correta. Mas é ... é uma pena, porque vai fazer falta, como tá fazendo falta. Cadê uma traineira hoje? Só eu, trabalhei dez anos numa traineira; o velho morreu, venderam a traineira ... porque ninguém quer se arriscar; porque vai gastar combustível, vai ter uma despesa enorme e ... eu ainda dei sorte, que quando eu trabalhei na traineira, a gente tinha uma boca que era boa, que era lá do Boqueirão, que não pode pescar; e aí, devido não poder pescar, a quantidade de peixe lá é grande. A gente panhava ... tonelada de tainha, (), piraúna, é ... pargo, xaréu. Hoje em dia não tem ... o siri, o mexilhão. Cadê? Acabou tudo isso aí!

Mas, o sr acha que acabou por causa dessa pesca feita de qualquer maneira?

É, tem que ter controle e a ... um pouco da poluição que nem tem aí na ... esses esgoto aí, indo pra dentro d'água, né? Que nem aqui na nossa colônia mesmo tem. Eles diz que não, que tal e coisa e tal, mas tem. Eu trabalhei aí, eu tirei o curso aí do ... Pesca Rio, tirei Guardiões do Rio, eu tenho esses curso, eu tirei diploma, tenho diploma pra mostrar a sra. Eu moro aqui na [...] número 12, eu tenho lá. Eu vi ali, fazendo replantação, né, nesse

pesca Rio, ali, o córrego dali da ... que vem dali do Guarabu pra cá, que passa aqui em frente à nossa sede da colônia, passa ali pela ponte onde a sra passou, ali ... é ... aquela água ali é contaminada! Inclusive, tem um rapaz aqui, que se interessa muito pelo manguezal, o ... acho que é ... Zé Luís ...É. Zé Luís; só conheço ele como Zé Luís; o nome dele todo eu não sei. Trabalhei muito com o pai dele, o Covinha; tinha um barco lá pra Parati, pesquei muito com ele. Também não era embarcado, ele tinha matrícula. Ele hoje guerreia aí, mas o pai dele era um que era contra a lei. Mas porque tinha facilidade, né? A lancha chegava ... só lá em Parati, não. Lá em Parati eles apreendia o barco. Se tivesse pescando, na beira da praia, depois do [...], depois do sete [...], da laje branca, ou lá em volta do pico, a lancha vinha com ... Cidinho, o nome do capataz lá era Cidinho, ele vinha e me rebocava. Eu mesmo fui preso uma porção de vezes lá. Todos os barco que eu trabalhei eu ... eu ... eu era mais novo, aí eu ... sempre eu é que ia preso. Aí chegava lá, molhava a mão, pronto: tava liberado o barco. Quer dizer, então eu tenho essa bronca da pesca é isso. Infelizmente, eu também fiz parte dessa destruição, né? Eu também reconheço que eu fiz parte. Mas aí, é aquele negócio, eu ... é ... o menos culpado ali era eu.

E de morar aqui, o sr gosta?

Aqui na colônia? É o lugar mais santo que tem aqui na Ilha do Governador. Tanto que era umas cem casa só, meu pai era dono de um terrenão ali, que hoje é ... a família, é um companheiro nosso que o pai cedeu um pedaço do terreno pra eles morar ... tem o falecido Gagá, tem lá os filho dele ... do meu lado, mas é ... aqui a gente dorme de janela aberta! Tem agora, mais um pouco coisa aí, por causa dessa juventude que faz parte da família da gente mesmo, muitos moleque aí, que faz algumas besteirinha ainda aí, é ... filho, é neto de gente daqui mesmo. Mas estranho aqui, pra fazer qualquer coisa, é difícil. Aí, a coisa já fica mais difícil porque tem a Marinha, que dá ajuda a gente aqui, de

fiscalização, tem a PM logo aqui em frente... Mas todo mundo quer é morar aqui na colônia. Aqui, como eu tava dizendo, aqui a gente dorme de janela aberta. Eu mesmo durmo de janela aberta, de porta aberta, nunca sumiu um alfinete na minha casa!

E a sua família? O sr veio pra cá com seus pais?

Não, eu vim ... eu vim ... o meu pai veio primeiro, lá da Barra de Piratininga, era pescador, depois foi trabalhar na Shell, já faleceu, era ... como funcionário da Shell, a esposa dele foi que me panhou pra criar, aí ... eu sou um filho adotivo; o meu primo irmão, o Zé Carlo, faleceu também, me jogou até no santo, e ... tenho mais três irmã minha de criação, e ... eu tenho minha vida. Sou separado, tenho minha filha agora que separou do marido, veio morar na minha casa ... ainda era aquela casa antiga, ainda de telha, aí ... aí agora tamo até fazendo obra, fazendo laje, aumentando a casa, mas eu não tenho nada! Quem tá fazendo é ela. Eu ajudo ali minha sobrinha ali que tem um armazenzinho ali, ajudo o parceiro lá, um coroa também que eu fui criado quase na casa dele, que sou muito amigo do filho dele, é... essa guarda que tem aí, como é que é?

Municipal?

Municipal, o Adilson. Aí, eu fui sempre colado lá com o coroa dele, o coroa dele é meio deficiente das perna, aí sempre ajudei a ele, quer dizer, a minha vida é isso. Mas renda mesmo, não tenho.

Entrevista nº 22: Sr. Élon Nascimento dos Santos, 53 anos, pescador, nascido e criado na colônia, que estava vendendo camarão de porta em porta.

Muito bom lugar, não moro ... quer dizer, tenho minha família aqui, não moro no momento, mas tô lá e cá, entendeu? Eu moro aqui em cima da Vila Panamericana, Santa

Rita, mas não saio da colônia. Meus familiares todos são daqui, entendeu, e ... de formas que ... a colônia é um paraíso, né, como ele acabou de falar agora pra sra, se tiver que entrar aqui alta madrugada, pode entrar, que não tem problema de assalto, violência, com nada ... nós temos aqui a nossa Marinha, né, frontal à nossa, né, e a PM também ... quartel da PM, um lugar maravilhoso!

E o sr sempre trabalhou na pesca?

Eu sou caldeireiro, né, estaleiro, mas no momento me encontro desempregado, tirei a minha matrícula de pescador, tô legalizado, pesco também na Baía de Guanabara.

E esse camarão que o sr está vendendo é da baía?

É da Baía de Guanabara. Pesco e vendo. No momento não tô pescando, tô panhando e vendendo, tá entendendo?

O sr não está pescando agora porque?

Porque eu estive doente, o rapaz colocou outro no meu lugar, aí, pra evitar problema deixei ele né?

O sr trabalha no barco de alguém?

É, como companheiro, né? Eu sou matriculado no Lago Azul, um barco de um rapaz que eu pesque há muito tempo, tá entendendo, Lago Azul o nome do barco. Eu pesco há aproximadamente uns dez anos.

E o sr acha que a pesca está igual, a mesma quantidade de pescado?

É a mesma coisa que os outros pescadores falaram com a sra. Eu acho que deveriam deixar o camarão crescer, né, ficar de um tamanho determinado, pra ter o camarão o ano todo. Por isso é que ... há muito tempo não dá uma [...] de camarão conforme deu nesse momento, né? Apesar de eu ser pescador e vender esse de camarão que é um camarão misturado, eu não pesco ele; eu pego pra mim ... tá entendendo?

Esse é pequeno?

Não, tá no tamanho médio. Eles tão pegando camarão muito pequeno aí, sabe? Muita quantidade, isso aí prejudica a Baía de Guanabara. Acaba ... daqui a três, quatro meses, esses camarão tão tudo grande, pra se espalhar na Baía de Guanabara, aí nós temos condições de pescar o ano todo, né, e ... acabando com o camarão, daqui a pouco os pescadores ...

E os outros peixes?

Tá em extinção também, né? A Baía de Guanabara, muita poluição, né, conforme a sra sabe, né? Muito poluída, dizem que estão despoluindo, mas... só Deus sabe, né, eu não sei ... a gente não vê, né? Nós não vemos ... De forma que ... é a lei da sobrevivência, tá entendendo? Agora, eu acho que o Ibama deveria ver isso aí, né? Tomar uma providência; porque ... pegando uns três, quatro barcos, amenizava, tá entendendo? Os outros não iam, o camarão se espalhava na baía, tinha camarão o ano todo.

O sr não mora aqui nem nunca morou?

Moro na Santa Rita, mas minha família é toda daqui, da colônia.

Sua família é de pescadores?

É, meu pai é pescador. Está com 81 anos, veio da Ilha Grande, casou aqui, né, na colônia mesmo, e nos criou, né, nove filhos ...

Entrevista n° 23: Dona Odete, de 78 anos, 70 de colônia.

O que a sra pensa sobre viver aqui na colônia? Como foi a sua vida aqui?

É... aqui foi boa, graças a Deus; isso aqui é muito sossegado. Muito calmo.

A sra veio morar aqui porque?

Eu vim pra cá, porque meu pai veio pra aqui, e trouxe nós todo, né? Nós aí, veio morar aqui. E lá, onde eu morava ...

Onde a sra morava?

Eu morava em Barra de Piritininga.

Onde é?

Fica em Niterói, lá ... lá ... pro lado de Itaipu.

E seu pai, era da pesca?

Não ... é ... era da pesca. Meu pai já morreu; viemos pra cá, nós todo.

E a sra nunca mais saiu daqui?

Nunca mais saí daqui; só saí daqui pra passear; agora ... lá ... lá não tenho ido.

A sra mora sozinha?

Não, moro com meu marido.

Seu marido é da pesca?

É, é pescador também.

Ainda pesca?

Ainda pesca.

E a sra gosta daqui, acha que a vida aqui, hoje, é igual a de antigamente?

A vida agora tá melhor; naquele tempo era o tempo atrasado. Não tinha nada: não tinha água em casa, não tinha luz, não tinha nada; e agora a gente tem de tudo. Paga, mas tem de tudo.

E o seu marido, quantos anos tem?

Ele tá com 69, vai fazer 70 agora.

Ela ainda trabalha na pesca?

Ele trabalha, porque ele não é aposentado ainda.

E a pesca está dando tanto quanto ...

Tá nada! Ele agora vive ... quando a pesca não dá, ele arranja um biscate pra fazer por fora.

Porque não está dando mais?

Não tá dando porque não tem peixe, né?

Porque não tem peixe mais?

Eu não sei; não sei se é por causa do mar, que vira muito ...

Ele pesca fora da Baía de Guanabara?

Pescava antigamente. Agora, não. Agora pesca assim ... de linha.

Ele tem barco?

Não. Tem um [...]

E a sra tem filhos?

Não, é só nós dois.

A sra é feliz aqui na colônia?

Eu sou, cada um tem a sua casa, cada um veve nas suas casa! Aqui é muito bom. Tanto que a sra vai pra aí, tem casa assentada uma em cima da outra. A sra vai pra aqui, tem uma casa assentada em cima da outra, lá em cima.

É de gente que vem pra cá ou de quem teve filho e ...

É de gente que já teve ... da família que teve filho, veio pra cá e vai ficando moço, aí vai casando e ficando aqui mesmo.

As casas aqui são todas próprias? Não tem nenhum aluguel?

Não. Tem gente que aluga casa aqui, mas muitos, não ... é pouco. É mais donos da casa.

A sra sempre morou aqui?

Olha, eu morei ali, mas a casa caiu. E naquele tempo, não podia fazer casa ... que era casa de estuque, né? Caiu ...fez outra aqui, também ... depois agora, não. Agora nós fizemos de tijolo; meu pai deixou ... deixou começada já ... quase pronta, aí ele morreu, ficou pra mim.

E os terrenos, como é que se conseguia um?

Eles dava ... a gente falava com eles ...

Eles quem?

Aí dentro da ... na Marinha.

As casas têm documento?

Não, ainda não tem escritura ainda não.

Não paga IPTU?

Não, só paga só colônia, né?

Quanto é?

É ... acho que é ... é ... dez reais.

Por mês?

É, paga uma taxa. Muitos paga, muitos não paga ...

E se eu quisesse comprar uma casa aqui, eu poderia? A Marinha ia interferir?

Poderia ... poderia. A Marinha não interfere mais nada.

Entrevista nº 24: D. Albanesa dos Santos Coutinho, 76 anos, nascida e criada na colônia.

Falando sobre sua vida na comunidade...

Ah, a minha vida aqui na colônia é maravilhosa, né? Desde de ... com 76 anos, tive meus filhos aqui, casei todos 3 filhos aqui, criei eles aqui, tudo numa boa, né? Antigamente isso daqui era maravilhoso, né? Quase não tinha ninguém, era uma casa aqui, outra casa ali ... era muito bom antigamente, eu morava ali perto da praia, a gente saía de casa caía dentro da água ...

Aqui?

É! Eu morava lá em cima, lá pra cima, que eu morava. Mas era muito bom, tinha as barca, barco, tudo ali na frente.

A gente saía de casa , era só cair dentro d'água! Panhava marisco, panhava siri, panhava camarão, tudo ali! Ostra, tarioba (?), tudo a gente panhava ali naquele rio, ali na frente, não era? Muito bom aquilo ali. Isso aqui é maravilhoso! Eu aqui dentro, não saio pra lugar nenhum!

Porque a sra gosta tanto daqui?

Adoro porque aqui é tranqüilo, né? Sempre foi, sempre foi tranqüilo. Apesar que tem esses pessoal todo que estão aqui agora, mas é um lugar tranqüilo. Eu saio lá pra fora, eu fico nervosa! Eu entro a ponte, acabou! Eu entro nove hora, dez hora, duas hora, três hora, a madrugada ... tô andando por aí! Que eu vou pra um bingo aqui perto, e venho sozinha! Não tem ninguém na rua ... Minha casa é aberta, não fecho casa. Minha casa é aberta, não tenho chave. Pode ... é tudo aberto! Não tenho chave pra trancar a casa, nem nada não. Eu gosto muito daqui; daqui, só pro Cacuia (cemitério).

Mas antigamente a sra achava melhor?

Não, pra mim, pra mim tá tudo bom. Tanto antigamente ... antigamente era melhor! Não vou dizer que não era, né, que não tinha quase ninguém! Era minha mãe, a gente vendia marisco ...

A sua família era de pesca?

Meu pai era pescador, de fora de barra, tinha barco, ia pra Ilha Grande ... ele tinha ... com meu tio, tinha um tio que trabalhava com ele, uma vez até caiu do barco, quase morreu, criou um caroço na barriga ... e papai andava muito fora de barra, né? E minha mãe...

Não pescava aqui não?

Não, não. Ele era só fora de barra. Lá pra Ilha Grande, esses lugar assim. E minha mãe que ficava com a gente, nós era tudo pequeno. Panhava dez vinte lata de marisco ... pra vender.

No mangue?

É, lá na frente! No mangue! Aí na frente, isso tudo era praia, minha filha, era terra, não era mangue! Era terra, não era lama! Então, a gente panhava dez, quinze lata de marisco, mamãe cozinhava, a gente vendia na rua e vendia no mercado! Minha madrinha levava pro mercado; uma sra que morava ali.

Há quanto tempo que acabou isso?

Ah, minha filha, agora... eu não sei, não sei ...

Seus filhos pegaram essa fase boa? Qual é a idade deles?

Um tá com 49; a outra tá com 41 ... a minha filha e o outro tá com 40 e ... um que trabalha na CEDAE, tá com ... 47.

Ninguém na pesca?

Não, meu filho ... esse de 49, pesca. Pesca por aqui mesmo. Aí, pelos Pinheiro, ali embaixo, aqui perto, eles pescam perto.

Mas pescam profissionalmente?

Não, agora ele tem esse barzinho aqui, mas ele pesca também. Vende o peixe, pra ajudar, né? Que ele tem quatro filhos ... tem quatro filhos. Ele ganha uma básica ... do governo, ele ganha uma cesta básica, né, ele ganha. Mas ele vivia só da pesca, mas minha filha é que morava aqui; ele foi embora pra Vitória, então passou ... deu pra ele ... isso aqui. E ele fica aí tenteando, pesca, tenteia, deixa a mulher aí, vão levando ... a vida.

E seu marido, era da pesca?

Meu marido era pescador. Tá com 74 anos ele. Depois ele começou a trabalhar; saiu da pesca e foi trabalhar. Trabalhou muitos anos na ... São Miguel. Fora ... ali na ... no Zumbi.

São Miguel é uma embarcação.... uma embarcação. Ele trabalhou muitos anos ali, se aposentou ali ... na São Miguel. E ... vamo levando a vida assim.

Então, a sra gosta muito daqui?

Adoro, pra mim não tem outro lugar. Eu saio, mas a minha cegueira é a colônia. Minha cegueira é essa colônia. Eu chego aqui, eu tô satisfeita. Daqui eu não saio pra lugar nenhum, agora mesmo eu tô com problema na vista, né, e não dá mesmo pra mim ... tá andando.

Entrevista n° 25: () de Azeredo, 71 anos, 66 de colônia, que estava no bar enquanto eu conversava com D. Albanesa.

Não, eu vim pra colônia, é ... tive que acompanhar meu pai, né, e minha mãe. Eu vim pra aqui com 6 anos. Meu pai era da pesca, mas depois ele mudou a vida dele. Teve um ... uma barraca aí. Levou muito tempo. Eu ... entrei pro INPS ... trabalhar no INPS, não era ser segurado, que nem muita gente. Fiz 33 anos de INPS, depois me aposentei, e continuo

vivendo aqui. Agora, aqui é muito bom, acho o melhor lugar da ... da Ilha pra se morar, da cidade, ou talvez do Brasil, que é um sossego muito grande, inda dormia até pouco tempo de janela aberta, agora parei porque botei umas grades, em suma ... só isso.

O sr nunca trabalhou na pesca?

Trabalhei, trabalhei na pesca depois que ... no período que meu pai iniciou, eu ajudei a ele. Era 8 ano, 9 ano, né, era uma companhia, né? Mas de pesca, pesca, nunca vivi, não.

Não gostava, né?

Não, não tive gosto pela pesca, não. Não, porque também me acostumei a trabalhar. Então eu trabalhava fora, em alguns lugares, até que eu fui pro INPS e dali eu fiquei até hoje. Tô aposentado ...

E a sua família, tem alguém de pesca ... seus filhos ...

Não, não; meu filho trabalha na ... na ... esqueci como é o nome daquilo lá ... é ... lá no aeroporto! Infraero! Minha filha é casada ... também ... mora comigo; meu filho mora na Praia do Zumbi. É ... não tenho muita coisa pra falar, não.

Entrevista n° 26: José Luís de Castro Ferreira, 46 anos, nascido e criado na colônia, presidente da associação Amigos do Manguezal.

Não atravessei nem a ponte pra nascer. Meus pais vieram do Caju em 1952; meu pai era pescador, já faleceu.

Qual é a sua relação com a colônia? Você é citado por quase todos os que eu entrevistei ...

É mesmo? Que coisa boa, porque ... isso é uma coisa que me deixa até ... um pouco ... é ... feliz, e me deixa um pouco preocupado porque ... parece que ... assim.. parece que eles gostam de mim, mas têm vergonha de falar que gosta, ou têm inveja, mas que toda vez que pessoas vêm de fora, eles sempre comentam coisa boa. Mas no dia-a-dia a gente sofre um pouco dessa carga em cima. É ... mas faz parte da vida, né? Mas faz parte.

Fala sobre a origem da colônia.

Oh, essa colônia ... ela ... depois que eu comecei a pesquisar sobre até esse trabalho do mangue ... porque eu tô fazendo um livro sobre o manguezal do Jequiá, fauna e flora, e eu começo ... esse livro eu começo, é .. falando assim ... tudo que ... assim ... aconteceu aqui de mais importante. Então eu fui andando pra trás no tempo, aí eu consegui descobrir algumas coisas. Por exemplo ... assim ... a Revolta da Armada, terminou aqui, no manguezal do Jequiá ... tem a época lá, é ... no tempo da fazenda São Sebastião do Rio de Janeiro, foi em 1868, que os escravos morreram de cólera ... onde é a Estação Rádio agora, era da avó da Chiquinha Gonzaga ... essa fazenda ... onde é a Estação Rádio hoje... Aí eu me deparei com ... é ... a colônia Z -1. Embora a gente more aqui dentro, a colônia tem o nome Colônia de Pescadores Almirante Gomes Pereira ... mas, nem eu nem ninguém dava esse valor ... porque esse nome e tal. Então eu fui na biblioteca da Marinha pesquisar. Foi quando eu descobri por acaso, que essa foi a primeira colônia de pesca do Brasil, né, aí você bate ... por isso que a gente fica assim, porque as pessoas mais antiga achava assim ... pôxa, que a colônia, na época que eu descobri só tinha 79 anos, que era de 1920. Aí as pessoas começaram a falar: pôxa, o meu avô viveu aqui, morreu com quase cem, já existia a colônia. Até você fazer eles entenderem que o Brasil não tem 500 anos, o que tem 500 anos é o nome que deram à terra, foi quando Cabral, né, teve aqui e fundou. Já existia, já existia povos, já existia alguma coisa aqui. Então, a mesma coisa; se essa aqui foi a primeira

colônia, é porque aqui já existia um núcleo de pescadores. Foi tão expressivo ... um número de pescadores expressivo, por ela ser a primeira, senão ... seria Z-2, que é a Almirante Alexandrino no Galeão, seria a primeira; ou Caju, né, que era Z-8, se não me engano, então seria a primeira. Não, aqui foi a primeira, porque já tinha uma grande ... um grande número de pescadores. E ... aí eu comecei a estudar porque essas colônias foram fundadas. Aí nós descobrimos que foi esse tal de Gomes Pereira ... o nome dele era Antônio Coutinho Gomes Pereira, que aí na Marinha cita muito o nome dele em vários trabalhos da Marinha. No término da primeira grande Guerra Mundial ... claro que o Brasil não mudou sua costa, continua grande pra caramba, né, mas naquela época não tinha avião, não tinha satélite, esses navios eram praticamente quase a vela, poucos eram ... eram a vapor ainda ... andavam pouco, não existia telegrafia sem fio nem existia ainda, acho que nem a telegrafia comum ... tava lá fora, mas não tinha chegado no Brasil ... tanto é que o primeiro navio que recebeu o ... telegrafia sem fio foi o Aquidabã, que explodiu lá em Angra. Então, o que o Gomes Pereira pensou? Pôxa, se o pescador ... ele está sempre na beira da praia, ele pode ser os nossos olhos avançados ... da Marinha, no mar. Porque todo lugar, Rio de Janeiro, São Paulo, é ... é ...bem, todo lugar, Bahia, todo lugar de litoral, tem que ser com a Capitania dos Portos. Tem sempre alguém de mar, alguma coisa que você poderia passar a informação. Então que que ele fez: ele pegou um navio (que também tem uma bela de uma história, que era o cruzador José Bonifácio). Tu vê que eu pulo as coisa, né, que vai se encaixando.

Fique à vontade.

É ... esse navio, ele era um iate de luxo, norte-americano, segundo os dados da Marinha, ele ... o nome desse navio era Astor, ele tinha ... ele era ... foi construído por um ex-sobrevivente do Titanic. Era um cara milionário, que fez esse navio. Nem se sabe porque

carga d'água a Marinha comprou esse navio. E ele na Marinha recebeu ... ele chama-se de paquete, que era um barco, ele só tinha 75 m de comprimento, e ele seria pra fazer pequenos serviços pra Marinha: levar pessoal prá uma ilha, pra um farol ... alguma coisa. Mas logo depois, pouco tempo depois, ele passou a servir para o Presidente da República; porque ele era um iate, era um navio, mas era um iate. Ele tinha uma faixa de popa a proa polida, né (eu tenho a fotografia dele), ele é muito bonito. Então ele passou a ser ... a serviço do Presidente da República, que na época era o Arthur Bernardes. Isso eu tô falando em 1919. Então, o que que foi feito? Esse navio subiu o Arsenal de Marinha, e foi feito uma obra nele, tiraram um mastro, que tinha três mastros, deixaram um, botaram um motor de 3000 cavalos, já a vapor, né, tiraram é ... diz que colocaram um canhão ... bem, prepararam ele, e ele passou ... ele teve a ... recebeu o nome de José Bonifácio, cruzador José Bonifácio, e ele ia sair pela costa do Brasil, fundando colônias. E a Marinha precisava de um comandante novo, um cara que tivesse um bom trato com a guarnição, porque era uma turma de elite da Marinha (que naquele tempo Marinha era uma coisa meia braba, né, as pessoas eram muito ignorantes, tinha a lei da chibata ... todo aquele processo). Então, inclusive toda a equipe desse navio era ... quase como fosse uma elite, desde o comandante até o praça. É ... ele saiu em missão bandeirante, e esse comandante chama-se Frederico Vilar; e eu que coloquei o nome naquela ponte ... Frederico Vilar; o nome dele era Frederico Otávio de Lemos Vilar, ele era capitão de corveta ... Na época então ele saiu fundando colônias. Quando esse navio saiu do Arsenal de Marinha, que desceu ... desceu ... saiu do dique, ele ficou fundeado fora da Baía de Guanabara, e ... ali que foi feito os termos de doação. Infelizmente, o Frederico Vilar nunca teve aqui. Nunca. Se teve, não tem dados porque ele foi ... ele foi em todas as colônias da Baía de Guanabara ... foram assinadas a bordo desse navio; então eles fundaram ... eu tenho até o documento da fundação dela, que essa aqui é igual ao Brasil, né, é um dos

poucos lugares que têm certidão de nascimento. Então, tem o decreto que forma ... que funda a colônia. Então lá tá dizendo que em 17 do 11 de 1920, a bordo do cruzador José Bonifácio, o comandante Frederico Vilar, assinou o termo de doação da colônia de pesca Z-1 ao Almirante Gomes Pereira, né? E ela começava da ponte do mirante 700m à margem esquerda do Jequiá, canal acima (ponta do mirante é aqui onde está o portão da Estação Rádio); isso aqui foi tudo aterrado, foi tudo modificado. E ... de lá pra cá, em 1936, quando a colônia teve seu primeiro baque, que felizmente ... na época foi muito ruim, mas felizmente, pra nós, foi muito bom, né, a história conta porque. Foi feito o tal do termo 90 (diz que foi 18 de agosto de 1936). Porque alguém, lendo esses tombos de Marinha de doação de terra, viram que fizeram alguma coisa errada. Eles doaram uma faixa de terra, que ela começava num ponto, terminava num ponto, mas não delimitaram a área; ela começava da ponta do mirante, 700m à margem esquerda do Jequiá canal acima e acabou. Quer dizer, ela começava ali ... 700m, terminava. O que aconteceu com isso? Em 36 fizeram o tal do termo 90, que delimitava ... nós não sabemos até hoje se isso foi erro do cara que bateu à máquina, ou já foi maldade. Porque a colônia era terreno *DE* Marinha, como é Copacabana, Leblon, todos que é banhado por mar ou por rio, é terreno *DE* Marinha; só que no termo 90, ela passou de *DE* Marinha, para *DA* Marinha. Então, essa troca de E pra A, a colônia ficou dentro do terreno do quartel *DA* Marinha. A Estação Rádio é de 7 de janeiro de 1917 e a colônia é de 17 de novembro de 1920. Então, como 36 ... quer dizer, como se aquilo de 20 tivesse morrido e em 36 começou de novo; aí nós passamos a tá dentro da Marinha. O que aconteceu? Com o passar dos anos, a colônia ... porque a Marinha tinha a idéia de que esse pedaço ... talvez já por visão de alguém ... mais experiente, que isso aqui se tornaria um lugar perigoso, uma favela ... alguma coisa ... já pela ... que as pessoas têm uma projeção, né, que viaja mais pelo mundo ... Então, era

proibido fazer qualquer coisa aqui dentro. As casas eram de madeira, não podia derrubar, fazer tijolo. Se caísse, ficava sem a casa. É ... tudo (eu tenho até hoje esse documento) pra entrar era ... um papel que você tinha que escrever para o comandante, solicitando pra entrar um fogão, uma geladeira; se fosse pra fazer reforma, é ... tinha que especificar o pra quê era aquilo, pra quantos metros de areia, de pedra, se fosse acimentar o quintal, se fosse pra fazer alguma reforma ... telha, e ... tinha o sargento, que era o prefeito militar ... ele vinha aqui dentro pra ver. Ele era o porta-voz da colônia com a Marinha.

Em 1994, a Marinha (já tava com idéia mesmo de se livrar do problema), ela passou a área para a prefeitura. E a prefeitura ... ela pegou a área ... que isso era, na realidade, é ... essa área toda foi cinco tombos: é a colônia, o manguezal, Estação Rádio, Instituto de Pesquisa da Marinha e o DEPCOMB (Depósito de Combustíveis da Marinha) ... as áreas diferentes da União. Que a Marinha, na verdade, não tem terreno, né, o terreno é da União, que a Marinha administra. Então, essa gleba da colônia ... é só essa gleba, ela foi cortada, e ela foi retirada das outras glebas. E ... pra isso ser feito demorou quase dez anos pra esse processo ... vai pra Brasília, volta, vai pro STU daqui, volta pra STU de Brasília ... fica aquela confusão toda, em 94 a Marinha se livrou do problema. Que os comandantes que [...] até hoje, eles falavam que eles tinham mais problema com a colônia que com a própria OM, porque o comandante tem que tomar conta se alguém tá fazendo casa, se ... pra que que serve essa telha, pra que serve a Quer dizer, eles não tinham culpa, mas tem que seguir aquele ritual, aquela coisa ...

O que é OM?

É organização militar; IPQM é Instituto de Pesquisa da Marinha; [...] Rio de Janeiro é Estação Rádio do Rio de Janeiro. E ... esse Z-10, que agora é colônia de pescadores Z-10, esse Z é de zona. É a décima zona costeira; que era a primeira. Isso

modificou porque as colônias foram acabando, elas foram-se agrupando, e ficou tudo torto, então a Marinha acertou isso. Primeiro agora é Atafona, e veio, veio... Por acaso, essa aqui, de 1 passou a ser 10; que podia ser 8, ser 15, ser 20, entendeu? Por acaso, ficou 10.

Então, o que acontece? É ... a Marinha ... a prefeitura quando pega, foi criado um grupo de trabalho para regulamentação fundiária do lugar. Como a Secretaria de Meio Ambiente era a tutora da área desde 93, ela ficou com dois representantes da Secretaria de Meio Ambiente, depois vinha: Secretaria de Urbanismo, Secretaria de Fazenda, Secretaria de ... de ... é ... todas secretaria que tem na prefeitura e mais algumas que não tem. E dois representantes legais da comunidade. Saiu no Diário Oficial, 180 dias após tinha que ser feito o grupo de trabalho; quer dizer, três meses. Acabou os três meses, grupo nenhum ... grupo foi feito, o grupo de trabalho não saiu do papel, cantou em Diário Oficial de novo (eu tenho isso aí). Mais 180 dias para criar o grupo de trabalho para regulamentação fundiária da colônia Z-10. Depois, a gente vendo o processo, eu descobri (que a própria Marinha me deu), que ... em cinco anos, o processo voltava pra Brasília de novo. E o processo voltou pra Brasília de novo. Quando volta, agora, a gente não sabe mais. E a colônia está se favelizando, com isso você modifica todo o meio ambiente, né, não é um meio ambiente ... assim ... meio ambiente ecológico que a gente estuda, não. É o meio ambiente social, porque a colônia ... ela começa a se descaracterizar, a gente aqui sabia quem era filho de quem, quem era neto de quem ... que era até uma coisa bonita aqui, que agente falava que na colônia não tem vizinhos; tem parente; que todo mundo é compadre, é sobrinho, é tio, é primo ... ERA. Porque? As pessoas começam, pelo processo que o país tá de desemprego ... e tudo, começam a vender laje, é ... o quintal era ...uma casa, tinha um quintal em volta, hoje em dia não tem mais quintal, tem oito casas, todas as casas são de três, quatro andares, têm casas que as pessoas colocaram uma laje só e fizeram quitinetes ... e você com isso ...

you vai descaracterizando o lugar, é ... colônia deu um salto muito grande pra frente (aí já colônia ... a instituição colônia, né, que o Aníbal é presidente), que aqui, agora ... que a Associação de Moradores foi uma grande conquista, embora esteja se acertando, mas é uma grande conquista, porque o presidente na mesma instituição que a Marinha, o comandante tinha que tomar conta da colônia, e deixava até de tomar conta dos [...] dele, o presidente da colônia de pescadores, que ... é como fosse um sindicato (eles têm que tomar conta dos interesses do pescador), ele tinha que se preocupar que o esgoto tava entupido, que a rua tava esburacada, que a mulher bateu no marido, que o marido bateu na mulher, que a filha do outro tá grávida, que o cara derrubou o muro e invadiu prá frente, e ele deixou ... ele deixou de se preocupar com a colônia, com o pescador. E depois que a Associação de Moradores foi feita, isso houve um desmembramento muito bom; eu acho, no meu ponto de vista, muito bom. Embora tudo crie ciúme, que tudo novo é complicado, aí ... cria problema, mas foi muito bom pra colônia. Porque hoje, o presidente da associação de moradores, ele se preocupa com os moradores e o presidente dos pescadores se preocupa com o pescador. Porque Z-10 ... ela é aqui, quer dizer, toda a Ilha do Governador, toda ela é Z-10, uma é ... Paquetá e uma parte de Caxias, o tal do bairro de Chacrinhas, que é o rio Chacrinhas. Tudo é Z-10. E ... a colônia ... essa colônia Z-10, ela deu um solavanco, com o vazamento de óleo da Petrobrás, né? Deveria ser até mais direcionado à colônia, porque na época do vazamento, eu já falava que era errado dar dinheiro a pescador (eu não digo, o tempo que ele ficou parado, não é isso!); eu acho que foi um ... né, eu acho tanto a Petrobrás, até a CEDAE tinha que pagar a mesma coisa ao pescador, porque a CEDAE ... ela polui muito mais do que a ... do que a Petrobrás. Mas, e ... não era esse dinheiro porque ficou parado. Não. Mas, o invés, de agora, que eles tão reivindicando aí, na época aí, que entrou Federação, começa aquilo tudo de ... de cada um receber 100 mil reais de

indenização (a gente sabe que isso não vai acontecer), né? A Petrobrás, estatal, ela não vai dar 100 ... 100 ... 100 mil reais para cada pescador.

Quando foi o vazamento?

2000 ... 2000. É ... primeiro, porque a primeira coisa que, na época, eu tinha falado com o Aníbal (não sei se faz parte do teu trabalho também), porque é ... eu estou sendo é cético; pra mim, o que aconteceu, na minha visão? É ... a Petrobrás, a primeira coisa que ela fez foi é ... desestruturar a comunidade, a colônia. Ela fez o quê com o pescador? Ela ... ela ... qual a palavra certa, rapaz ... desmoralizou a classe. Porque? Tu vê que em Tubiacanga, acho que deram ... acho que foi 10 mil ou 12 mil cesta básica, num lugar que não tem nem ... não tem nem 5 mil pessoas. Aqui, deram cesta básica pra todo mundo, só que a pessoa ganhava uma cesta básica e assinava como recebido. Que que eles fizeram com isso, os advogados? Como é que a gente pode dar é ... a um suposto pescador, se existe mais pescador na Baía de Guanabara, do que a população de toda a Baía de Guanabara? Muita gente, é ... se tornou pescador agora, pra poder, se esse dinheiro sair, rece ... requisitar o dinheiro, só que ... aquela coisa ... isso tem outro nome: estelionatário, que se o vazamento foi em 2000, não adianta! Agora, qual foi o lado positivo disso? Muito pescador que estava atrasado com a colônia, se legalizou com a colônia, deu mais importância à colônia. É ... outra coisa que eu acho fundamental pra colônia, é que já faz muitos anos, muitos anos, que o presidente da colônia não era um pescador, né? Nós tivemos Seu Wilson Nascimento, já faleceu, que era pescador, mas era ... era ... ele entrou como fosse é ... mais de gaiato. Porque foi feito uma junta e governativa, que não aparecia ninguém pra ... pra ... é ... pra eles ... é ... prá disputar eleição, então forma a junta governativa, aquela junta é aceita pela Federação e pá, é presidente! Na época era o rapaz que não era presidente se não me engano, Wilson, ele era tesoureiro; aí o presidente saiu, o

secretário saiu, aí ele teve que assumir como presidente. Quer dizer, ele foi meio pego na rebordosa! Com o Aníbal, nem tanto! O Aníbal, ele já foi eleito ... presidente da colônia. E ... e até agora ele foi reeleito como presidente da colônia. E isso começa a dar mais uma ... mais uma visão, né, porque ninguém pode falar na cara dele que ele não é pescador; que ele é pescador.

Os pescadores pagam à colônia?

Eles pagam ... acho que é 1% do salário mínimo.

Paga todo mundo que mora aqui, ou só ...

Não. O pescador que paga à Associação de Pescadores; os outros paga à Associação de Moradores. Também quase ninguém paga. É ... mas à colônia é obrigada a pagar porque o Aníbal ... tem a carteira de pescador, tudo isso precisa do recibo da colônia, senão a Capitania não aceita. É como eu tô te falando: o pescador é a reserva naval! Tudo que é da colônia, ela é ligada à Marinha, não tem por onde correr ... não tem por onde correr. E isso é uma coisa, é um fator muito bom! E hoje em dia também, a Marinha ... ela se aproximou mais do mar (que a Marinha estava um pouco afastada do mar). Parece brincadeira, né, começa ... coisas muito burocráticas, e acabam se esquecendo do mar. Então hoje a Marinha está mais ligada ao mar. Ela também está mais ligada ao pescador, eu acho que ela viu a importância... que eu acho que tem que dar mais importância ainda ao pescador. Porque como Gomes Pereira teve a visão que o pescador legalizado ... porque o que que acontecia? Quando ele saía com o navio, ele parava, que não foi o caso aqui mas de outros lugares, a primeira coisa que ele fazia era colocar uma bandeira do Brasil; ele fazia um cerimonial à bandeira, que a gente ... todo ano, no aniversário da bandeira, a gente repete esse ato: é colocado uma bandeira, um pescador estia essa bandeira, a Marinha abre a fita (não sei se você nunca viu) ... abre a fita, a bandeira sobe a fita, que é o apito de [...], é

... são sete apitos, mas são ... é três trinados cada um, que três vez sete é vinte e um; é a salva de vinte tiro. Então dá sete apitos, mas cada apito são três trinados cada vez que o cara [...]. Ai, temu uma história é ... de quando ele fundou ... só pra tu entender, qual era o trabalho dele, do Vilar, lá em ... na ... ilha de ... na praia de Priprioca, na Ilha Grande, eles tava ... eles ... é escrito no diário de bordo dele, que a ... quando eles fundavam uma colônia, num lugar, num vilarejo, era uma festa, né? É ... as pessoas ... as mulheres e os homens botavam suas melhores roupas, as crianças ficavam em alvoroço, na falta de uma banda militar, o apito do MR (?) prestava ... fazia o cerimonial à bandeira, toda a guarnição de branco batendo continência, é ... é ... era o Brasil que estava ali sendo colocado. E ele ... ele diz que uma velhinha, bem velhinha, chegou perto dele e falou: mas que bonito pano! Porque pela primeira vez, ela, a tão poucas horas do Brasil ... do Rio de Janeiro (que era Angra), ela nunca tinha visto a bandeira do Brasil. Então o que acontece? Quando ele fazia isso, na realidade, e ... além disso, ele fundava uma escola, um posto médico, né, dava noção de cidadania e do que é ser brasileiro. Ele saneava, ele saneou o litoral. Sofreu muito, o Vilar; esse da bandeira é muito bonito, mas tem um muito triste: e ... ele estava no Maranhão (e você vê que as coisas não mudaram muito), e lá no Maranhão, os coronéis se arvoravam donos da praia. O pescador, pra passar a praia pra pegar o barco dele, tinha que pagar um dízimo ao coronel. E os banca de peixe eram dos coronéis. Então, além do cara pagar prá poder ir pro mar, na volta, ele só podia vender o peixe para o coronel. É o que acontece hoje, só trocou os coronéis ... é o que acontece hoje. E ... e o Vilar soube disso; ele fez uma carta, que na Marinha a gente chama de externo ... é um cara de bordo que faz serviço de correio, leva e traz informação, manda carta, pega correspondência, essas coisas. Ele pediu ao externo pra levar o chefe dos banqueiros que ele viesse ao navio conversar com o Vilar. Quando o externo voltou, com a carta ali, intacta na mão, falou pro oficial de

serviço que a ordem dele não pôde ser cumprida ... do comandante, porque o ... pediu permissão para falar com o comandante o que o ... o dono da banca tinha dito. Aí, o oficial de serviço levou ao comandante, e ... não diz os palavrões, mas tá escrito assim: que o cara usou todos os termos (faltou a palavra ...), quer dizer, todos os palavrões da língua lusa ... de baixo calão da língua lusa; quer dizer ... é ... do A até Z, tudo quanto foi palavrão, ele xingou o comandante! O Vilar pegou a guarnição, o imediato dele, que era o Almiran ..., o Comandante Pina, que era um cara que também não era de brincadeira, uma guarnição de marinheiros armados, e a ordem era buscar esse cara preso. Pára a história por aí, daqui a pouco volta de novo, que diz o seguinte; que aqui no Rio de Janeiro ... ele foi chamado ao Rio de Janeiro, o Vilar, porque ... ele fez errado; ele deveria ter ... comunicado ... ele tinha que ter comunicado ao comandante do primeiro Distrito Naval, pro Distrito Naval ter comunicado a não sei quem, pra não sei quem ter comunicado a não sei quem, toda uma hierarquia. Quer dizer, com isso, ele passou por cima e ... e pegou muito mal prá ele; e ... e ... está escrito o seguinte: que infelizmente, isso tudo aconteceu porque o sogro ... o genro desse dono da banca era um dos diretores do Jornal do Comércio aqui do Rio. Aí, né, na primeira capa, Comandante ... (eu tenho a capa do jornal aí) ...Comandante Vilar do José Bonifácio faz não sei que lá ... quer dizer ... E você vê que essas coisas não mudaram até hoje. Eu passo é ... essa situação com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, né ... esses coronéis que você ... é difícil de você conseguir... eu acho que eu deveria até Sociologia, né, não meio ambiente; talvez eu soubesse me dar mais com essa raça, que eu não sei me dar com isso!

É ... mas eu acho que, por exemplo, assim: a colônia, hoje em dia, está muito melhor. É ... mais pessoas é ... se preocupam com o manguezal, talvez não como eu, mas ... que eu sou mais apaixonado pelo trabalho que eu faço. Mais pessoas sabem mais da

importância do manguezal, elas já começaram a entender um pouco mais do trabalho, hoje elas batem no peito que essa aqui é a primeira colônia de pesca do Brasil, né, que ela tem 83 anos, muita gente já conhece um pouco da história ... a gente, quando fazia o evento ali, o cerimonial à bandeira, no aniversário da colônia, nego dizia que era palhaçada, que era meu aniversário, essas coisa que você sabe por aí. A última, é ... de lá, quando eu olhei, todo mundo aqui do bar que fica tomando cerveja, todo mundo em pé! Todo mundo nas janelas, aí eu ... é ... quando eu ... a primeira coisa que eu falo é isso: é mesmo um bonito pano, consegue mudar as coisas!

Quer dizer, as pessoas estão com as suas melhores roupas, não por causa da fundação da colônia, mas porque? Porque várias pessoas de fora estão vindo pra cá, tem a banda da Marinha, tem outras pessoas, outras autoridades, e eles não querem ficar com a roupinha mais rasgada, ou o chinelinho, bota só o sapatinho, porque é o lugar que eles moram. Eles nem sabem que eles tão fazendo isso, né, que é engraçado, mas a gente já conseguiu mudar a mentalidade. Porque é muito difícil você conseguir isso, né? Em que mais eu posso te ajudar?

Em que momento você entra com essa paixão pelo manguezal? Em que momento dessa história você começa a atuar?

Ih, rapaz! Olha, eu fui criado aqui dentro ...

Você nunca trabalhou com a pesca, né?

Hum ... não. Meu pai, meu avô, toda a minha família, mas eu não, porque meu pai tinha é ... eu acho que ... eu sei fazer tarrafa, remendo, mas, eu até digo que eu não gosto que as pessoas me chamem de pescador, porque eu não sou digno de ser pescador, né? É ... eu tenho paixão por esse lugar; não é pelo mangue não. É por esse lugar. Eu tenho paixão por esse lugar, porque ... a gente nasce num lugar que é tão bonito, tem tanta história, e as

peessoas não dão valor àquilo que elas têm. Eu sempre falei que a colônia ... eu comparo muito a colônia com a Mangueira. A mangueira, você vê, ela não é a primeira estação do trem, a primeira é Lauro Muller, o mangueirense, ele é altamente besta, e diz que a primeira estação é a Estação Primeira de Mangueira. A ... eu sempre falo prá tudo mundo: olha gente, a maior favela, acho que do mundo é a Rocinha, mas tudo mundo só visita é a Mangueira; é presidente, é Papa, é ... Porque o mangueirense, ele fala de Cartola, ele fala de Candeia, fala de Zica, né, fala de Nelson, então ... são pessoas que morreram! E daqui, eu falo de Itaipu, que já morreu, já falo não sei de quem, faço poema pra eles, eles ficam todos bobos, mas porque? Se a gente não resgatar o que é nosso, por exemplo, aquela sede, é a primeira ... é a primeira ... escola da Ilha do Governador! Era Escola de Pesca Arthur Bernardes.

Aquela que está sendo reformada?

Tá sendo reformada! Eu sempre falo pra eles: olha, isso aqui nunca pode ser destruído! Isso aqui que é a identidade da colônia! Tem que ser reformado, mas nunca, nunca tire o telhado, mude a fachada, não façam isso. Que o dia que vocês fizerem isso, é aterrar o manguezal. É destruir o manguezal.

Agora, o meu negócio com o mangue, é porque, eu era criança, e você sabe que toda criança gosta de pegar siri, pegar caranguejo, essas coisas de criança. Acho que hoje nem tanto, que as crianças perderam um pouco mais de vínculo com as brincadeiras de roda, de bicho ... essas coisas todas. Mas, é ... quando o caranguejo andava, a gente ia pro mangue pegar caranguejo e ... lugar de jogar lixo, era no mangue. Então, pegava o carrinho da minha casa ... de lixo, jogava no chão da casa de D. Ivone, e minha mãe ... não tinha um dia que eu não apanhasse porque eu ia pro mangue e não voltava, né, minha mãe ficava p. dentro da roupa porque eu ia jogar o lixo (não tinha outra pessoa pra levar, era eu mesmo) e

eu vinha todo sujo, todo arranhado, mas é coisa de criança ... todo mundo andava no mangue, e ... fazer o ...todo mundo andava no mangue! Só que chegou um dia que a gente entrava no mangue pra pegar caranguejo, não tinha caranguejo; o marisco sumiu, então, a gente falou: pô, que que tá acontecendo, né? E ... nessa época, eu já trabalhava com um homem que eu tô falando que o Brasil fez poucas homenagens pra ele, mas espero, um dia, que façam muitas. Foi o comandante ... o Almirante da pesquisa, o Paulo Moreira da Silva. Até Jacques Cousteau fala dele. Ele participou de Haia, ele fez o cão; ele era o oceanógrafo mais respeitado do mundo! E o Brasil não o reconhece. Claro, que nós temos hoje a Universidade do Mar, que ele fundou em Cabo Frio, é a Universidade do Mar Paulo Moreira da Silva, é ... mas acho que a parte biológica, o que esse homem fez pelo Brasil, na parte do mar, até hoje ninguém deu valor a ele. Eu acho que a própria Marinha esqueceu um pouco quem era ele; como esqueceu também do Vilar ... do ... do Gomes Pereira, que acho que deveria ser lembrado, a gente faz o possível pra lembrar. Você deve ter visto aqui do lado aqui, uma placa, que nós colocamos ali, tem até erro de Português, tá, mandamos ... o b. do cara me bota a data errada, 2202, e 4, sei lá, e ... também tem um erro de português. E aí, é um poema e está errado; dei o papel e o cara entende errado.

E ... então, eu trabalhava em Oceanografia, e ... fazendo plotagem, e ... e eu peguei ... foi minha primeira ... aliás, minha primeira decepção. Que você começa a se decepcionar cada dia que você passa. É ... lá ... o Instituto de Pesquisas era totalmente biológico, hoje em dia já não é mais; hoje em dia é armamento, sonar, tudo pra guerra. Naquele tempo tinha Biofísica, Bioquímica, é ... Biologia Marinha, Oceanografia, Física, né, porque era a parte de instrumento de vento, onda, temperatura, salinidade do mar ... lá fora ... era mais biológico. E ... e eu fiz esse trabalho, que é o Relatório Geral do Manguezal do Jequiá de 1978 ... 79. Então ali eu coloquei qual era a fauna, a flora, né, é ... livros quase

não existia, como até hoje tem muito pouco livro que fala ... sobre manguezal. É tudo muito salpicado, você tem que ... sabe, pega em vários pedaços ... só tinha muita coisa em ... em francês, muita coisa em alemão ... tinha uma menina que traduziu, mas ... pra tu ver a dificuldade que era. No Instituto de Pesquisa da Marinha, hein! Que ali tinha tudo que você pudesse fazer. Bem, querida, aí o q que eu fiz? Eu fiz ... eu trabalhava com o comandante Paulo Roberto, que ele era o chefe do Departamento de Pesquisa, então eu peguei esse relatório, entreguei a um tenente (olha só como é que funciona as coisa; a gente é inocente...). Eu peguei, entreguei a um tenente, prá ele entregar ao comandante; porque daquela época então, era ... o militarismo tinha muita potência, então a gente não tinha ... embora ele fosse meu chefe direto, você não tinha acesso ao comandante, né, era ... abrir uma porta pra falar com ele, ele não se importava, mas não sei se era por causa da repressão já da colônia, aquele negócio de comandante parecia já quase um deus (outro dia, o último veio aqui em casa, minha mulher botou ele pra lavar louça aqui em casa. Ele, a mulher dele, a minha esposa e a esposa dele batendo papo na cozinha tomando café e o pobre do homem lavando louça. Eu falei: meu Deus do céu, há 20 anos atrás, se eu falasse isso, a gente nunca ia dizer que isso acontecesse. Gente finíssima, o Curi. Gente finíssima!). Aí ... eu entreguei ao tenente. Quando o tenente entrou, demorou um pouquinho a sair, falou assim: Zé Luís, o comandante pediu pra você tirar uma xerox. Fui lá, tirei xerox ...Aqui, chefe. Ele pediu pra você arquivar a xerox. Arquivar? P., botei ... fiquei muito ... p., eu não queria nada, eu queria que ele ... p., porque que ele tá fazendo isso? Pôxa, eles tão aterrando o mangue, né, a pessoa intervir, e tal ... Fui almoçar; quando eu tô saindo, encontrei com outro tenente amigo meu, chamado tenente Guedes(outra p. louca do cacete). Que foi Zé, tá chateado? Eu falei: pô, aquele trabalho, chefe ... O que que tem aquele trabalho? Pô, entreguei pro tenente [...], entregou pro comandante Paulo Roberto ... E daí? Ele pediu pra eu tirar uma xerox, dei

a xerox, ele mandou arquivar! Arquivar? É. Dá essa cópia pra mim. Aí, eu dei a cópia pra ele. Hum ... quando deu três e meia da tarde (eu tinha os cabelos grande assim) aí ele: Zé Luís, vai no banheiro, passa uma água nesse cabelo e desce comigo. Ué ... O Almirante quer falar contigo. P., já falar com o comandante era ... falar com o Almirante era um ... era falar com um Lula hoje, um presidente da República, um Fernando Henrique da vida aí; falar com um Fidel Castro, um Bush! Aí, eu entrei com ele ... ele era baixinho, o Moreira, super educado ... mandou eu sentar, me elogiou, perguntou ... aí me perguntou que que eu queria ... Aí eu falei: pôxa, tá acontecendo isso, isso, isso. Aí ele falou: é o manguezal do Jequiá aqui, né? É, eu me afasto muito, tem uma área tão bonita aqui, mas ... não se preocupa não. Eu vou ver o que que eu posso fazer, depois eu te digo.

Puxa, eu saí ... alegre, né, o mangue vai ... Quando eu tô no [...], ele falou assim: o Roberto quer falar contigo. Comigo? É. Bati na porta, com licença, comandante? Entra aí. Que p. que tu me arrumou? Eu, chefe? Como é que tu entrega o trabalho ao Almirante, não entrega a mim? Eu falei: como é que é, chefe? Chefe, eu entreguei ao tenente Anderson, tá todo mundo aí na sala sabendo (pô, trabalhava na sala comigo, cinco sargento); todo mundo escutou. Você disse pra ele me entregar? Foi, ele disse se eu podia tirar uma xerox, dei pra ele, você mandou arquivar. Eu?

Olha só: aí o tenente Anderson ... em mim. Começou, né ... aí já começa: a gente fazia trabalho, eu ia pra Cabo Frio, fazia pegar prá largar ... é... que a gente acaba sendo técnico, né, então, largar garrafa de lança, é... largar corretômetro, é ... ondômetro (?); a gente largava e a gente ganhava diária. Conclusão: nunca mais (era eu e mais dois civis nessa sala) ... só ia os outros dois, eu não ia mais. Eu só ia aqui na boca da Barra pegar água fazer água padrão, que até eu ... entregava nesse navio que tá agora ... tá no fundo aqui na ... em Niterói; é ... ir lá na ... dentro dos rios pegar tubulão lá dentro. Só aquele trabalho ... sem

almoço, sem janta ... p., menina, eu fica p. ... quando ia pra Cabo Frio, não tinha diária, que era ir e era voltar. Não passou muito tempo, uns 15 dias depois, outra porrada! O Departamento de Biologia dali me apertou, porque eu não poderia ter feito um trabalho (só esse Brasil mesmo! rs) porque eu não era biólogo! Como é que eu fiz um trabalho, e eu não participei, porque ... porque começou um negócio ... uma besteira ... Olha, eu comparo esse trabalho que eu faço com aquele tal de pagador de promessa. Se o padre deixasse o infeliz entrar com a cruz, botar dentro da igreja, e virasse as costas e ía embora e ele fizesse o que bem entendesse com a cruz, ninguém nem ia saber o que estava acontecendo, o que aconteceu (você viu o filme?). O desespero por causa de quê? Porque ... simplesmente, porque envolveram política, envolveram ... O cara só queria é entregar a cruz! Então, de lá pra cá, é ... eu tive que sair da pesquisa, que não deu mais! A gente tem ... embora que não seja civil, você ... pô vai trabalhando, vai trocando de departamento, pô, tu vai recebendo conselho, tu vai subindo, eu era nível ... [...] né, eu acho que até nível oito, e eu vi que não tinha mais jeito. Aí eu falei: vou sair fora, porque ... é ... na época do regime militar, minha filha, o negócio tava pegando fogo! E já começo, nego dizer assim ... olha, minha filha, parece um troço, que você fica olhando assim, que que tá acontecendo? Na hora do almoço, ninguém sentava na minha mesa; tu acredita nisso? Olha ... e de lá pra cá, é ... eu fui trabalhar na Emaq [estaleiro], e a Emaq ... parece que acontece um troço que te tira, né, não adianta, parece que é teu destino tá marcado, não tem jeito. É ... faz tempo que eu não falo isso ... é ... trabalhei na Emaq, trabalhei na Emaq oito meses e ela deu falência. Aí ... desemprego brabo, né, aí, eu ... voltei prá cá! Aí fui trabalhar ... trabalhei de carpinteiro, né, é ... pintava casa, me virava como outra pessoa qualquer. Aí, eu fui trabalhar (que eu sou mestre-arrais) ; aí, meu pai, que Deus o tenha, me arranjou pra trabalhar no Iate, Jardim Guanabara. Aí eu trabalhei no Jardim Guanabara um bom tempo. Aí, fui pra Angra num

saveiro; casei, eu e minha esposa morava num saveiro ... lá em Angra. Comprei um terreninho lá, não deu nem tempo de construir. O dono vendeu o barco para uma empresa de turismo e ... aí eu tive que vir embora pro Rio. Quer dizer, aí você monta a tua vida toda num negócio, e aquilo desaba ... parece um troço. Lá ... eu de volta pra cá. Aí, eu tinha minha carpintaria aqui ... comprei isso aqui, fiz minha carpintaria, fui ... Fora isso, você começa ... faz limpeza no mangue, é ... teve um estudo de 90, que a UFRJ aí, que eu comecei a mais ... me dedicar mais ainda aqui ... é ...

Não foi a Uerj não ?

Foi a UERJ.

Você falou UFRJ.

Foi a UERJ; é Relatório Preliminar da Bacia Hidrográfica do Rio Jequiá. Só que o pessoal que fez o projeto, que fez o projeto, era o pessoal da UFRJ, que era o Rogério, a Vânia, o Bombom, o Osni e o Vergara. Porque nessa pressão de fazer limpeza com a mão, esse trabalho, o almirante, aquele rolo todo, surgiu esse trabalho. Depois de tantos anos, Feema ... metendo Feema na jogada, foi quando eu conheci a Dra (nem dra é, tadinha; eu chamo ela de dra) a Norma [...] Maciel, p... p. de uma pessoa ... ela tem um livro ... eu tenho um livro dele que ela escreveu pra mim assim: meu amigo Zé Luís. Para que você nunca perca o entusiasmo. A última vez que ela me encontrou, ele disse assim: é, meu filho, nós estamos de cabelo branco e o mangue continua morto! Eu falei: é dra, é. Que ela me falou: desiste, que isso aqui não tem mais jeito. O mangue era tudo, tudo morto. E agente briga, briga, tira lixo, tira pneu, chama a atenção, fez um invento daqui, pega dela, e você começa a contar ... tava até falando pra um grupo ainda agora a pouco, de manhã, você começa a lidar com um grupo que você não sabe que você não sabe com quem você está se metendo ... por exemplo: esse nosso querido José Richard, na época ele queria aterrar o

mangue, pra fazer ... uma ... um estacionamento pra ACM. Então, saiu uma matéria no jornal chamado “O Pântano do Jequiá”. Tem que ser destruído, tem que ser aterrado porque não existe mais o manguezal. Hoje é um lugar de doença infecto-contagiosa, inclusive do lado do Posto de Saúde Necker Pinto ... Ih! Quer dizer, olha com quem eu já estava ... sem saber, eu já estava brigando com interesses muito maiores do que o meu, de tomar conta do caranguejinho. E ... mas, mesmo assim, a gente continuou brigando ... faz daqui, foi quando veio esse trabalho, foi quando eu conheci esse pessoal da UFRJ ... o Rogério, a turma toda ... foi quando eu descobri a piruinha, que eu chamava de maçarico, eles chamava de piruinha ... eu descobri que era o maçarico, descobri que eram cinco espécies diferente, aí eu comecei já a identificar já os caranguejos ... esses chama a maré, tudo por nome científico, comecei a me entusiasmar mais de estudar e ler. É ... o que salvaria o mangue? Se isso fosse uma área de proteção ambiental. Oh, meu Deus, ontem fez onze anos; a APARU. Aí, eu estava viajando pra Bahia, I Seminário de Educação Ambiental em Área de Manguezal, Maragogipe. A galera já tava lá, e eu fui...eles arranjaram pra mim a passagem de avião; eu sempre duro como um coco ... como eu tô desempregado desde novembro. Por causa dessa palhaçada nós perdemos o apoio da Shell. Nos temos uma estufa de mangue, não pode plantar! É engraçado, né? É ... quando eu cheguei em Maragogipe, em Salvador, fui numa Kombi (que Maragogipe fica do outro lado do aeroporto, né, fica a 160 km de Salvador; perto de Itaparica essas coisa, lá do outro lado). Cheguei lá falei com a minha amiga Vânia; Vânia, estou muito feliz! Ela: o que que foi Zé Luís? O prefeito César Maia decretou o APARU do Jequiá. Ela falou assim: agora você se prepara; vai começar teu dilema. Agora é que vai começar a sofrer. Eu falei : que é isso, Vânia, tá me jogando praga? Ela falou assim: daqui a algum tempo, você me diz.

P., que boca, mas que boca! Porque foi decretado, e nada. Porque eu nunca fui ... eu sempre fui um pouco caranguejo, sempre fiquei enfiado aqui dentro, né, não saio. Então o que que acontece? O que que você ... passa pela sua cabeça? Que assim que a coisa for decretada, as pessoas vão parar de cortar mangue (que cortava mangue; eu plantava, eles cortava pra fazer árvore de natal).

O pessoal da colônia?

O pessoal da colônia ! porque parece um pinheirinho, o [...], pra cortar e fazer árvore de Natal; tirava as folha, olha (rs). Pegando caranguejo, pegando maçarico, destruindo tudo. E você vê aquilo, tudo que você acha que iria ser resolvido ... continuava na mesma. A Marinha não fez nada, você luta, luta, luta, luta, e o decreto nada, e você começa a falar e aí o cara diz: é assim mesmo, que calma, que as coisas ... é muito pouco tempo, isso demora, porque tem todo um processo, tem que ... a Secretaria Extraordinária não é a Secretaria do Meio Ambiente, o que que a gente faz pra ser a Secretaria do Meio Ambiente? Porque ele á ligada ao Urbanismo. P., faz evento, faz ... ajudando à p. da Prefeitura! É bom gravar mesmo: à p. da prefeitura. Aí decretaram a Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Primeiro secretário: Alfredo Sirkis. Uma vez fui falar com ele, me maltratou: “eu quero saber da p. daquele mangue, rapaz?” Assim mesmo, na minha cara. É. E você continua ... aí você acha que o problema é o secretário (ignorante!). Já que a prefeitura não quer fazer p. nenhuma ...eu tenho uma ... um ofício malcriado que eu mandei pra ele (quase que eu esqueci disso) que a Associação Amigos do Manguezal do Rio Jequiá se retira do apoio de qualquer coisa da prefeitura, porque aqui eles não fazem nada, não servem prá p. nenhuma. Eu tenho esse ofício guardado comigo até hoje! Esse ofício, quando bateu lá, foi um escândalo! Mas também, não fazia p. nenhuma!

E o b. aqui, plantando; isso aqui era cheio ... pode perguntar; era cheio de caixa de muda de mangue, educação ambiental, e reportagem, e toda vez que aqui fazia alguma coisa, lá eles ... olha só a idéia dos caras. Até que quem recuperou o mangue todinho foi a Secretaria Municipal de Meio Ambiente. A gente bota um projeto, é ... botaram outro secretário ... mudou, colocaram uma menina chamada Diná Almeida, ela veio aqui conversar, conversou com todo mundo, que iam colocar um projeto aqui dentro que é o Mutirão e Reflorestamento, que gostaria muito que eu fosse o encarregado, que era a pessoa que conhece o mangue, conhece tudo, e não teve ninguém pra me alertar, pra falar assim: não entra! Você desempregado, vivendo de biscate, todo mundo achando que você era maluco, brigando por uma coisa que todo mundo jogava lixo e aterrava. É ... que que você acha? P., agora, nego começa ... não, você não se preocupa, que as coisa vão começar a funcionar. Sabe porque eles fizeram isso? Pra jogar a comunidade contra mim. Derrubaram casa dos outros, Guarda Municipal dando porrada nos outros ... eles diziam que era eu que mandava. Por causa do manguezal.

Você entrou como encarregado?

Entreí como encarregado. E ... e eu pedi demissão!

Porque tudo o que acontecia era sua culpa?

Porque ... tem aí, tem coisa que prova ... que eles são tão burro que eles escrevem. É que quando eu abri a ação [...] aí ... mas você acha que é o secretário. Quando muda o secretário e continua a mesma coisa, já a culpa é do prefeito! E aí você já começa a bater no prefeito. Aí você ... muda o prefeito ... aí você .. agora vai começar a dar certo! Continua a mesma coisa, não muda p. nenhuma! Aí você descobre que não é nem o encarregado, não é nem o engenheiro, não é ... é o engenheiro do projeto Mutirão! Os caras, que são os técnicos! Aí, olha o que aconteceu: é .. pedi pra falar com a Graça Pereira,

pra marcar uma audiência com o prefeito César Maia. Porque senão, você não consegue marcar. Aí fui eu, a dra Cleide Borges, que é ... é subsecretária de meio ambiente de Nilópolis, ela tem uma empresa, que é a Técnica Engenharia (ela é muito amiga da Graça Pereira), Graça Pereira, eu e Marcos, que é o diretor da associação. Sentamos para conversar com o prefeito. Quando eu entrei na sala, o César olhou pra minha cara com um ódio, porque já sabe, né? Porque antes da reunião o cara que é do Meio Ambiente ... Eduardo (Eduardo Paes), que que tá acontecendo lá? Quem é esse ... que que tá acontecendo lá? Ih, prefeito, é aquele cara, o Zé Luís, aquele cara é um problema. Que eu dei um azar muito grande, que a Globo veio fazer uma matéria comigo dum trabalho que eu tava fazendo aqui de replantio, e ... era pra passar no RJTV. Aí, morreu a Madre Tereza de Calcutá, aí ficou uma semana inteira falando de Madre Tereza. Na outra semana morreu a Lady Di. Pensei que não ia ter mais nada. Aí um dia, eu tô em casa, aí saiu no RJTV,(uma matéria pequenininha); eu falei; pô, legal ... aí ... não, minto, deu no Jornal Nacional. A menina era a ... a Mônica Sanches (quando eu me encontrei com ela, ri muito com ela); aí ela passa no Jornal Nacional. E saía só Madre Tereza ... Madre Tereza... Aí, um belo dia, RJTV, primeira edição, saiu a matéria no Globo, aqui do manguezal. Foi legal, pá, pá pá ... Um domingo, Dia da Árvore, final do Fantástico (nunca mais esqueço): eu deitado na minha cama, no meu quarto, na casa da minha mãe (aquela coisa de pobre, né: uma cama de casal, um berço do lado, né, minha esposa passando a ferro, meu filho era pequenininho ... do meu lado, fazendo aquele friozinho gostoso, ele tinha o quê ... 1 ano e pouco), aí o Bial começou a falar um negócio ... eu brincando com ele, daqui a pouco eu olho ... aí, um p. dum sol e uma garça cortando o sol assim (fez o gesto da ave voando). E tinha passado isso no RJTV. Eu falei: Cláudia, isso é o manguezal do Jequiá, Cláudia. Aí a Cláudia: só fala nessa p. (pergunta a ela!), só fala nessa p. desse mangue! Aí eu comecei a prestar atenção;

ela falou: p., é o Jequiá! Foi a homenagem que fizeram pra mim. Maldita hora! Olha, foi num domingo, querida. Na segunda-feira, parou um carro na casa da minha mãe, é ... boa tarde; não, bom dia. Minha mãe: bom dia. Seu José Luís está? Minha mãe: oh, meu filho, ele acabou de sair; pôxa você podia ter encontrado com ele. Ele tá de calça jeans azul e uma blusa quadriculada. Aí o cara: acho que eu passei por ele, sim, ele tá com uma pasta na mão. Olha, ele deve tá naquele bar lá fora, que ele pára pra tomar café, que ele vai pra cidade. Tá bom: aquele carro pára ... Seu José Luís? Sou eu mesmo. O sr pode assinar aqui? Que é isso? O sr tá sendo intimado (até o dono do botequim: ué!). O sr tá sendo processado pelo CREA por exercício ilegal da profissão. Eu? Eu não sou médico! Que exercício ilegal da profissão? É médico, dentista... Ele falou: olha, eu não sei; só tô entregando o papel, meu amigo. Tá bom ... Sabe o que que era? Porque eu não podia produzir muda de mangue, porque eu não era engenheiro florestal, que eu não tinha autorização da Secretaria Municipal de Meio Ambiente pra plantar mangue! Olha, menina (olha, pergunta pra minha esposa, só; por minha esposa, eu já tinha vendido essa m. toda e tinha ido me embora), você não sabe o que é um inferno ... é um inferno! E eles ... Foi quando ... é ... o César falando assim comigo, assim com ódio, porque nós abrimos uma ação na justiça, por omissão, porque nós avisamos que o mangue ia morrer, pa eles tavam fazendo coisa errada: aterraram, fizeram tudo de errado. Não olharam nem a p. do documento do trabalho da Uerj, não chegaram a ter o trabalho de olhar aquela m. ... dar uma olhada e ... Não! Eles vão fazendo! O Centro de Visitação dentro do mangue, eles aterraram o mangue pra fazer o Centro de Visitação. Aterraram o mangue pra fazer aquele rancho de pescador, fizeram um cais de pneus, diz que fui eu que pedi pra fazer. Agora tu vê, rapaz, eu vou pedir pra fazer um negócio, por boca, e eles fazem? O que é por escrito, eles não fazem nada, e por boca ... é ridículo uma p. dessa, mas isso é Brasil, né? Olha, ele parou e falou assim ...porque eu

falei assim: fui eu sim, prefeito, porque ... é o meu papel de cidadão; e a Graça me catucando: cala a boca, quanto menos falar com essas pessoas, melhor. Mas se o sr pedir, eu tiro. Aí, ele ... no computador dele, ele falou assim: olha, meu filho (nunca mais eu esqueço); olha, meu filho, vou te dar um conselho pra você. Ninguém, ninguém pode ir contra a máquina! Nem eu! Eu sei que aquilo tá errado, mas eu não posso ir contra meu secretário.

Foi quando eu fiz uma coisa que depois eu me arrependi de ter feito. Primeiro que eu ... eu faço parte de uma instituição que prega ... que ensina você a ter tolerância, escutar e ficar calado. E ... a Graça, embora eu nunca trabalhei pra ela, que eu não gosto de política, mas ela me conhece há muitos anos, e sabe que pra eu mandar ... dar um tapa na cara de qualquer um, eu dou e eu não quero saber das conseqüências depois. Eu dou mesmo; se eu tiver que mandar pra aquele lugar, eu mando mesmo. Se eu for contar, olha que m. que eu fiz, mas tá feito ... Aí eu comecei a já me coçar na cadeira, né, e a Graça já tava, coitada ... e a Cleide olhava pra minha cara, e o Marco apavorado... dizendo: esse cara vai fazer m.! A mesa dele é cheia de babilaque ... a do prefeito. É coruja, é cristal, é cheio de ... vontade de meter a mão naquela m. e ...

Mas isso foi na outra gestão?

Agora! Foi agora, minha filha! Isso foi agora! Não tem o quê ... não tem nem um ano! Quer dizer, ele sabe que tá errado, pô, que tu imagina? Se ele sabe que tá errado ... foi até que ele me disse depois, na hora de ir embora; ele falou assim: me prove quem tá errado; se for eu, eu conserto. Aí, quando veio o resultado do Ministério Público, eu mandei um ofício pra ele, lembrando a ele pra presente pra pá, pá, pá, mandei a cópia da fotografia da gente lá, de sacanagem, falei assim; vocês foram culpados, vocês resolvam. Agora vão fazer outro estudo, mas isso tudo na ... E fora isso, eles fazem fofoca; botaram um grupo pra

trabalhar, diz que ía mandar embora, porque eu que ... ih, menina! Sabia que trabalhar em comunidade é ... bem ... É ... o que eu me arrependi foi que ...é... que a Graça falou assim: é, seu prefeito, já que nós ... o sr não pode resolver, é com seu secretário, então, nós temos que ir embora. Ele: desça e fale com o meu secretário. Mas péra aí, deputada (que ela é deputada, né, é ... eu gosto muito dela). Ele falou assim: ah, deputada, também não é assim, não. Vocês vieram me visitar, pô; vamos pelo menos tomar uma água, ou um café. Aí tocou aquele “ehn!”, aí vem aquele cara com água, café... Aí, dois cálices: um com água ... água sem gás e água com gás, outro com café. Aí o cara: água? Eu: com gás, por favor. O cara me deu, sorri pra cara dele assim, botei na mesa dele, fiquei olhando pra cara dele. Aí o cara: café? Eu: adoçante, que eu não posso engordar; três gotinhas. Aí o cara botou as gotinhas, aí eu mexi e o pessoal bebendo, bebendo água, tomando café, e eu olhando pra cara dele. Ele tem que perguntar, né? Você não vai beber? Eu falei assim: pode tá envenenado!

P., menina, a Graça fez assim ... coçou a cabeça, aí eu falei: Prefeito, eu costumo admirar as pessoas, não porque elas são boas, porque ser bom é muito fácil. Difícil é ser justo! Eu vim aqui, atrás de justiça; não pra mim; pra lá. Mas já que o sr não pode fazer nada, então, agradeço a sua ... a sua ... o sr ter nos atendido, fico muito feliz em revê-lo de novo, e qualquer dia desse a gente se encontra por aí.

Tirei foto do lado dele, mas ele tava que ... porque ele não gosta de ser tocado! Esses cara, a última palavra é dele, então, eles não gostam, e ele sentiu que ... porque ele é muito inteligente! É. Mas ele sentiu também que o escândalo não ia resolver nada pra ele. Porque ele teria que mandar me matar; porque eles mandam, mandam. Que aqui é pior que ... acho que eu meti minha mão ... numa cumbuca furada! Porque você começa a ver as coisas, querida, aqui, que você nunca imaginou na tua vida, o que é isso na realidade.

Enquanto eu fico preocupado em ... em ... em educação ambiental, que as pessoas parem de jogar lixo no mangue, se o mangue fosse aterrado seria uma p. de uma favela, as pessoas perderiam sua dignidade, o pescador perderia seu respeito, o que que você prefere? Com o processo que o país tá passando hoje, aterrar o mangue e fazer uma casa pro teu filho, que ele não tem onde morar ou você preservar o manguezal para que teu filho tenha estudo suficiente ou vocês produzam uma microempresa na tua casa pra vender camisa pra turista? Pra essas pessoas, isso é uma coisa muito longa, isso é uma coisa que nunca vai acontecer. É mais fácil você aterrar e fazer casa, fazer ... É ... você pode reparar, olha aqui a minha casa: a minha casa dá de fundos pra colônia e de frente pro mangue. Aqui é minha sala, a minha varanda, tem a minha sala e meu quarto. Isso aqui é o quarto do meu filho, e a cozinha dá pra lá. Os fundo da minha casa dá pra comunidade! Se você vê as outras casas, é o contrário: os fundos da casa que é o mangue; então é lixo ... esse botequim aqui do lado, tem a rede de esgoto da CEDAE que passa aqui na frente, o cara joga o esgoto dele no mangue! É lixo da cozinha dele, é chapinha da cerveja, é plástico com camarão, com casca, casca de cebola, criando rato, e você vai falar com quem? E o que você vê na realidade e o que ... eu fico pensando o seguinte: oh, uma m. de um manguezal desse tamanho, que você tem já uma comunidade mais ou menos que ... que ... que é mais ordeira, porque só uma faixa que é ... que circula o mangue, que é mais problemática, mas nem todo mundo ... é ... 2% das pessoas que moram em volta do mangue, que ainda jogam lixo; quer dizer, não é ... uma favela da Rocinha, que as pessoas tão invadindo a mata. Não, é uma coisa fácil! O mangue é totalmente cercado pelo muro da Marinha, depois é cercado por uma tela. Tem um centro de educação ambiental de referência (pôxa, você não trouxe um CD virgem, né, pra mim gravar pra você; eu fiz uma pesquisa, que pra você seria do c., pô, porque lá tá perguntando o que é mangue, o que é manguezal, o que é APARU do Jequiá, o que é aquele

... se as pessoas sabem o que é que é aquele prédio, se já entraram no prédio, que que viram no prédio, qual é a profissão de cada pessoa ...

Você fez essa pesquisa com quem?

Eu fiz mesmo, é da colônia! Foi distribuído pra duas meninas que trabalham com a gente ... são voluntárias da gente, elas passaram na colônia ... essa ficha, depois elas pegaram. Já tá pronto, já tá em gráfico. Acho que pra você seria do c., porque já tá em gráfico. Aí você vê, uma coisa que eu fiz de graça, que até foi um menino que trabalha na ... aqui, num negócio aqui, num negócio de contabilidade, tirou xerox pra mim. Quer dizer, coisa fácil! Aí você vê um prédio, dizem que gastaram na época, 500 e poucos mil reais pra construir, um espaço daquele, é... uma firma de engenharia que ganhou, só o primeiro ano, 280 mil reais ... pra educação ambiental ... o biólogo não sabe o que é mangue, é ... expulsa a comunidade, diz que o problema é a comunidade (se você falar com o Maninho, você vai escutar ele falar isso aí pra você), porque como eles não conseguem, não sabem, tá, não sabem o que eles tão fazendo aqui, é mais fácil você culpar a ... acham que a comunidade que é culpada. Então, eu sou uma pessoa ... eu sou culpado, porque eu tô batendo de frente! As escolas vêm aqui pra fazer um trabalho comigo no mangue; não vão lá. A última escola que veio aqui, sabe de onde que era a escola? Nilópolis! Porque da Ilha ninguém ia. Porque os professores que fazem trabalhos nas escolas, de graça, em todas as escolas da Ilha, da rede municipal, todo mundo conhece nosso trabalho, não é só meu, é um grupo de pessoas que trabalham, e ... a gente faz informativo, a gente tem livrinho que dá pras crianças ... e no prédio, não funciona. As professoras iam com as crianças pra cá, fazia uma turma e não voltava mais nenhuma. Porque passavam um monte de coisa que não tinha nada a ver e ... e informação pra criança, não passava nenhuma, falavam da Mata Atlântica, falavam da

Amazônia, falavam do pantanal, mas do manguezal do Jequiá não tinham informação, e a comunidade era culpada!

Então, tudo isso cai nas suas costas, isso cai em cima de mim! Porque ... os caras jogam pesado. Você vê como é que é: o morro da Shell, a maior estufa de mangue da América Latina, com seis homens empregado de carteira assinada, com tudo, era 32 mil reais por ano! Olha que é combustível, é tudo o que você possa imaginar; seis homens de carteira assinada, minha filha, com a categoria de jardinagem, né, porque encaixava jardinagem, é ... é ... 40% de insalubridade, aquele teto máximo de insalubridade, que é aquele trabalho altamente insalubre ... 32 mil. Sabe quanto é o prédio da educação ambiental? 280 mil! Dez meses, e a Shell ali em cima, né, é relatório trimestral, você tem que fazer ... e era produção de mangue que a gente dava ... a gente recuperava o morro da Shell, era educação ambiental (tenho uma porrada de foto, aí das crianças visitando a estufa, e tudo) e funcionava!

Aí, o que os caras fazem: você é o problema; porque não pode funcionar!

ANEXO 03. Exemplos de guias de controle da Marinha⁵⁰

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESTAÇÃO RÁDIO DA MARINHA NO RIO DE JANEIRO
COLÔNIA Z-1
AUTORIZAÇÃO PARA ENTRADA DE MATERIAL

ORDINT 024

Anexo e

_____ VIA

_____ morador a
rua _____ n° _____, Colônia
Z-1, tem permissão para entrar na Colônia com o seguinte material de sua propriedade:

_____.

Rio de Janeiro, GB. Em _____ de _____ de ____ / ____ / ____

⁵⁰ Essas guias foram transcritas a partir dos originais por Zé Luis, aos quais não tivemos acesso.

Ordem Interna 024
(Anexo c)

MINISTERIO DA MARINHA
ESTACÃO RADIO DA MARINHA NO RIO DE JANEIRO
SOLICITAÇÃO DE CARTÃO DE TRANSITO
COLÔNIA Z-1

_____ morador a
Rua _____ nº _____ proprietário
do veículo _____ PLACA _____

vem solicitar a V.Sa. o Cartão de Autorização para transitar com o referido veículo pelo
Portão do Jequiá, a qualquer hora do dia ou da noite.

Rio de Janeiro,GB. Em ____/____/_____.

OBS: Juntar seguintes documentos

- a) Cartão de Identidade.
- b) Certificado de propriedade do veículo
- c) Seguro de Responsabilidade
- d) Licença do veículo.
- e) Carteira de Habilitação
- f) Dois (2) retratos 3X4

